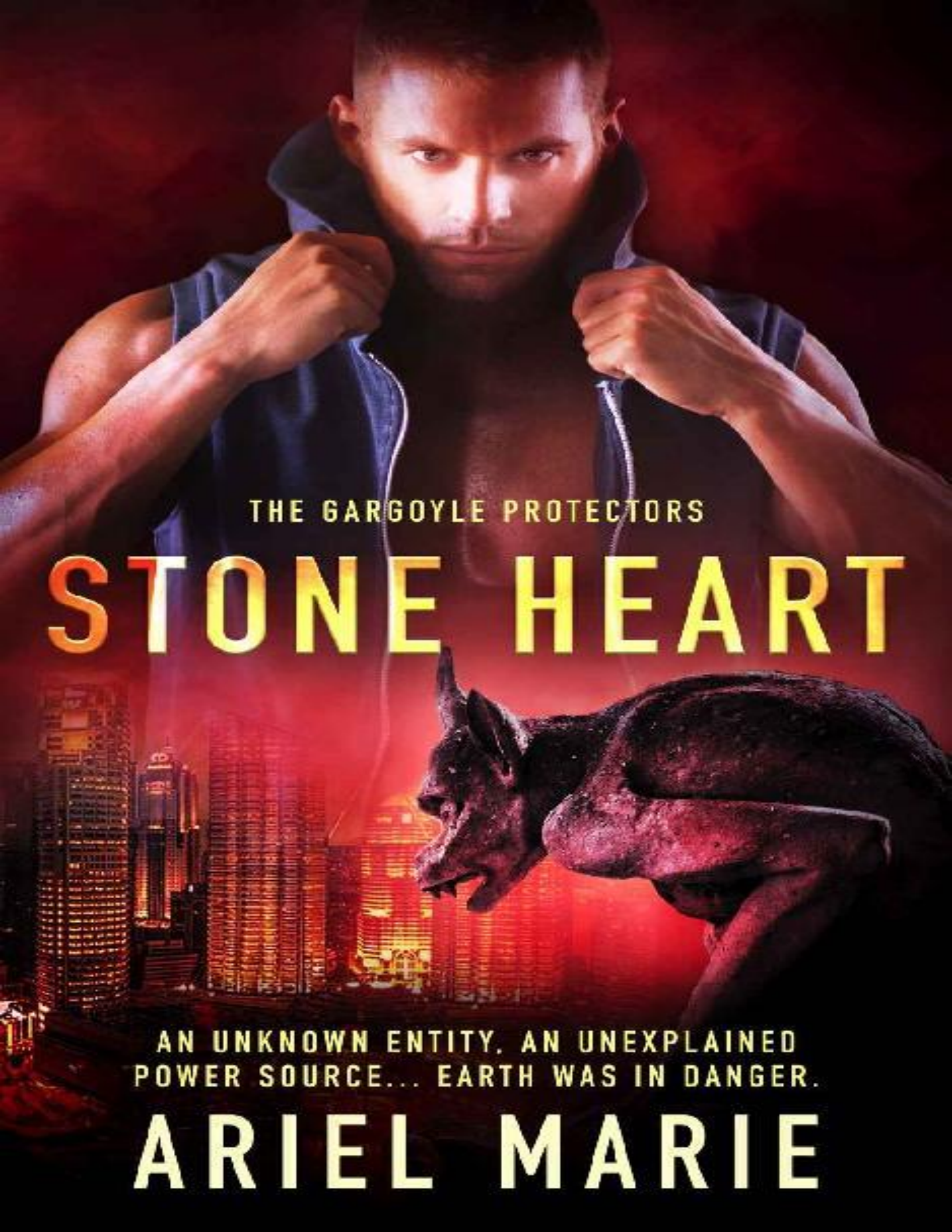


A movie poster for 'Stone Heart'. The top half features a man with a serious expression, wearing a dark blue zip-up hoodie with the hood pulled up over his head. He is looking directly at the camera. The background is a deep red. In the lower right, there is a dark, stone gargoyle statue in a crouching position. In the lower left, a city skyline at night is visible with illuminated buildings. The title 'STONE HEART' is prominently displayed in the center in large, yellow, blocky letters. Above it, in smaller white letters, is 'THE GARGOYLE PROTECTORS'. Below the title, in white letters, is a tagline. At the very bottom, the name 'ARIEL MARIE' is written in large, white, blocky letters.

THE GARGOYLE PROTECTORS

STONE HEART

AN UNKNOWN ENTITY. AN UNEXPLAINED
POWER SOURCE... EARTH WAS IN DANGER.

ARIEL MARIE





TRADUÇÃO: ALECTO
REVISÃO INICIAL: IZABELLY
REVISÃO FINAL: REJANI
LEITURA FINAL: AMANDA
CONFERENCIA: BELLY
FORMATAÇÃO: IZABELLY

UMA ENTIDADE DESCONHECIDA, UMA FONTE DE ENERGIA INEXPLORADA... A TERRA ESTAVA EM PERIGO.

Gárgulas, uma raça humanoide alada de guerreiros, passaram milhares de anos garantindo a sobrevivência do planeta. Rhodack Gahnoth, líder do Clan Gahnoth, exigiu que seus gárgulas defendessem o reino contra uma nova ameaça. Enviando seu guerreiro de maior confiança para investigar o inexplicável, ficou sem fala quando o guerreiro retornou com um pedacinho de mulher com cabelo dourado chamada Rina Smith.

Seus poderes eram os mais fortes de qualquer ser, e algo estava caçando-a. Para piorar a situação, ela estava sob um poderoso feitiço, acreditava ser humana e era a companheira de Rhodack. Uma vez que o feitiço foi removido, a verdadeira identidade de Rina foi revelada, e ninguém ficou mais chocado do que ela. Ela precisaria de um curso intensivo no mundo paranormal para levá-la à velocidade. Uma coisa que ela não precisava de ajuda era sua atração pela gárgula alto e pensativo. Ele não escondeu o fato de que ele a queria. Sua hesitação foi recebida com sua persistência.

*O que Rhodack queria, ele pega.
Por causa de quem ela era, uma guerra que não tinha lugar na Terra seria derramada no reino. Caberia a Rhodack e suas gárgulas enfrentar esse novo inimigo de frente.*

Rhodack prometeu proteger Rina, mas como o destino o queria, ela não precisaria de sua proteção, afinal de contas - ele precisaria dela.

CAPÍTULO 1

Ele fez o seu caminho para a frente da multidão, o silêncio ecoando durante a noite. Seus guerreiros baixaram a atenção para o chão, e o mar de corpos se separou para permitir que ele alcançasse seu destino. Ele enrolou o lábio superior em um sorriso de escárnio enquanto olhava para os fios de fumaça que ainda permaneciam no ar.

Aquele ar mudou levemente, como se sentisse a raiva crescendo em seu peito. Ele olhou para a visão vazia de onde a escadaria de pedra terminava.

Ele cheirou.

Enxofre.

Um grunhido vibrou em seu peito, e ele olhou para a única coisa que seu povo deveria guardar.

O portal para o reino da Terra.

—Como isso aconteceu?— ele perguntou com as presas

apertadas. Ele se virou, observando os rostos de seus guerreiros gárgulas.

Gárgulas - uma raça de soldados humanoides alados que guardou os portais para o reino humano por quase um milênio. Nunca antes algo escapou através de um portal e passou despercebido.

Seu foco voltou para a área onde o portal apareceu quando aberto, o claro céu noturno o cenário perfeito para o acesso no telhado a este mundo.

Era uma área altamente protegida que ficava no topo de um dos edifícios mais altos de Cleveland. O prédio do Banco de Aço, uma antiga estrutura em ruínas no coração da área mais difícil do centro.

Para o olho humano, o edifício parecia dilapidado, abandonado e até considerado assombrado. Mas não era. Era protegido com a magia mais forte para esconder algo tão poderoso.

Um portal que conectava o reino da Terra com uma infinidade de reinos.

Os portais estavam localizados nas principais cidades do mundo. Sydney, Las Vegas, Londres, Tóquio, Moscou e Cairo.

Tudo protegido por clãs gárgulas.

Rhodack Gahnoth, líder do Clan Gahnoth, esperou que seu chefe de segurança respondesse.

Vikuth se adiantou, a raiva ardendo em seus olhos. Seu rosto demoníaco refletia a carranca de Rhodack. Seu chefe de segurança estava com o clã desde que eram crianças. Vikuth se comprometeu a servir Rhodack quando eram mais jovens e nunca o decepcionou.

—Essa explosão de energia derrubou todos os nossos sensores durante o dia. Nós viemos imediatamente...

—O que atravessou?— As três palavras cortadas de Rhodack foram recebidas com silêncio.

As gárgulas em volta dele se mexeram desconfortavelmente. Os olhos penetrantes de Rhodack captaram o grupo. Ele já sabia a resposta que eles temiam contar a ele.

Eles não sabiam.

Alguém não derrubaria sua rede de energia, arrebentaria o portal e não atravessaria. Este foi um plano cuidadosamente pensado. Quem quer que fosse, tinha grandes bolas para atacar o portal quando as gárgulas estavam mais fracos - durante o dia.

Algo ou alguém estava agora no reino da Terra que não pertencia.

—Não tenho certeza— admitiu Vikuth em voz baixa.

O rosnado de Rhodack ecoou pelo ar. Suas asas nas costas dele mudaram quando sua irritação cresceu. Rhodack era o mais forte dos gárgulas de seu clã. Era ele quem eles olhavam para cima, e era ele quem era temido como o feroz defensor do reino.

Ele mantinha seu clã no mais alto padrão, e esse lapso descuido era inaceitável. Ele deu um passo à frente em direção ao seu amigo de longa data. Ele estreitou os olhos em Vikuth quando parou diretamente na frente dele. Como líder do clã, era o trabalho de Rhodack garantir que os guerreiros gárgulas estivessem no seu melhor.

O olhar firme de Vikuth encontrou o de Rhodack. Ser seu amigo não impediria Vikuth de sentir a ira do líder do clã. De qualquer forma, Vikuth sofreria mais na mão de Rhodack pela violação. Era Vikuth quem era o chefe de segurança. Ele responderia a Rhodack sobre o motivo pelo qual algo havia passado sob seu controle.

O reino dependia dos gárgulas para proteção. Foram os gárgulas que asseguraram que este reino fosse protegido daqueles que desejam destruir o mundo.

—Eu quero saber o quem diabos passou e por que, Vikuth. Você e seus homens não descansarão até que seja encontrado.— Rhodack voltou sua atenção para as gárgulas que estavam atrás de Vikuth.

Vikuth assentiu. —Sim senhor.

—Este reino tem sido protegido por gárgulas há muito tempo, e não vamos entrar para a história como o primeiro clã a falhar.— A voz de Rhodack atravessou o telhado, onde todas as gárgulas podiam ouvir. Seus músculos ficaram tensos - a sensação do desconhecido tomou conta dele. Algo estava vindo para o reino da Terra, e eles estariam lá para defendê-lo. —Nós somos o Clã Gahnoth.

—Gahnoth— O nome de sua família ecoou nos lábios dos gárgulas. Cada um deles havia se comprometido a servir sua família e o reino.

Sua fera estava enrolada. Rhodack andou de um lado para o outro, seus homens saindo do caminho. Ele fez uma pausa e se virou para os guerreiros diante dele, suas asas voando para os lados. Ele conhecia a imagem que ele retratou.

Líder do clã feroz.

Defensor do reino.

Seus homens seguiriam cada movimento dele. Ele deslizou seu olhar afiado através do telhado para os gárgulas na frente dele. Cada rosto continha o olhar de firme determinação. Ele sabia que seus homens não o decepcionariam novamente.

—Nós temos sido defensores deste reino, protegendo este mundo dos espíritos malignos e divindades. Nós não os decepcionaremos.— Ele rosnou. —Somos gárgulas.

Burburinhos ecoaram enquanto cada besta se tornava ousada. Carrancas alinhavam os rostos de seus homens. Suas caudas, chifres e garras eram todos únicos. Alguns tinham chifres, enquanto outros não. Gárgulas há muito tempo eram confundidos com demônios, mas não eram demônios. Eles poderiam tomar a forma de um humano quando eles escolhessem, mas esta noite, sob a lua

cheia, todos eles escolheram aproveitar sua besta interior. Uivos encheram o ar enquanto se preparavam para a perseguição.

—Agora vão — Rhodack comandou, apontando para o céu escuro da noite. —Encontre o que cruzou. Traga isso para mim.

Ele se virou quando seus homens correram para a borda do arranha-céu. Suas asas se espalharam e corpos se afastaram do prédio. O céu ficou cheio dos protetores alados na caça.

Rhodack andou até a beira do prédio, o peito subindo e descendo rápido. Ele ansiava por ir com seus homens, mas como o líder do clã, ele sabia o que deveria fazer primeiro.

Ele deve notificar os outros clãs de que houve uma violação.

Todos eles devem ficar de olho no que pode estar chegando. E da ensaço desconfortável que rolava na boca do estômago, ele sabia que não era bom.

Não, não mesmo.

Todos precisariam se preparar.



—EU NÃO SEI o que há em você que faz as pessoas comprarem o que você sugere, Rina.—Alicia riu quando fechou a porta atrás de seu último cliente.

Rina estremeceu, tentando manter a dor a distância. Essa enxaqueca dela era uma assassina hoje. Graças a Deus era hora de fechar em sua pequena loja de roupas. Ela olhou para Alicia voltando para os registros.

—Talvez porque eu seja honesta com eles?— Rina deu de ombros, contando o dinheiro no registro.

—Eu ainda digo que você coloca algum tipo de vodu sobre os clientes quando eles entram na loja. Eu ainda tenho que ver um cliente dizer que não.— Ela suspirou, dando a volta no balcão.

Ela começou a limpar a bagunça que haviam feito enquanto Rina contava as gavetas e arrumava o dinheiro para o depósito noturno no banco.

—Bem, pelo menos encontramos o nosso objetivo esta noite— anunciou Rina. Ela tentou dar um sorriso premiado para Alicia, mas não conseguiu. A sala girou um pouco quando a dor se intensificou. Ela estremeceu novamente, não mais capaz de esconder sua dor.

—Você está bem?— Alicia olhou para Rina, seu rosto mostrando sua preocupação.

—Apenas uma dor de cabeça.— Rina tentou acenar, mas Alicia não estava ouvindo nada disso.

—Você tem tido essas enxaquecas com mais frequência ultimamente. Talvez você devesse procurar um médico?

—Para ele me dizer que estou sob muito estresse?— Rina arqueou uma sobrancelha para Alicia.

Ela já tinha ido ao médico de família. Ela pediu um exame físico completo e, como de costume, ela estava em perfeita saúde. Nem uma coisa estava anormal em qualquer exame de sangue ou exame.

Nada.

Era como o Dr. Jameson disse - ela estava sob muito estresse e precisava relaxar.

—Tenho certeza que eles vão dizer mais.

—Bem, ele não fez. Relaxamento é o que o médico pediu e, neste momento, não posso me dar ao luxo de tirar uma folga.— Ela suspirou, esfregou as têmporas e olhou para a colega de trabalho. Um pequeno sorriso finalmente agraciou seus lábios com o olhar de pena que veio sobre o rosto de Alicia.

—Sinto muito, Rina. Há algo que eu possa fazer?

—Não. A escola está quase terminando o semestre, e assim que acabar, vou tirar o verão. Eu só vou trabalhar e nada mais.

—Bem, isso é bom. Você é jovem demais para trabalhar sozinha.

Rina riu e terminou de colocar o dinheiro na bolsa de depósito bancário. Eles correram para terminar de limpar a loja. Ela tinha que admitir que realmente tinha um jeito de vender. Os clientes correram para ela e sempre saíram com um bom negócio e um

sorriso. Seu empresário podia contar com ela fazendo o objetivo da loja toda noite que ela trabalhava.

—Algum plano para o fim de semana?— Alicia perguntou, trancando a porta.

O banco ficava a algumas portas de distância e colocavam o dinheiro na caixa de depósito do banco durante a noite.

—Não, não realmente. Fazer algumas pesquisas e vagabundando, se Chelsey me permitir.

Sua colega de quarto e melhor amiga, Chelsey Coffey, provavelmente não deixaria Rina ficar em casa neste fim de semana. Chelsey trabalhava em marketing e tinha um grande evento planejado neste fim de semana que ela tinha certeza que tentaria arrastar Rina com ela como uma acompanhante.

—Bem, você avisa sua amiga se ela quiser dar algum ingresso, ela pode me ligar,— Alicia se ofereceu.

—Eu vou ter certeza de deixá-la sabendo.— Rina riu quando chegaram ao banco. Um calafrio percorreu sua espinha e sua respiração ficou presa na garganta. Ela fez uma pausa e olhou ao redor da calçada vazia.

—O que foi?— Alicia perguntou, claramente notando o desconforto de Rina.

—Não é estranho que nós somos as únicas agora? Quero dizer, geralmente há outras pessoas vindo para fazer o depósito agora também —ela murmurou, olhando para a rua vazia.

Ambas as garotas se aproximaram e Rina examinou cuidadosamente o ambiente. Um sentimento estranho tomou conta dela. Normalmente, outras pessoas das outras lojas estariam saindo de suas lojas e indo para o banco também, mas por alguma razão, Rina e Alicia foram as primeiras a aparecerem aqui.

—Agora que você disse isso, é um pouco estranho. Vamos, depressa.— Alicia fez sinal para que Rina se movesse para a caixa de depósito.

Rina abriu rapidamente o depósito do banco e deixou cair a bolsa. Ela fechou e abriu novamente para garantir que o saco de dinheiro tivesse desaparecido dentro do banco.

—Vamos dar o fora daqui— disse Rina, deslizando a bolsa em seu ombro. Ela chegou e pegou as chaves para que ela pudesse destrancar o carro enquanto se aproximava.

—Você não tem que me dizer duas vezes— Alicia murmurou.

Por sorte, o estacionamento para funcionários do centro comercial da cidade estava localizado do outro lado da rua. Elas correram pela estrada ainda vazia para o estacionamento.

Rina segurou a bolsa perto do corpo e elas entraram no estacionamento. Ela se virou para Alicia, sabendo que elas teriam que se separar para chegar aos seus próprios carros.

—Não se esqueça de verificar o seu carro primeiro, em seguida, trancar as portas quando você entrar— disse Rina.

Essas eram sempre as regras que sua mãe lhe ensinou. Solana Smith, mãe solteira que criava a filha, sempre usava segurança em sua cabeça. Seu pai, Joshua Smith, morreu quando Rina era uma menina. Ela realmente não tinha lembranças de seu pai além daquelas que sua mãe compartilhava com ela.

—Sim, mãe—, Alicia brincou, mas Rina tinha certeza que sua amiga faria isso. —Até logo.

Eles deram um aceno rápido e correram para seus carros. Rina simplesmente não conseguia se livrar da sensação de estar sendo observada. Ela parou no carro e espiou pelas janelas para garantir que ninguém estivesse em seu veículo. Ela olhou para Alicia e acenou novamente antes de assistir a amiga desaparecer em seu carro.

Ela empurrou o cabelo loiro grosso sobre os ombros e pegou a maçaneta da porta. Ela olhou para o outro lado do estacionamento. Uma figura escura ficou parada. Ela arregalou os olhos para o tamanho da ... coisa.

Não é possível.

Nem parecia humano.

—O que no mundo?— Ela murmurou, rapidamente voando para seu carro.

Ela apertou o botão de bloqueio e imediatamente colocou a chave na ignição. Ela não perdeu tempo em ligar o carro e colocá-lo na direção. Ela saiu de seu lugar e se dirigiu para a rua, longe da figura assustadora, e checkou seu espelho retrovisor.

Foi embora.

—Ou esta enxaqueca está realmente me afetando ou eu estou ficando louca.— Ela guiou o carro para a rua e pisou no acelerador. Ela queria colocar tanta distância entre ela e o estacionamento quanto pudesse.

Ela balançou a cabeça ante a lembrança da figura. Ela tinha que estar alucinando. Coisas assim não existiam. Grandes figuras musculares com asas simplesmente não habitam o mundo real.

Talvez ela precisasse de férias afinal.

CAPÍTULO 2

Um ruído ofensivo distante encheu o ar. Rina lutou para ganhar sua liberdade dos braços do sono. Ele tentou mantê-la refém junto com seu travesseiro e cama macia, e no momento, ela não sabia por que ela estava lutando para ser livre. Era bastante confortável e seu corpo não queria se mexer. Ela bocejou e, sentando-se, finalmente percebeu o barulho do telefone tocando.

—Alô?— Ela estremeceu ao som de sua própria voz. Ela rolou de costas, grata por sua enxaqueca ter finalmente desaparecido. A noite passada tinha sido pior do que nunca.

—Rina, é mamãe. Você ainda estava dormindo?— a voz incrédula de sua mãe atravessou a linha.

—Eu estou de pé agora— ela murmurou, não querendo abrir os olhos novamente.

—Rina, são duas da tarde. Por que você ainda está na cama? Eu não criei nenhum ...

— *Que horas são?*— Rina voou da cama, incapaz de acreditar que dormiu até tão tarde. Seu olhar voou para o despertador na mesa de cabeceira e confirmou a hora.

—Querida, você está bem?— sua mãe perguntou, sua voz suave confortando Rina. —Chelsey me ligou esta manhã, preocupada. Ela disse que você estava tendo enxaquecas ruins novamente.

—Eu estou. Foi muito ruim na noite passada, mamãe — ela murmurou.

—Por que você não vem para casa? Deixe-me dar uma olhada em você. Você não vem em casa há uma semana e eu sinto sua falta.

—Mãe, eu moro a dez minutos, talvez quinze, dependendo do trânsito.— Rina riu.

Sua mãe tendia a exagerar em algumas coisas, mas Rina sabia que era tudo por amor.

—Venha para casa, deixe-me cozinhar para você. Você pode relaxar e colocar os pés para cima. Chelsey me disse que você estava de folga neste fim de semana.

Rina sorriu com a oferta tentadora. Ela e sua mãe eram tão próximas quanto mãe e filha poderiam ser. Eles tinham o relacionamento perfeito, e mesmo tendo sido apenas as duas quando Rina estava crescendo, ela nunca quis mudar por nada.

Deixar a mãe dela cuidar dela parecia tentador agora. Ela estaria fazendo o que o bom doutor pediu.

Relaxar.

A mente finalmente fez as pazes, ela jogou os edredons para trás e deslizou para fora da cama.

—Ok, mãe.— Ela riu do grito de alegria da mãe. —Estou chegando. Você me conquistou quando disse que estaria cozinhando.

Ela desligou o telefone e sabia que sua mãe teria uma refeição luxuosa esperando por ela. Rina e Chelsey mal conseguiam ferver a água. Ambas dependiam muito de comida, e sua mãe sempre poderia suborná-la com a promessa de comida.

Correr para a casa da mãe para uma refeição caseira era exatamente o que ela precisava. Vinte minutos depois, ela estava saindo da casa que dividia com Chelsey. Não havia nenhum sinal de sua companheira de quarto, então ela deixou um bilhete dizendo que ia passar o dia na casa da mãe.

Ela olhou para a esquerda e para a direita, e a mesma sensação que teve na noite anterior veio sobre ela. Ela olhou ao redor do bairro, arrepios se espalhando ao longo de seus braços. Alguns de seus vizinhos estavam em seus quintais, sem lhe dar atenção.

—Figuras assustadoras com asas não existem— ela murmurou, entrando em seu carro. Ela inseriu a chave na ignição e a girou. O ronronar de seu carro encheu o ar. —Isso foi uma invenção da minha imaginação durante uma enxaqueca.

O caminho até sua mãe foi rápido, mas permaneceu tensa. Ela não podia deixar de manter um olhar atento como ela tinha visto as

peessoas fazerem nos filmes. Ela tentou determinar se estava sendo seguida, mas não havia sinais claros disso. Ela estacionou o carro na garagem da sua mãe e olhou em volta.

Nada.

Ela soltou um suspiro profundo e revirou os olhos. Se ela tivesse um stalker, ela estaria sem sorte. O leve toque de sua enxaqueca espreitava na base de seu pescoço.

—Eu devo estar ficando louca— ela resmungou, saindo de seu carro.

Ela pegou sua bolsa e mochila do banco do passageiro. Na sua idade, a pós-graduação não a levaria a lugar nenhum. Se ela queria fazer uma vida melhor para si mesma, conseguir um mestrado em negócios era como ela planejava conseguir isso.

—Por que você está ficando louca, querida?— Sua mãe a recebeu do alpendre de sua casa de infância. Solana Smith foi uma visão de beleza. Rina nunca entendeu por que sua mãe nunca namorou ou se casou novamente após a morte do seu pai.

Olhando para a mãe, presumia que ela tinha puxado o pai, pois tudo o que era leve e claro em Rina, era escuro em sua mãe. Rina era loira e tinha olhos azuis, enquanto sua mãe era morena de olhos castanhos.

Ela tinha visto fotos de seu pai e sabia que ela era sua imagem cuspida. Ela só queria poder lembrar dele. Ela tentou evocar uma

lembrança dele desde a infância, mas tudo o que isso fazia era provocar sua enxaqueca.

—Não tenho certeza. Eu continuo tendo a sensação de que estou sendo vigiada—ela murmurou, entrando nos braços abertos de sua mãe para um abraço.

Sua mãe apertou-a com força antes de se afastar dela. Preocupação encheu seus olhos quando ela olhou para Rina. —Por que você diz isso?

—Eu não sei. É apenas um sentimento que tenho tido desde ontem. Eu não posso me livrar disso. Com minhas enxaquecas se recuperando, começo a pensar que estou enlouquecendo.

A mão macia de sua mãe segurou sua bochecha. Ela olhou em seus olhos. Sua mãe sempre parecia ter um talento para a cura natural.

—Eu posso ver que sua dor está crescendo, minha querida. Deixe-me pegar uma boa comida em você. Vou tirar a dor, —sua mãe prometeu com um sorriso. Ela se inclinou e deu um beijo na testa de Rina.

Rina não sabia por que, mas um gesto tão pequeno sempre a fazia se sentir melhor. Era como se a dor de cabeça soubesse que não seria párea para a mãe dela.



RHODACK SE INCLINOU sobre a mesa da sala de guerra no covil de Gahnoth. No subsolo, sob a superfície da Terra, uma cidade inteira habitava. Magias pesadas protegiam o mundo subterrâneo, escondendo a cidade dos humanos. Eles não tinham conhecimento dos outros que existiam junto com eles. Claro, alguns sabiam do mundo paranormal, mas eles tinham jurado segredo por qualquer motivo que pudessem saber sobre os gárgulas e a cidade secreta.

Os gárgulas estavam ligados à noite, quando seus poderes eram os mais fortes. Durante o dia, se a luz do sol tocasse sua carne, seus corpos se transformariam em pedra, prendendo-os até o anoitecer retornar.

Por causa dessa maldição, seu mundo foi construído sob a superfície da Terra para eliminar a ameaça do sol.

Rhodack estudou atentamente o mapa mundi colocado sobre a mesa diante dele. Ao falar com dois dos outros clãs, foi comunicado a ele que o de Cairo e Sydney também haviam sofrido violações. Com três dos portais da Terra sendo quebrados, os outros clãs foram avisados para aumentar sua segurança.

Não havia informações sobre o que havia cruzado neste reino, mas os outros líderes do clã concordaram que esse nível de infiltração poderia ser perigoso. Não saber o que havia acontecido poderia colocar todo o reino em perigo.

Um grunhido escapou de seu peito quando ele se levantou da mesa. Ele colocou as mãos humanas na borda e continuou a estudar o mapa.

O que era tão importante sobre Cleveland, Sydney e Cairo? Qual era a conexão?

As portas da sala explodiram, chamando sua atenção. Ele rosnou, virando-se para ver quem o incomodaria tão ousadamente quando ele especificamente disse que não queria ser interrompido.

—Minhas desculpas por se intrometer— anunciou Vikuth, curvando-se para Rhodack.

Vikuth, em sua forma natural, era um gárgula forte. Um chifre adornava sua testa. Suas escamas cinza escuras mostravam muitas cicatrizes de batalhas ao longo dos anos. Ele não era tão alto quanto Rhodack, mas estava próximo em força.

Eles haviam treinado juntos em sua juventude. Suas habilidades de luta eram semelhantes entre si. Rhodack confiaria em Vikuth a sua vida e já viera muitas vezes. Ele sabia que o mesmo era sentido por ele. Ele não hesitaria em proteger seu amigo, seu braço direito.

—Para esta invasão, eu entendo que você encontrou o que cruzou para este reino?— Rhodack caminhou até o chefe de segurança. Ele trancou os olhos em Vikuth enquanto se levantava de sua posição ajoelhada.

—Para ser sincero, não tenho certeza do que tenho exatamente— admitiu Vikuth.

O interesse de Rhodack foi despertado. —Então, o *que* você tem?

—Ontem à noite, quando estávamos revistando a cidade, me deparei com uma poderosa fonte de energia que nunca vi antes— começou ele.

Seus olhos escuros encontraram os de Rhodack, que percebeu que seu chefe de segurança estava confuso.

Rhodack acenou para o amigo até a área de estar da sala. Eles caminharam até as cadeiras que se enfrentavam. Vikuth mudou para sua forma humana, sacudindo a mão, usando magia gárgula para produzir roupas.

—Onde você viu a energia?— Rhodack perguntou. Eles tomaram seus lugares. Apertou o botão na mesa para chamar um dos servos para trazer bebidas. Uma conversa como essa tinha que ser feita com uma bebida forte. Levaria os clãs de todo o mundo a trabalhar juntos para descobrir essa violação.

—Acredite ou não, veio de uma casa onde moram duas mulheres— anunciou Vikuth.

As portas se abriram e ele ergueu as mãos. Uma fêmea entrou na sala carregando uma bandeja com seu bourbon favorito. Ela serviu as duas bebidas com um sorriso nos lábios. Ela também era gárgula, mas optou por usar sua forma humana. Seu cabelo escuro estava

puxado para trás do rosto em um coque apertado. Ela usava o habitual uniforme escuro dos criados.

Rhodack pegou o amigo olhando a bunda da empregada enquanto ela se curvava para ele. Ele sorriu sabendo que a serva ganhou a atenção de Vikuth.

—Gostaria de mais alguma coisa, senhor?— ela perguntou, olhando para Rhodack.

—Isso é tudo por agora. Deixe a garrafa aqui.— Ele acenou para a mesa ao lado dele.

—Sim, senhor. — ela murmurou antes de se virar para sair.

Rhodack tomou um gole de sua bebida. A cabeça de Vikuth virou-se para ver a serva sair.

—Ela é nova—murmurou Rhodack.

—Já reparei.— Os olhos de Vikuth se iluminaram com esse conhecimento. A tensão foi temporariamente interrompida pela brincadeira nos olhos de seu amigo. —Vou ter que me apresentar a ela mais tarde.

—Não enquanto investigarmos essa brecha, você não vai — anunciou Rhodack, matando o clima.

O sorriso desapareceu do rosto de Vikuth na declaração. Ele acenou para Rhodack.

—Por favor, continue sua história —insistiu Rhodack.

—Como eu estava dizendo, a energia estava fluindo de uma casa que eu encontrei tendo apenas duas fêmeas humanas nela.— Vikuth retornou à sua história, todos os traços de sua brincadeira agora se foram.

—Mas como isso poderia ser possível? Tem certeza de que não era outra coisa?

Vikuth balançou a cabeça. —Não. Tenho certeza que estava vindo da casa. Eu sobrevoei ela. Essa energia era forte e poderosa. Não tenho certeza se isso é uma coincidência, mas aconteceu no mesmo dia da brecha. Eu não quero esquecer nada.

—Como não deveríamos.— Rhodack colocou o copo vazio na mesa. As rodas em seu cérebro se voltaram. *Isso poderia* ser uma coincidência? A maioria dos paranormais poderia controlar seus poderes. Eles não apenas deixariam a energia fluir sem motivo algum.

—Alguma palavra dos outros clãs?— Vikuth perguntou.

—Sim. Aparentemente, Cleveland não é a única cidade a ter o mesmo problema.

Vikuth amaldiçoou sob sua respiração. —Eu vou olhar para essa energia. Tem que estar relacionado. Nós voamos pelos céus há séculos e nunca vi nada como isso.

—Encontre a fonte e traga para mim.

CAPÍTULO 3

—Chelsey, eu realmente não deveria estar saindo para uma festa. Eu deveria estar em casa estudando — protestou Rina pela milésima vez.

Sua melhor amiga a pegou na casa da mãe e trouxe roupas, sapatos e maquiagem para ela.

Emboscada.

Passar algumas horas na casa de sua mãe era exatamente o que ela precisava. Todos os sinais de enxaqueca desapareceram. Ela colocou os pés para cima e deixou a mãe cuidar dela. Ela tinha planejado ficar a noite e deixar os mimos continuarem.

Chelsey Coffey tem outros planos para mim.

—Você sabe que eu amo quando você vem como minha acompanhante. Todo mundo reage a você e ama você— choramingou Chelsey enquanto dirigia em direção à boate que ela estaria trabalhando nessa noite.

Chelsey foi contratado por uma agência de marketing bem conhecida. A especialidade de Chelsey era lançar novos produtos, e

esta noite foi para uma das empresas de bebidas destiladas que estavam revelando uma nova marca de vodka.

—Então, em outras palavras, você está apenas me usando.— Rina olhou para a amiga, erguendo uma sobrancelha para ela.

—Eu comprei um vestido novo para você como pagamento.— Chelsey riu, claramente sabendo que ela foi pega. —Eu não posso entender como as pessoas sempre migram para você. Eu juro que você deveria vir trabalhar comigo. Saia da faculdade e você fará uma fortuna no meu escritório. Eles adorariam ter alguém como você.

—Não me tente— Rina murmurou, olhando pela janela.

Chelsey estava ganhando um bom salário com sua companhia, enquanto Rina trabalhava na pequena loja de roupas.

Elas pararam na área de manobrista localizada em frente ao clube. Rina suspirou. Clubes não era sua coisa, mas por sua amiga, ela sorria e ajudava. Ela preferia festas particulares, que ela organizava, não boates.

Os manobristas correram para o carro e as ajudaram a sair do veículo. Ela parou no meio-fio enquanto esperava por Chelsey se virar para ficar ao seu lado. Rina pegou a longa fila de aspirantes que estavam tentando entrar na festa exclusiva.

—Você não precisa parecer que vai encontrar sua morte.— Chelsey riu novamente, agarrando a mão de Rina. —Você vai se divertir, eu prometo.

Rina permitiu que Chelsey a arrastasse para a boate. Reclamações podiam ser ouvidas da multidão esperando. Mal sabiam eles, que Rina trocava com qualquer um deles. Ela suspirou e colocou seu sorriso brilhante, sabendo que sua amiga iria colocá-la para trabalhar.

Música tocava nos alto-falantes. Rina não podia se ouvir pensar, muito menos o que Chelsey estava gritando para ela. Ela apontou para a seção VIP, e Rina se reuniu para acompanhar sua amiga ali. Eles abriram caminho através do clube lotado.

Rina manteve seu sorriso falso estampado no rosto enquanto andava atrás de Chelsey. Ela deslizou as mãos pelo vestido para alisá-lo. Ela tinha que admitir, sua amiga sabia que ela tinha bom gosto e que Rina tinha um fraco por roupas bonitas. O vestido era preto e se encaixava como uma luva. Mostrou suas curvas perfeitamente. Ela manteve seus longos cabelos loiros soltos, caindo por seus ombros. Seus calcanhares lhe deram um pouco mais de confiança, fazendo-a um pouquinho mais de 5,5cm mais alta.

Chelsey parou na frente de uma mulher que Rina conhecera antes. Sua colega, Freda, que estava trabalhando na festa com ela.

—Oi, Rina. Eu vejo que Chelsey te arrastou para fora novamente.— Freda deu uma risadinha.

Rina sorriu e acenou com a cabeça. —Sim ela fez. Ela tem sorte de saber me subornar, no entanto.

Eles compartilharam uma risada, e aquela sensação de formigamento familiar percorreu a espinha de Rina. Enquanto Chelsey e Freda falavam, ela girou a cabeça e observou a multidão. Ela imaginou em uma atmosfera como um clube, ela chamaria atenção. Alguém deveria estar olhando para ela. Ela varreu a área perto dela e pegou os olhos de alguns homens aleatórios, todos esperando que ela os reconhecesse.

Ela relaxou e deu a cada um deles um sorriso, voltando-se para a conversa de Chelsey e Freda. Elas estavam imersas em conversas sobre o plano delas de trabalhar na sala e garantir que a multidão experimentasse a nova vodca.

—Então, Rina. Quando você vai vir trabalhar para nós?— Freda sorriu. —Você pode muito bem ser paga com dinheiro real em vez de roupas, se você vai vir trabalhar com Chelsey aqui.

Rina riu e sacudiu a cabeça. —Eu teria que pensar sobre isso. Quem não gostaria de trabalhar com vestidos bonitos e saltos altos? — Freda riu e sacudiu a cabeça também. —Eu acho que você tem um ponto. Bem, se divirta esta noite.

—Obrigado— ela murmurou. A sensação de alguém olhando para ela aumentou. Este não era o sentimento de um cara inocente tentando chamar a atenção de uma garota.

Não. Isso era diferente.

A respiração de Rina ficou presa na garganta. Ela olhou ao redor do clube e não viu nada fora do comum.

—Vamos nos divertir fazendo as pessoas experimentarem o novo produto— anunciou Chelsey com um largo sorriso.

Rina acenou com a cabeça e seguiu a amiga para a seção VIP. Chelsey havia informado Rina no início do carro que esta seção era de empresários que foram convidados pela empresa de bebidas para experimentar o novo item.

Eles começaram a trabalhar na seção, rindo e conversando com os empresários. Rina se esquivou de algumas mãos. Ela deixou Chelsey tomar a liderança enquanto ela voltava. Ela tinha sido atingida por quase todos eles, e um par deles passaram seus números. Até a empresária solitária propôs a ela. Ela sorriu e gentilmente recusou, não querendo ferir nenhum de seus sentimentos.

No final da noite, cada empresa concordou em estocar o novo produto. Chelsey deu uma desculpa para eles que precisavam ir ao banheiro e a puxou para o corredor silencioso, longe da parte principal do clube.

—Oh meu Deus! Obrigado Rina!— Chelsey exclamou, abraçando-a em um abraço apertado.

—Eu não fiz muito.— Ela riu, recuando da amiga.

—Pare de ser tão modesta. Todos os empresários lá amaram você — Chelsey disse.

Rina bufou ao anúncio. Isso foi um eufemismo. —Eu posso reclamar, mas não me importo em ajudar você— ela admitiu.

A felicidade irradiava no rosto de sua amiga. —Sério, você não percebe o tamanho do bônus que estou prestes a receber com essas contas. Tudo por sua causa.— Chelsey fez uma pausa, um sorriso nos lábios.

—Não se preocupe com isso.— Rina acenou com a mão para a amiga. Este não era o momento para se tornar sentimental.

—Sério, eu vou te dar metade— Chelsey jorrou novamente.

—Você não tem que.

—São dez mil dólares— Chelsey interrompeu.

A boca de Rina se abriu e se agitou. Dez mil dólares era metade do bônus dela?

—Não diga nada. É seu. Eu quero que você tenha isso — disse Chelsey.

Rina assentiu, inclinando-se para esmagar a amiga em um abraço. —OK. Eu...-

—Não. Você não vai mudar minha mente —Chelsey anunciou, recuando.

—Eu ia dizer, eu realmente tenho que fazer xixi.

Elas começaram a rir quando Rina apontou para a porta do banheiro atrás delas.

—Merda, foi mal. Vá em frente agora. Eu tenho que voltar lá. A festa está acabando.

—Continue. Eu te encontro lá fora.— Rina acenou para a amiga e abriu a porta do banheiro.

Ela entrou no luxuoso banheiro feminino. Ela rapidamente fez o seu negócio, em seguida, ficou na frente da pia para lavar as mãos. Ela deu um suspiro profundo, desejando sua cama. Ela secou as mãos e imediatamente notou - a música não estava mais tocando.

Seu coração pulou uma batida que finalmente era hora de partirem. Ela abriu a porta do banheiro e saiu para o corredor.

Os alarmes dispararam instantaneamente em sua cabeça.

Ela olhou para um lado e encontrou uma saída de emergência. Ela virou os olhos na direção que precisava ir. Uma névoa escura e cintilante a bloqueava. Descrença a encheu quando a nuvem negra girou no ar.

Um grito surgiu em seu peito e ela se afastou da entidade.

O que diabos tinha nas bebidas que eu tomei?

—Oh Deus! —ela sussurrou, tentando recuar.

A névoa cintilante continuou a se contorcer e flutuou em sua direção. Com muito medo de soltar o grito, ela saiu correndo, indo para a saída de emergência.

Ela bateu o ombro contra a porta, rezando para que ela conseguisse ir embora. Ela saiu cambaleando. Ela olhou para trás. Uma figura tomou forma da névoa escura. Ele correu para ela com um rugido. Ela fechou a porta antes que pudesse escapar.

Uma força bateu na porta, e ela soltou o grito que estava segurando. Ela sabia que deveria correr, mas seus pés pareciam grudados no chão. Rina se concentrou na porta. A força golpeou de novo, e desta vez a porta cedeu.

O ser escuro parecia quase humano enquanto se aproximava dela. No beco escuro, seus olhos eram quase inúteis. Ela só conseguia distinguir a forma. Finalmente, seu corpo entrou em ação quando sua resposta de luta ou fuga entrou em ação.

Ela se virou para correr, xingando por ela estar de salto alto. Um sussurro chamou sua atenção, e ela arregalou os olhos ao ver outra figura voando no céu. Então aterrissou no chão na frente dela, suas asas se dobrando atrás dela.

A figura do estacionamento.

Outro grito escapou de seus lábios. Ela observou as características faciais do ser demoníaco, seus poderosos músculos e asas.

Ela estava presa.

—Eu não vou te machucar— disse a criatura alada, estendendo a mão para ela.

Por alguma estranha razão, ela acreditou nele. A figura de névoa atrás dela irradiava o mal. Ela não sabia como ela sabia disso, mas no fundo de seu intestino, algo gritava para ela fugir.

Os olhos do demônio cortaram para trás, um grunhido vibrando dele. Ele estendeu a mão e a puxou para trás. A figura da névoa liberou um grito, seu corpo brilhando com uma luz branca brilhante que iluminava o beco.

Ela ficou paralisada de medo, seu olhar cativado pelo ser demoníaco que havia caído do céu, agarrando a névoa que se formava pela garganta e batendo no chão, apagando a luz.

Ela olhou para o lugar onde o demônio bateu a figura, incapaz de acreditar no que ela não viu.

A névoa estava desaparecida.

Ela engoliu algumas vezes, absorvendo seu salvador enquanto ele lentamente se aproximava dela. Seu coração ricocheteou contra seu peito. Ela não conseguia tirar os olhos dele.

Ela não tinha certeza do que ele era, mas seu rosto de couro com um único chifre na testa continha uma carranca. Seu corpo suave e semelhante a couro era revestido de músculos. Ela continuou seu

olhar para baixo para encontrar suas pernas envoltas em calças de couro.

O que quer que ele estivesse na frente dela, demônio ou qualquer que fosse o caso, ele era certamente poderoso.

Um guerreiro.

Protetor. A palavra sussurrou no fundo de sua mente.

—Por que isso foi atrás de você?— exigiu.

Ela balançou a cabeça, insegura da resposta. Seu cérebro estava tentando acompanhar o que ela acabara de testemunhar, mas estava sobrecarregada.

—Qual é o seu nome?— Ele perguntou a ela.

Suas respirações estavam chegando rápido, e de repente ela sentiu como se estivesse sufocando. Ela deu um passo para trás, lutando para respirar, mas no final, perdeu a batalha, e a escuridão a reivindicou.

CAPÍTULO 4

Rhodack deixou sua cabeça rolar para trás contra sua cadeira enquanto seu pênis desaparecia dentro da boca de Avalena. Ela habilmente o chupou profundamente dentro de sua garganta, e um grunhido vibrou em seu peito. A tensão de precisar vir construída dentro dele.

Fazia alguns dias desde seu último lançamento. Ela era uma das favoritas dele que residia em seu harém. Como líder do clã, ele foi recompensado com certas vantagens, e ter a sua disposição mulheres em seu harém era um bônus.

Os gárgulas eram uma raça que mantinha um apetite sexual saudável que geralmente não era saciado com apenas um parceiro. Múltiplos parceiros eram comuns - até que seu companheiro destinado fosse encontrado.

As crianças eram produzidas apenas entre os parceiros, permitindo que fossem extremamente estimadas como deveriam ser as crianças gárgulas. Eram criaturas que precisavam estar ligadas a

seus companheiros de vida, mas isso não significava que seus companheiros as controlassem.

Não, o companheiro de um gárgula era um parceiro em tudo.

Rhodack viveu durante séculos e não encontrou o dele. Não que ele estivesse procurando por ela. Proteger o reino da Terra tinha sido sua principal prioridade nos últimos quatro séculos. Ele não podia se permitir acreditar em acasalar e procurar por sua felicidade para sempre depois.

Seu coração de pedra acreditava que quando sua companheira se mostrasse, ele saberia e honraria seus deveres como companheiro. Mas até aquele momento, ele apreciaria os prazeres de seu harém.

Ele soltou um assobio. Avalena engoliu seu pênis, levando-o para o fundo de sua garganta novamente. Ela se afastou, deixando a ponta na boca, depois parou. Ele olhou para ela, encontrando sua atenção nele. Ela estava esperando por sua exaltação.

Seu único elogio foi apertar seu cabelo e empurrar seu pênis mais para dentro de sua boca. Suas narinas se alargaram - os familiares sinais de sua libertação se aproximaram.

Seus gemidos de prazer abafados por seu pênis sendo empurrado profundamente em sua garganta enquanto ela se ajoelhava nua no chão na frente dele, ele soltou um rugido, atirando sua semente em sua boca gananciosa. Sem uma palavra, ela sabia engolir o que ele lhe oferecia.

Para um membro de um harém, era uma recompensa trazer seu líder de clã para a conclusão. Ela sorriu depois de tirar o pênis da boca e limpar com a língua.

—Você está satisfeito?— ela perguntou.

A faísca em seus olhos disse a ele o que ela queria. Os membros do harém nunca sabiam quando deveriam ser chamados. Uma vez aceito no grupo de elite, eles eram apenas para agradar o líder do clã e quem ele escolheu. Ele atualmente mantinha cerca de sete mulheres em seu harém, e cada uma delas estava sempre completamente satisfeita em pertencer a ele.

Seu pau ficou duro novamente.

—Esta boca sempre me deixa satisfeito— ele murmurou, passando um dedo ao longo de seu lábio inferior rechonchudo.

A satisfação brilhou em seus olhos quando ela ficou orgulhosa. —Venha. Deixe-me dar prazer a você.

Ela rapidamente jogou a perna por cima da cintura dele. Ele guiou a ponta de seu pênis e aninhou-o entre suas dobras lisas. Seus generosos seios balançaram diante dele. Ela mudou seu corpo, pronta para se empalar nele.

Alguém bateu na porta e eles pararam.

Um grunhido escapou dos lábios de Avalena.

Seus lábios se curvaram em uma careta com a intromissão. O sol deveria nascer logo, o que significava que as gárgulas tendiam a dormir durante o dia.

—Quem é?— Ele grunhiu, seu pênis pulsando, pronto para deslizar para dentro de Avalena.

—Vikuth.—

—Por favor, Rhodack. Ele não pode esperar?— ela sussurrou, sua mão subindo para descansar na beira da mandíbula dele.

Ele estreitou os olhos para ela antes de tirar as mãos do rosto. Ele soltou um rosnado, jogando-a no chão. Ele se levantou da cadeira, ainda estreitando os olhos para ela.

Ela imediatamente se afastou dele, medo gravado em seu rosto.

—Você esqueceu o seu lugar, Avalena.— Ele rapidamente endireitou sua roupa.

Vikuth bateu na porta novamente. Rhodack sabia que se ele estivesse batendo na porta com tanta força, alguma coisa estava errada.

—Eu sinto muito. Por favor, me perdoe— ela gritou, ajoelhando-se a seus pés. Seu corpo tremeu e ela manteve a cabeça baixa. —Tem sido apenas tantos dias e finalmente tivemos tempo para nós mesmos.

—Volte para o seu complexo— ele retrucou, não querendo ouvir nenhuma desculpa.

Avalena silenciosamente assentiu. Lágrimas marcaram seu rosto enquanto ela se levantava de seu lugar. Ela colocou o roupão e amarrou-o em torno de si mesma, em seguida, dirigiu-se para a porta e virou-se para ele novamente.

Seus olhos se arregalaram com o olhar em seu rosto. Ela deve ter mudado de ideia sobre o que quer que fosse dizer e abriu a porta.

Vikuth estava do lado de fora de seu escritório com um pequeno pacote de um humano em seus braços. Ele caminhou através da porta em sua forma natural, gentilmente embalando a mulher em seu peito.

Rhodack deu um passo atrás, sentindo como se tivesse sido atingido no peito por uma entidade poderosa. Ele se moveu para a frente com o olhar fixo no cabelo loiro exposto contra a pele escura de Vikuth.

—Quem é essa?— Sua voz falhou. Ele limpou a garganta e caminhou lentamente até Vikuth.

—Não tenho certeza. Ela desmaiou antes que eu conseguisse o nome dela— admitiu Vikuth. Seus olhos negros encontraram os de Rhodack. — é daí energia está vindo. É ela.

Rhodack lançou uma maldição e se aproximou para dar uma olhada na beleza. Suas mechas loiras pareciam macias como seda.

Sua pele lisa era impecável, e ele se viu ansioso para acariciar cada centímetro de seu corpo. Seu vestido preto fez seu pênis se alongando em suas calças. Ele queria ver mais. Ele queria saboreá-la. Senti-lá ao redor de seu pênis enquanto ela o levava profundamente dentro de seu corpo.

Ele pulou para trás.

Que porra foi essa?

Ele tentou recuperar o controle de si mesmo. Ele olhou de volta para Vikuth e encontrou curiosidade nos olhos de seu amigo.

—O que você quer que eu faça com ela?— Vikuth perguntou, esperando por ordens. —Você me disse para trazê-la para você.

Rhodack engoliu alguns goles de ar. Pela primeira vez em sua longa vida, ele ficou sem palavras. Seu foco ainda tinha que se manter na pequena fêmea nos braços de Vikuth.

—Leve-a para meus aposentos.

Um leve suspiro chamou sua atenção na porta. Avalena ficou parada ali, congelada.

—Eu não te disse para sair?— Ele retrucou, movendo-se para ficar na frente de sua linha de visão, protegendo a beleza loira.

Ela assentiu e saiu do quarto.

—Seus aposentos, Rho?— Vikuth ecoou. Confusão revestiu seu rosto.

—Eu gaguejei?— Rhodack se virou para encontrar o olhar chocado de seu braço direito.

Vikuth, usando o apelido de infância de Rhodack, deixou-o saber que era seu amigo questionando sua decisão, não seu chefe de segurança.

Essa pequena mulher não estaria saindo de sua vista. Gárgulas só acasalavam com o mais forte de sua espécie ou outros sobrenaturais.

Essa mulher na frente deles não era uma gárgula.

E ela certamente não era humana.

Mas por alguma estranha razão, Rhodack sabia, sem dúvida, que ela era sua companheira.



RINA SE ENTERROU AINDA MAIS nos travesseiros macios. Ela inalou profundamente, absorvendo o aroma fresco e fez uma pausa. Ela franziu a testa, não reconhecendo o cheiro.

Certamente não era o amaciante que ela usava. Ela rolou de lado e parou novamente, abrindo os olhos. Ela engasgou e voou para uma posição sentada.

Ela freneticamente olhou ao seu redor, encontrando-se em um quarto estranho e masculino. A cama em que ela estava era grande o suficiente para acomodar pelo menos cinco adultos.

—Onde estou?— ela sussurrou. Ela olhou para si mesma. O vestido preto que Chelsey comprara tinha sido substituído por uma camiseta de tamanho grande. O cheiro de quem quer que a camisa pertencia parecia embutido em seus poros.

Ela olhou em volta do quarto estranho. Um homem dormia em uma cadeira grande no canto. A mão dela voou até a boca para segurar o grito. Seu coração bateu contra o peito enquanto ela se sentava, congelada.

Ela o estudou e, Deus, ele era sexy como pecado. Seus mamilos empurraram contra o material de algodão macio de sua camisa emprestada. Seu cabelo escuro era longo o suficiente para uma mulher passar os dedos por ele. Ele era alto com ombros largos, cada centímetro de seu corpo revestido com músculos. Ela mordeu o lábio e terminou de avaliá-lo.

Ela olhou em volta, sem janelas para ela escapar. Ela deslizou para a beira da cama, sem saber onde ela poderia correr. Havia um par de portas no quarto que ela poderia tentar e ver onde eles levavam.

Ela só tinha que ficar quieta. Ela se afastou da cama, puxando a camisa para baixo e enrolando ao redor dela.

—Onde você pensa que vai, pequena?— uma voz profunda de barítono questionava.

Seu grito finalmente explodiu quando ela se virou e encontrou o estranho com os olhos nela. Ele se endireitou na cadeira e relaxou de volta, como se ele apenas visse estranhos dormindo em sua cama o tempo todo.

Ela fez uma pausa, seus olhos se conectando com os dele. Ela não sabia por que, mas sentiu um puxão estranho para ele.

—Quem é você? Onde estou?— ela perguntou. Ela amaldiçoou silenciosamente, ouvindo sua voz tremer. Ela se pendurou na cama, as pernas fracas, como macarrão molhado.

—Se alguém deveria estar fazendo perguntas, deveria ser eu— ele murmurou, empurrando para fora da cadeira.

Ela arregalou os olhos para o tamanho dele. Ele tinha que ser um dos maiores homens que ela já tinha visto. Seus cabelos escuros estavam farfalhando como se ele tivesse passado a mão toda a noite. O ar ao redor dele gritava poder. Ela engoliu em seco pela maneira como os olhos escuros dele a perfuraram - um predador caçando sua presa.

Seus mamilos empurraram contra o material macio da camisa novamente, reagindo ao seu olhar.

Eu perdi minha mente?

Ela era sua prisioneira.

Ela piscou seu olhar ao redor do quarto. Não havia lugar para ela correr. —Sim? Bem, considerando que eu sou a única que foi sequestrada, eu discordo.

O canto de sua boca se elevou no que ela tinha certeza que ele achava que era um sorriso. Isso não a confortou. Ela baixou a atenção para o peito e os braços dele e conteve um gemido. Sua estrutura muscular era perfeita, mas ela se recusou a deixá-lo saber o quanto ele a afetava.

—Quem te sequestrou? Meu homem poderia deixar você ir com o ser místico, se quiser.

Memórias dela escapando da boate surgiram. Seu herói demoníaco salvou-a da nuvem rodopiante que se transformou em uma sombra de homem.

—Quem é você?— ela sussurrou. Ela olhou para ele novamente. *Ele* não era seu herói. Ele não parecia o demônio que a salvou. Ele era todo homem humano. Um que fazia seu coração pular com apenas um olhar. Ela engoliu em seco e afastou o cabelo do rosto e voltou seu olhar. —Por que estou aqui?

—Meu nome é Rhodack— ele respondeu. O ligeiro tique em sua mandíbula deixou transparecer que ele não estava acostumado a ser questionado.

Ela poderia dizer que ele era um homem que estava acostumado a estar no comando. Ele deu um passo na direção dela e ela ergueu a mão.

—Eu não vou machucá-la— disse ele. —Agora me diga seu nome.

—Não chegue mais perto — ela gritou, recuando.

Ele fez uma pausa. Sua mandíbula se apertou quando ele olhou para ela.

—Como eu sei que você não vai me machucar?— ela perguntou.

—Eu dou a você minha palavra como Rhodack Gahnoth.

—O que isso significa para mim? Onde está o demônio que me salvou? Eu quero ele.

—Vikuth não é um demônio.— Um grunhido se soltou dele e ele estreitou os olhos para ela. Uma nuvem escura de raiva rolou em seu rosto enquanto ele estava no meio da sala olhando para ela. —Nós não somos demônios. Somos gárgulas.

Ela notou sua expressão de ‘nós’.

—Gárgulas?— Ela proferiu, vagando seu olhar sobre seu corpo.

Ele parecia humano para ela. Seu físico perfeito chamou sua atenção. Ela tentou bloquear como a camisa de algodão dele moldava ao abdomen dele, enquanto realçando os cumes perfeitos do estômago dele.

Se ela não tivesse testemunhado o que ela achava que era um demônio voador, ela questionaria a existência de gárgulas ou qualquer ser místico. Mas depois de ontem à noite, sua mente estava aberta para a possibilidade de outros seres lá fora. —Mas você parece humano.

—Como você.

Ela balançou a cabeça ao ouvir as palavras dele. *O que diabos isso significa?*

—Mas eu sou humana— ela sussurrou. Ela saberia se ela não fosse humana. Por que ele iria assumir que ela não era? —Meu nome é Rina Smith e sou humana. Eu tenho uma mãe que me criou. Eu saberia se não fosse humana.

—Não.— Ele balançou sua cabeça. —Você certamente não é humana.

—Eu quero Vikuth.

CAPÍTULO 5

Rhodack olhou para Vikuth enquanto o encontrava na entrada de sua suíte privada. Ele não podia acreditar que o pequeno punhado de uma mulher não confiava nele.

Ele era Rhodack Gahnoth.

Líder do Clã Gahnoth.

Gárgula poderoso.

E sua própria companheira não o reconheceu como seu companheiro, ou até mesmo confiava nele.

Seu peito queimava com a lembrança do medo que estava em seus olhos. O animal nele passeava, querendo se libertar e reivindicar sua companheira. Por que ela pensaria que ela era humana?

—Você mandou me chamar?— Vikuth, em sua forma humana, olhou-o com cansaço.

Rhodack se encostou na parede do corredor e olhou para Vikuth. Seus lábios se curvaram em desgosto que ele tinha em enviar seu amigo para a sala com sua companheira. Ela deveria ver o poder em

Rhodack. Ela deveria ver que ele era um grande protetor, um ótimo companheiro.

Mas algo a impedia de vê-lo.

Algo a fazia acreditar que ela era humana. O que ela era, ele não tinha certeza.

Mas ele ia descobrir.

—Ela perguntou por você — grunhiu Rhodack.

Os olhos de Vikuth se arregalaram com o anúncio. —Eu?— ele cuspiu. Seus olhos se arregalaram ainda mais, e o sorriso que começou a cruzar seu rosto lentamente se desvaneceu ante a expressão assassina que Rhodack dirigia em sua direção. Ele limpou a garganta e endireitou a sua altura total. Ele olhou para a porta do quarto antes de voltar para Rhodack. —O que ela iria querer comigo?

—Parece que ela confia em você, mas não em mim — rosnou Rhodack. Ele empurrou a parede e se moveu para ficar na frente de Vikuth. Ele se elevou sobre ele por alguns centímetros e assegurou que o olhar em seus olhos era de qualquer coisa, menos de um amigo. Não foi bom para seu gárgula que ela pediu outro macho e não a ele. —Você vai lá e diz a ela que ela pode confiar em mim. Você diz a ela o que for preciso para que eu descubra o que está atrás dela e por quê.

—Tem certeza de que é por isso que você quer que eu a convença a confiar em você?— Vikuth perguntou, levantando uma sobrancelha.

Rhodack soltou um grunhido. É claro que Vikuth perceberia que havia outras razões pelas quais ele estava sendo enviado para a sala.

—Não se preocupe com minhas intenções. Faça ela confiar em mim.

—Você sabe que não funciona dessa maneira com os humanos, certo?

—Ela não é humana.

Vikuth passou a mão contra o rosto e amaldiçoou. —Você tem certeza?

—Aquela energia praticamente zumbe dela. Ela é uma espécie de vaso, e o que quer que esteja dentro dela está tentando sair. Alguém não queria que ela soubesse que ela não era humana. Eu acredito que ela realmente não tem idéia de que ela é um ser poderoso. O que? Eu não sei.

Vikuth assentiu e foi até a porta. Levou tudo para dentro de Rhodack não para arrebatá-lo seu amigo. Ele reprimiu um grunhido quando Vikuth parou com os dedos ao redor da maçaneta.

—Se você vai vir comigo, não diga uma palavra— alertou Vikuth.

—Faça isso rápido — grunhiu Rhodack com os dentes cerrados.

O ar ao redor de Vikuth brilhava enquanto seu corpo se transformava no de sua gárgula. Seus olhos penetrantes brilhavam contra sua pele escura. Gárgulas eram um dos seres mais fortes ao redor, e seus corpos mostravam isso. Crivado de músculos, um gárgula era praticamente imparável. Nada poderia penetrar na pele lisa de couro. Eles eram uma raça que era extremamente difícil de matar.

Rhodack grunhiu, sabendo que Rina não reconheceria Vikuth em sua forma humana. O pensamento dela preferindo Vikuth a ele o fez querer desafiar seu amigo, mas ele mordeu a língua.

Um sorriso persistiu no canto dos lábios de Vikuth. Abriu a porta e entrou na suíte particular de Rhodack. Rhodack seguiu atrás, procurando-a pelo quarto.

Ouvindo-os entrar, ela saiu do banheiro com os olhos arregalados. Rhodack não sabia por quê, mas queria protegê-la, fazer o medo desaparecer. Seus olhos se iluminaram quando reconheceu Vikuth, e Rhodack reprimiu um grunhido.

—Minha dama.— A voz profunda de Vikuth rompeu os pensamentos de Rhodack. —Meu nome é Vikuth. Rhodack me convocou para você.

—Eu não sou louca— ela respirou. Ela pareceu observar a estrutura de Vikuth. Sua mão tremia quando ela enfiou o cabelo atrás da orelha e estudou a forma de gárgula dele. —Eu pensei que eu poderia ter imaginado isso, mas foi você quem me salvou.

Vikuth assentiu enquanto ela se aproximava dele. Rhodack absorveu tudo. Como a pequena fêmea poderia ter tanto poder sobre ele tão rápido? Ela se moveu para ficar na frente de Vikuth, vagando seu olhar sobre a poderosa estrutura de Vikuth.

A besta de Rhodack queria se apresentar e se mostrar. Mostre a ela que ele era o líder do clã, o gárgula mais poderoso da sala.

—Posso?— ela perguntou, levantando a mão. Ela fez uma pausa, as pontas dos dedos logo acima do peito de Vikuth.

Os olhos de Vikuth brilharam para ele, pedindo permissão. Rhodack estreitou os olhos para o amigo com um aviso não dito.

Não toque nela.

Vikuth acenou para ela. Sua mão traçou ao longo de sua pele exposta do peito antes de se afastar rapidamente.

—Como isso é possível? Se você é um gárgula, então eu suponho que existem outros seres por aí. Seres diferentes?

—Humanos não são os únicos habitantes deste mundo. Certamente você deve saber disso — respondeu Vikuth.

—E o que foi aquilo? Essa névoa?— ela perguntou. Sua atenção mudou para os olhos de Rhodack por um breve momento antes de se acomodar novamente em Vikuth.

—Eu não tenho certeza absoluta. Foi de outro reino. Alguma coisa passou e nós não descansaremos até que tenhamos caçado— assegurou ele.

—Mas se algo viesse ao nosso mundo, por que iria atrás de mim?

—É isso que precisamos descobrir— disse Rhodack. Ele não podia mais ficar parado e ser uma vela em seus próprios aposentos.

O cheiro de medo permeava o ar quando ela deu um passo para trás.

Vikuth olhou para ele e assentiu antes de se virar para Rina. — Não há necessidade de temer a Rhodack, minha senhora. Ele é meu líder de clã, o mais forte de todos os gárgulas. Eu confio nele com a minha vida, e ele vai chegar ao fundo do motivo do ser místico estar atrás de você. Ele vai te proteger.

Seu olhar se conectou com o de Rhodack. Sua respiração ficou presa em sua garganta, seu coração de pedra batendo com o pequeno sorriso que brincava em seus lábios. Ele observou o leve rubor de sua pele e o modo como ela se movia nervosamente na frente deles.

—Mas ele é tão assustador agora— ela sussurrou para Vikuth, que soltou uma risada pesada.

—Se você acha que o rosto humano dele é assustador, então espere até encontrar seu gárgula.— Vikuth riu.

—Chega— grunhiu Rhodack, franzindo o cenho para Vikuth. Ele queria que ele garantisse que Rina confiasse nele, não aumentasse seu medo. Ela encontraria seu gárgula em breve, e esse nunca a machucaria.

Não, seu gárgula queria pertencer a ela e ela a ele.

—Como sabemos que foi realmente atrás de mim e não apenas aleatório?— ela perguntou, interrompendo seus pensamentos.

—Em mil anos, nunca tivemos uma brecha antes. Para esse ser atravessar nosso reino e ir diretamente para você, isso foi planejado. Algo quer você e eu serei amaldiçoado se isso acontecer com você— rosnou Rhodack.

—Eu sou uma prisioneira aqui?— ela perguntou.

Vikuth se afastou dela. Rhodack sabia que seu amigo podia sentir sua raiva crescente por ele estar tão perto de Rina. Logo, ele informaria que ela pertencia a ele.

Logo depois que ele descobrisse o que diabos ela era.

Ele sentiu a força irradiando dela. Ela literalmente não tinha ideia de quanto poder ela tinha. A sala praticamente zumbia com sua energia.

—Não.— Ele balançou sua cabeça. Não, ela não era uma prisioneira. Ela seria sua companheira e todos a respeitariam.

—Então eu posso ir para casa. Tenho certeza de que minha colega de quarto está procurando por mim — disse ela.

—Não.

Sua única resposta limpou o sorriso do rosto dela. Não havia como ela ir para casa desprotegida. Qualquer que fosse o alvo dela, certamente saberia onde ela morava. Não, ela ficaria com ele onde seu clã poderia protegê-la.

—Então onde eu posso ir? Minha mãe vai se preocupar comigo.

Ela estremeceu e ele ficou em alerta. A dor atravessou seu rosto e ele correu para ela. Ela engasgou quando ele apareceu na frente dela. Ele segurou seu queixo e levantou o queixo para que pudesse encontrar seus olhos. Dor transmitida de suas piscinas azuis.

—O que a aflige?— ele perguntou, vendo as lágrimas se formando em seus olhos. Ele olhou por cima do ombro para Vikuth e apontou a cabeça para a porta. —Chame o curador.— Sem uma palavra, Vikuth acenou para Rhodack e saiu correndo da sala.

—São apenas enxaquecas. Eu as tenho desde que me lembro.

Não era necessário um ser supremo para reconhecer que um feitiço havia sido lançado sobre ela. Alguém havia colocado um poderoso feitiço nela, e isso estava causando sua dor. Ele olhou profundamente em seus olhos e sabia que era verdade. Ela estava sob o poder de alguém.

—Não, pequena. Isso não é uma dor normal. Você está sob um feitiço.

—Não.— Ela balançou a cabeça.

Ele notou que ela não se afastou de seu toque. Uma rachadura formou no coração de pedra dele que ela aceitou algo tão pequeno quanto o toque dele no queixo dela. Ele respirou seu perfume e memorizou.

—Eu tive enxaqueca por anos. Minha mãe sempre soube o que fazer para acabar com isso.

Ele estreitou os olhos com a menção de sua mãe. Então, sua mãe sabia como fazer com que suas enxaquecas desaparecessem? Ele gentilmente acariciou seu queixo com os dedos enquanto continuava a olhar em seus olhos antes de deixar cair sua atenção para os lábios macios e ligeiramente entreabertos.

Visões daqueles lábios enrolados em torno de seu pênis duro vieram à mente, e ele os empurrou para o lado.

Agora não. Logo, porém. Seu pau endureceu em suas calças. Ele não se importou que um suspiro escapou de seus lábios quando ela olhou para o seu comprimento pressionando contra sua barriga. Ele a puxou para perto, querendo que ela sentisse o que ela fez com ele. Ele deslizou os dedos até a base do pescoço dela enquanto abaixava os lábios nos dela.

Nunca antes ele havia beijado uma fêmea tão gentilmente. Seus lábios macios criaram uma agitação em seu peito que ele não estava familiarizado.

Ele queria mais.

No fundo de sua mente, ele sabia que tinha que convencê-la a aceitá-lo. Isso é o que seu gárgula exigia. Aceitação de sua companheira.

Seus lábios se separaram lentamente quando ele deslizou a língua entre os lábios dela. Ele tirou a dor dela com apenas um beijo simples. Ele pode não ser capaz de remover a maldição dela, mas ele era forte o suficiente para puxar a dor dela para seu corpo.

Eu vou tomar a dor por ela.

Ela apertou mais perto dele, gemendo enquanto a dor se filtrava dela para ele. Sua pequena língua encontrou a dele, tímida no início, mas ela ficou mais ousada quando o beijo se aprofundou. Ele incitou a dor nele, empurrando isto abaixo. A força disso o surpreendeu, mas ele podia lidar com isso. Não havia muito que pudesse deixar uma gárgula de joelhos.

Ela protestou quando ele se afastou dela, apoiando a testa contra a dela. Suas respirações vieram rapidamente enquanto eles olhavam nos olhos um do outro.

—Eu preciso falar com sua mãe, pequena.

CAPÍTULO 6

Rina saiu do banheiro e entrou nos aposentos privados que lhe haviam sido designados. Ela olhou ao redor da sala e descobriu que estava sem janelas. Ela havia perdido completamente a noção do tempo. Ela enfiou a toalha debaixo do braço enquanto atravessava o luxuoso quarto até a cama.

Roupas dobradas haviam sido colocadas na cama para ela. Ela lentamente tocou o material macio do vestido, feito da seda mais preciosa que já vira.

—Uau— ela murmurou, absorvendo o grande detalhe. As roupas de baixo ao lado do vestido eram da mesma maneira caras. —Quem teria entregado isso para mim?

Ela sabia a resposta antes mesmo que as palavras escapassem de seus lábios.

Rhodack.

Seu coração gaguejou apenas com o pensamento de sua mandíbula dura polvilhada com a sombra escura de uma barba. Um

arrepio passou por sua espinha com a visão de seus lábios esmagando contra os dela. Ela estava maravilhada de como ele tinha sido capaz de afastar sua dor.

No começo ela pensou que o beijo era apenas para aliviar sua dor, mas um olhar em seus olhos permitiu que ela visse sua fome pura por ela. Ela apertou as pernas com a memória.

—O beijo foi para remover a minha dor— afirmou, procurando as roupas de baixo de seda.

Quem estou enganando?

Ela poderia muito bem admitir o óbvio. Não adianta mentir para si mesma.

Ela o queria.

Uma batida na porta rompeu seus pensamentos. Ela parou depois de entrar na calcinha preta de seda.

—Quem é?— ela gritou.

—Ajuki, senhora— disse uma voz pela porta. —Eu fui enviada para ajudá-la.

—Espere um segundo— respondeu Rina. Ela correu e terminou de se vestir. Ela calçou os sapatos enquanto corria até a porta. Ela agarrou a maçaneta e abriu a porta ligeiramente, espiando pela fresta.

Uma beleza com cabelo vermelho flamejante caindo em cascata pelas costas, e os olhos mais verdes que Rina já vira, olhou para ela. A curiosidade encheu os olhos da mulher enquanto estudava Rina.

—Eu não tenho certeza do que você pode me ajudar. Eu posso me vestir, —Rina sorriu.

A mulher devolveu o sorriso e esperou do outro lado da porta.

—Tenho certeza que você pode. Disseram-me para vir ajudá-la com qualquer coisa e responder a qualquer pergunta sobre estar aqui no covil do nosso clã.

—Onde estão minhas maneiras. Por favor, entre!— disse Rina, sua curiosidade despertada. Ela abriu a porta completamente e acenou para ela entrar.

A mulher mais alta passou por Rina com um pequeno aceno de cabeça. —Tenho certeza de que você tem muitas perguntas— anunciou Ajuki.

—Eu tenho. Não me foi dito muito. Para começar, não sei dizer se é dia ou noite aqui.— Ela se mudou para a penteadeira no canto. Ela sentou-se à mesa de mármore e puxou o cabelo para fora do coque no topo da cabeça.

—Deixe-me ajudá-la— Ajuki ofereceu. Ela veio para ficar atrás de Rina e pegou a escova grande da penteadeira. Ela escovou o cabelo de Rina.

Rina endureceu a princípio. Ela não queria ser rude, mas coçava para tirar a escova da mão da mulher e pentear o próprio cabelo. Ela decidiu permanecer em silêncio e permitir que a mulher a ajudasse.

—Obrigada! —disse ela.

—Não é problema. A maioria é jogada fora quando chegam pela primeira vez abaixo da superfície da Terra para viver. O sol é perigoso para a nossa espécie, então vivemos abaixo do solo.

—Isso é triste.— Rina encontrou os olhos de Ajuki no espelho.

—Por que seria triste? Os humanos não percebem que existe outro mundo abaixo de sua superfície.— Ajuki sacudiu a cabeça. Ela deu um nó nos longos cabelos de Rina. Com alguns puxões duros, ela desembaraçou-o. —Não é que não vamos para o solo, vamos só depois que o sol se põe.

—Por quê? O que o sol faz com você?— Perguntou Rina.

Os golpes constantes da escova acalmaram seus nervos. Seu corpo relaxou quando Ajuki estilizou seu cabelo. Rina observou a mulher tecer tranças intrincadas em seus cabelos.

—O sol faz um gárgula virarem pedra.

Rina ofegou, arregalando os olhos e olhou para Ajuki. Ela não podia imaginar o que se pareceria com a pedra e estava feliz por nunca ter precisado.

—Não precisa se desculpar. Um gárgula sempre foi visto como um símbolo em cima de certos edifícios. Quando transformados em pedra, ainda estamos totalmente conscientes, mas nosso corpo é transformado na mais pesada das pedras. Aposto que em toda a cidade, você pode ter visto um gárgula preso em um prédio durante o dia que não estava lá antes. A maioria dos humanos nem notaria uma estátua de pedra extra em cima de seus edifícios.

—Não dói?— perguntou Rina, hipnotizada pelo desenho que Ajuki estava tecendo.

—A transformação em si pode ser, mas uma vez que você é pedra, durará até o sol desaparecer. Daí porque somos criaturas noturnas.— Ajuki riu.

Ela terminou a última trança e Rina se olhou no espelho.

—Incrível !— ela respirou. Ela sorriu no espelho para Ajuki.

—Eu posso ver porque ela está chateada. Você é linda e poderosa— murmurou Ajuki, olhando para Rina.

Rina engoliu em seco, sem saber como responder. —Desculpe?!— ela perguntou, girando em sua cadeira para encarar a outra mulher. Ela ficou com o coração acelerado e deu alguns passos para longe de Ajuki antes de voltar para ela.

—Oh, você não tem nenhum motivo para me temer, Rina. Eu conheço meu lugar. Mas Avalena não está satisfeita.— Ela riu

novamente, sentada na cadeira que Rina tinha desocupado. Ela começou a pentear o próprio cabelo.

—Não tenho certeza se sei do que você está falando. Quem é Avalena?— Um sentimento desconfortável passou por seu intestino. Alguma coisa estava errada. Quem diabos era Avalena?

—Ninguém lhe disse, não é?— Ajuki fez uma pausa na escovada do cabelo dela. Seus olhos encontraram os de Rina no espelho.

Rina balançou a cabeça, esperando que a mulher continuasse.

—Todos nós pensamos que esta suíte um dia pertenceria a Avalena.— Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios quando ela se levantou. Ela caminhou ao redor da sala, tomando a decoração luxuriante. —Mas ele deu a você em vez disso.— Ajuki fez uma pausa e virou os olhos para Rina.

—Por favor, me diga do que diabos você está falando. Eu estou aqui apenas temporariamente. Se esta Avalena quiser este quarto, eu vou passar para outro. Uma vez que Rhodack tenha descoberto por que algo quer me matar, estarei indo embora.

Ajuki sacudiu a cabeça e soltou uma risada. —Você não vai a lugar nenhum, Rina. Rhodack tem planos para você. Este quarto foi sempre desocupado. Se ele te colocou aqui, isso significa que você será sua concubina principal. Eu acredito que é um termo que você estaria familiarizada.

A boca de Rina se abriu e depois se fechou. Ela deu um pequeno passo para trás, incapaz de formar uma palavra.

Concubina?

—Como em uma escrava sexual?— Rina engasgou, tentando arrastar o ar para os pulmões que estavam atualmente falhando com ela. Em que diabos ela realmente se meteu?

—Escrava? Puxa, não. Nós somos escolhidos para pertencer ao seu harém. É uma honra poder agradar o líder do clã. Ele fornece tudo o que poderíamos desejar e nos oferece sua proteção. Acredite em mim, vale a pena —Ajuki anunciou, orgulho enchendo seu rosto. Ela ficou mais alta enquanto falava a Rina mais uma vez. —Como eu disse, conheço meu lugar e ficarei feliz em ajudá-la. Você vai precisar disso.

—Mas eu não quero pertencer ao harém dele— Rina exclamou. Aqui ela pensou que o beijo que eles tinham compartilhado significava algo para ele. Ela o lera errado. Ele estava apenas procurando por outra conquista para adicionar à sua aparente coleção de mulheres.

—Não se recusa uma posição no harém de Rhodack.— Ajuki sacudiu a cabeça. Preocupação rastejou em sua voz. —Isso não se faz. Você sabe quantas fêmeas gárgulas matariam para estarem no seu lugar? Você deve considerar isso uma honra. Você não é nem uma de nós!

—Eu não posso dizer a ele que não?— A raiva de Rina aumentou com o pensamento de que ele tentaria forçá-la a pertencer ao seu grupo de mulheres. Quem ele achava que ele era? Ela colocou as mãos nos quadris e olhou para a mulher chocada. —Observe-me.



RHODACK FIXOU o olhar em Rina enquanto ela era escoltada para o escritório dele por um de seus guardas. A lembrança do beijo que eles compartilharam estava gravada em sua memória. Usou tudo o que ele tinha de decente dentro de si para permitir que ela fosse para seus aposentos privados ontem. Ele teria preferido mantê-la em sua suíte, mas sabia que a vez dele chegaria.

—Rina, você está linda. Eu vejo que a roupa que te enviei se encaixa perfeitamente. — Ele se levantou da cadeira e a levou até a área de estar de seu escritório. Ele havia enviado Ajuki para ajudá-la, e isso havia valido a pena. A frente do cabelo dela estava trançada em um design intrincado, enquanto o resto era deixado fluir pelas costas dela.

—Obrigada! Foi emprestado da sua namorada?— ela perguntou, seus olhos se estreitando nele. Ela passou por ele em direção ao sofá.

Namorada?

Do que diabos ela está falando?

—Hum, não. Eu os comprei e entreguei especialmente para você— ele murmurou, caminhando em direção a ela.

Em vez do sofá, ela se sentou em uma das cadeiras de espaldar alto que ficava voltada para ele. Confusão encheu-o. Ele sentiu que ela nutria raiva por ele. Ele colocou as mãos atrás das costas enquanto ele estava perto dela.

—Você já ouviu falar da minha mãe? Tenho certeza de que ela poderá esclarecer as coisas e lhe explicar que sou humana— disse ela, cruzando as pernas.

Ele avistou a pele lisa dela, e a familiar agitação em seus quadris se fez conhecida.

Ele a queria.

—Eu já te disse, eu sei que você não é humana, Rina.— Ele falou devagar, sem saber por que ela se sentou na cadeira com o queixo trancado. Se ele não soubesse tão bem das coisas, ela estava chateada com alguma coisa. —E, sim, fizemos contato com sua mãe. Ela deve estar aqui a qualquer momento.

Ele a olhou, notando o quão rígido seu corpo estava. Um músculo pulou em sua mandíbula e ela se mexeu na cadeira.

Ela estava chateada.

—Eu fiz algo para te aborrecer?— ele perguntou. Ele não estava acostumado a ter alguém que lhe dando um gelo. Ele era Rhodack, líder do clã Gahnoth. Ele sentou-se na beira do sofá e olhou para ela.

Seus olhos se iluminaram com fogo quando ela os virou para ele. Seu poder derramou-se com sua raiva crescente.

—Aquela mulher que você enviou.

—Ajuki.— Ele assentiu.

—Você dorme com ela?

—Bem, sim.— Ele assentiu novamente e sentou-se no sofá, sem saber por que ela estava ficando chateada. Claro que ele fazia sexo com Ajuki, ela era um membro do harém dele.

—Então, por que você me beijou na noite passada?— ela explodiu. Ela voou da cadeira, seus olhos se estreitaram para ele. —Que diabos foi isso se você tem uma mulher? Sinto muito, você tem um harém de mulheres.—A compreensão tomou conta de Rhodack para explicar por que Rina estava ficando tão zangada. Ela foi criada como humana, então não teria uma compreensão de como as relações sexuais eram vistas no mundo paranormal. Ele lentamente se levantou e deu um passo em direção a ela. o

—Não chega perto de mim— ela retrucou com a mão levantada. Ela se afastou dele e foi para o outro lado da sala, perto de sua mesa.

Ele fez uma pausa, sem saber o que fazer. Ele nunca em sua longa vida tinha uma mulher se abalando com ele. Sua mente correu para descobrir o que ele poderia fazer para acalmá-la.

—Rina, deixe-me explicar.

Uma batida soou na porta antes de ser empurrada por Vikuth com uma mulher atrás dele. Duas outras gárgulas seguiram atrás dela. Rhodack imediatamente ficou em alerta, estreitando os olhos na fêmea.

—Mãe!— Rina exclamou, correndo para a mulher.

A mulher mais velha pegou Rina quando ela se chocou nela.

Seus olhos encontraram a mulher sobre os ombros de Rina, e ele agora tinha uma compreensão clara do que estava acontecendo.

CAPÍTULO 7

Rina apertou sua mãe com força, respirando seu perfume familiar.

—Mãe, estou tão feliz em vê-la— ela murmurou, afastando-se. Ela lutou contra as lágrimas e olhou para a mãe.

Os olhos de sua mãe se estreitaram em Rhodack. Foi então que Rina percebeu o quanto o corpo da mãe estava rígido.

—Mãe, eles te machucaram?

—Não, minha filha— disse sua mãe, quebrando o olhar para se virar para Rina. —Eu deveria estar perguntando isso a você.

—Eu estou bem— ela sussurrou, jogando punhais em Rhodack. Ela observou seu olhar feroz e seu coração disparou. Ela não podia acreditar que ela pensou em algo mais além do beijo que eles compartilharam.

Ela era uma tola.

Mas como ela realmente olhou para ele, a dúvida penetrou no fundo de sua mente. Ela não tinha certeza do porquê. Ela deveria

estar chocada. Deixe-o investigar por que aquela figura estava atrás dela, cuidar disso e depois permita que ela volte à sua vida.

—Rhodack Gahnoth— anunciou Solana, agarrando o braço de Rina e empurrando-a para trás.

Rina espiou em volta da mãe, chocada com a mãe que o conhecia. —Mãe, como você o conhece?— ela perguntou em descrença.

—Solana, faz muito tempo— ele murmurou, estreitando os olhos para sua mãe.

Rina olhou ao redor. As gárgulas se espalharam por vários pontos da sala. O medo ficou na ponta dos pés e apertou mais a mão da mãe.

—Mãe, o que está acontecendo?— ela exigiu.

—Você realmente a impediu de saber o que ela realmente é, não é mesmo, Solana? É por isso que ela acha que é humana— Rhodack se aproximou delas.

—Mãe, por favor, diga a ele que eu sou...

—Rina...—sua mãe sussurrou, voltando-se para ela. Ela contemplava Rina, lágrimas enchendo seus olhos. Arrependimento revestiu seu rosto e ela balançou a cabeça. —Eu sinto muito.

Um suspiro escapou dos lábios de Rina enquanto ela olhava para sua mãe. Ela cobriu a boca com a mão, soltando a da mãe. Ela deu

um passo para trás. Seu coração disparou e ela tentou recuperar o fôlego. O que diabos estava acontecendo?

—Não— ela gemeu, balançando a cabeça.

—Rina. Fiz isso para protegê-la— gritou Solana.

Rina recuou.

—Protegê-la de quê?— Rhodack estalou. —O que é ela?

Rina ficou horrorizada, vendo a mudança da aparência da mãe. O ar ao seu redor brilhava enquanto seu cabelo ficava mais escuro e mais comprido. Seu corpo ficou mais curvado, e ela agora estava vestida com um vestido de renda preta, apertado com um cinto vermelho. Seus olhos se abriram e ela olhou para Rina. Era o rosto de sua mãe, mas era como olhar para outra mulher. Ela nunca tinha visto sua mãe vestida assim antes.

—Rina, querida, eu sinto muito— Solana chorou, enfiando o cabelo atrás de uma orelha. —Há muito que preciso explicar para você.

—Espere, como você pode fazer isso?— Rina ofegou. Como ela poderia apenas mudar sua aparência? Que diabo *era* a mãe dela? A respiração de Rina chegou rápida enquanto ela olhava ao redor da sala. O leve indício de dor veio rastejando na parte de trás de seu cérebro.

Isso pulsou.

Ela piscou, tentando lutar contra a agonia.

—Bruxa— rosnou Rhodack.

As gárgulas ao redor da sala tinham os olhos treinados em Solana como se esperassem que Rhodack desse uma ordem para atacar.

Solana ficou em frente a Rina. Ela sorriu através das lágrimas e olhou nos olhos de Rina. Ela estendeu a mão e correu as pontas dos dedos pela têmpora de Rina da mesma maneira que sempre fazia quando Rina era criança. Rina fechou os olhos e se inclinou para a mão da mãe.

Ela sabia que podia confiar em sua mãe.

—Sim, eu sou uma bruxa, Rina. Eu conheço Rhodack há décadas. Ele é o líder dos gárgulas que protegem este reino — declarou Solana.

Rina engoliu em seco, tentando entender o fato de que sua mãe era uma bruxa. Isso fez dela uma bruxa também? Talvez tenha sido o que Rhodack achou nela.

—Tudo bem. Eu ainda te amo por ser uma bruxa.— Rina sorriu suavemente, estendendo a mão para segurar a mão da mãe.

—Responda-me, bruxa. O que ela é, e de quem você está protegendo ela?—O rosnado profundo de Rhodack veio de alguns metros de distância.

Rina olhou por cima do ombro da mãe. Seu lábio se enrolou em um grunhido.

—Há uma pergunta melhor a se fazer, Rhodack, líder do Clã Gahnoth— Solana advertiu. Ela agarrou a mão de Rina e se virou para encarar Rhodack.

Rina olhou nervosamente da mãe para Rhodack.

—É *quem* é ela? Este tem sido um segredo que me mandaram guardar.

Rina arregalou os olhos e virou a cabeça para a mãe. Seu corpo tremeu quando ela olhou para a mulher que a criara. Se ela não era Rina Smith, quem diabos era ela?

—O que você quer dizer com quem eu sou?— Rina engoliu em seco. Seu coração bateu contra o peito.

—Solana, como a protetor deste reino, estou ordenando que você me diga— afirmou Rhodack.

O corpo de Rina tremia da dor que empurrava seu cérebro. Era uma dor severa e penetrante, espalhando-se por sua cabeça. Lágrimas nublaram sua visão, e ela gemeu, incapaz de suportar a tortura. Sua mãe envolveu um braço em volta dela para segurá-la.

—Agora, Solana, sua magia não pode mais conter o poder que está irradiando dela— disse Rhodack.

—Só sei que eu te amei como minha própria filha— sua mãe murmurou perto de sua testa. —Eu vou sempre amar você. Por favor me perdoe.

—Mãe— Rina gemeu. O que isso significa? O medo a tomou quando ela agarrou a camisa de sua mãe. —Você está me assustando.

—Ela é a princesa Larina Omaris, filha de Khantar Omaris e Roshi Omaris, o rei e rainha do país das fadas. Rina é a única herdeira do trono do país das fadas. Eu estive protegendo ela aqui na Terra.

Maldições explodiram ao redor da sala enquanto a dor de Rina aumentava. Ela soltou um grito quando pareceu explodir. Uma mão agarrou sua cabeça enquanto palavras murmuradas em outra língua ecoavam em sua mente. Outro grito saiu de Rina, e ela permitiu que a escuridão a reivindicasse.



—*LARINA OMARIS, VOCÊ VOLTE AQUI*—, uma voz familiar gritou atrás dela.

Larina se virou para trás, riu arrastando seu corpo enquanto corria pelo corredor do palácio e atravessava as grandes portas. Ela sabia que sua mãe iria persegui-la. A rainha das terras mais poderosas nunca foi boa demais para correr e brincar com sua filha. Larina correu pelo jardim. Era o seu jogo favorito para brincar com a mãe dela.

Larina olhou para o céu brilhante de lavanda. Os sóis gêmeos pendiam lá, e algumas nuvens enchiam a extensão, mas isso não importava. Era um dia perfeito para esconde-esconde.

Suas respirações vieram rapidamente quando ela tentou se esconder de sua mãe. Seus professores disseram que ela estava se destacando em seus estudos e que seria uma rainha poderosa no futuro. Com a idade de oito anos, ela sabia que um dia ela seria mais poderosa que seus pais juntos.

Ela acenou com a mão e desapareceu de vista. Não havia como a mãe dela conseguir encontrá-la agora. Ela rastejou entre dois arbustos grandes e esperou.

—Larina!— a voz de sua mãe a chamou novamente.

Larina sorriu e reprimiu uma risadinha.

Sua risada sempre a entregou. Ela segurou a respiração. Passos se aproximaram. Ela olhou ao redor do arbusto e viu a mãe olhar em volta do jardim.

As longas madeixas loiras de sua mãe fluíam ao vento enquanto ela procurava a área. A rainha estava vestida com um de seus longos vestidos prateados que deixavam Larina com inveja. Sua mãe era a mulher elfa mais bonita que já vira. Ela desejou crescer para ser como ela.

Larina examinou o rosto da mãe e congelou no lugar. Seu sorriso desapareceu. Sua mãe passou mais rápido por ela, sem ver Larina, invisível a olho nu, escondida nos arbustos.

Ela se perguntou se deveria desistir de seu esconderijo.

Não, mamãe era má em brincar de esconde-esconde e estava sendo uma perdedora. Larina riu, segurando a mão na boca.

Ela saiu do mato, ainda usando sua magia para se tornar invisível. Os alarmes do castelo soaram e Larina congelou de novo e virou-se para olhar para a casa deles. Nuvens negras se precipitavam sobre o castelo, escondendo os raios dos sóis. Escuridão a rodeava. Ela recuou, tentáculos de medo rastejando em seu pequeno peito.

—Mamãe!— ela gritou, descendo o caminho que sua mãe havia tomado.

—Larina!— A voz de sua mãe foi abafada pelo rugido que tremeu pela terra.

Larina soltou um grito e caiu no chão, raspando os joelhos no processo. Lágrimas a cegaram quando ela se sentou, confusa.

—Mamãe!— ela gritou. O medo tomou conta dela e seu corpo tremeu com soluços. Ela queria sentir os braços de sua mãe em volta dela, mas ela não sabia onde ela estava. Ela não queria mais brincar.

Seu corpo tremeu, e ela sentiu seus poderes deslizando sob sua pele. Ela gritou, um surto de energia explodindo de seu corpo. Ela choramingou, tentando puxar sua energia como seus professores lhe ensinaram.

—Larina, acalme-se— a voz suave de sua mãe soou atrás dela.

Larina virou a cabeça. Sua linda mãe estava lá. Lágrimas riscaram seu rosto e ela caminhou em direção a Larina. —Minha querida, o que lhe dissemos sobre usar seus poderes para torná-lo invisível? Eu preciso ver você. Se não fosse por seus poderes brilhando, mamãe não teria sido capaz de encontrar você. Depressa, pequena.

O desespero na voz de sua mãe a fez fechar rapidamente os olhos e recuperar seus poderes. Sua mãe sorriu e, inclinando-se, enxugou as lágrimas do rosto. A rainha acolheu Larina em seus braços e segurou-a contra o peito. Larina devolveu o abraço de sua mãe com força, respirando seu perfume.

—Eu sinto muito, mamãe—, ela soluçou.

Sua mãe rapidamente atravessou os jardins. —Não se preocupe, Larina. Esses poderes serão um dia úteis. Nós devemos nos apressar. O perigo está chegando. Eu preciso levá-la para a segurança— ela murmurou contra a testa de Larina.

Larina não sabia por que o céu havia escurecido como antes. Ela pode ter apenas oito anos, mas ela sabia o perigo quando a viu. Ela levantou a cabeça e espiou por cima do ombro da mãe.

Nuvens escuras continuaram a se arrastar pelo castelo e um arrepio percorreu Larina.

Algo estava chegando.

Ela poderia ser jovem, mas ela reconheceu o mal.

De alguma forma, a jovem Larina sabia que o mal que estava se movendo em direção a sua casa estava vindo para ela.

CAPÍTULO 8

Rhodack olhou para Solana do outro lado do quarto de Rina. Horas antes, quando Rina desmoronou, ele voou pela sala e a impediu de cair no chão. Ele pegou-a em seus braços e levou-a de volta para sua suíte.

Ela deitou na cama embaixo das cobertas, ainda inconsciente. Ele não gostou de como ela ainda estava. Ela perdeu a pequena cor que tinha em seu rosto e estava extremamente pálida. Seu cabelo loiro, espalhado no travesseiro, rodeava a cabeça, dando-lhe um ar angelical.

Solana permaneceu ao lado dela, imóvel, sentada na beirada da cama.

—Como ela viveu aqui na Terra por tanto tempo e ninguém descobriu?— Sua voz quebrou o silêncio.

Ele estava furioso que o Rei Fae não o informou que ele estava escondendo sua única filha no território de Rhodack. Isso era algo que ele deveria saber. Havia muitos inimigos do Rei Fae, e isso

colocava o reino de Terra em perigo. Houve até um acordo em vigor que nenhum Fae poderia vir a este reino até que a guerra acabasse.

—Eu sou uma bruxa forte. Meus poderes foram capazes de conter os dela por anos. Mas quando ela cresceu, seus poderes se tornaram mais fortes. As dores de cabeça foram o resultado de sua energia exigindo sair.—sussurrou Solana. Ela delicadamente afastou uma mecha de cabelo do rosto de Rina.

—Por que você não contou a ela?

—Era proibido.

—Mas por que?— Ele demandou. Seu gárgula empurrou para avançar. Sua besta era um lutador feroz e queria proteger Rina. Rhodack levava a segurança desse reino a sério. Se algo estava vindo para Rina, então ele queria estar pronto.

Solana se virou para ele com um pequeno sorriso nos lábios. A tristeza nublou seus olhos quando ela olhou para a forma imóvel de Rina.

—Eu morava em Faery quando ela nasceu. Eu fui empregada da família real. A rainha veio até mim e pediu um favor. Um que eu não consegui negar. Pegar sua filha e leva-la ao reino da Terra para criá-la como minha.— Solana se virou para Rhodack com os olhos cheios de lágrimas. Ela fungou e empurrou o cabelo escuro como a meia-noite por cima do ombro. —Eu nunca fui abençoada em ter meus próprios filhos, mas ali estava a rainha me pedindo para levar sua

única filha de volta a minha terra natal e criá-la como minha e protegê-la. Ela estava desesperada, e Rina não era nada além de um bebê de oito anos de idade. Como eu poderia dizer à rainha que não a ajudaria a salvar sua única filha? Salvar a futura rainha do país das fadas? Então, a pedido da rainha Roshi, eu coloquei um feitiço em Rina e a trouxe aqui. Era proibido que eu contasse a alguém que Larina estava aqui na Terra para mantê-la segura.

—Quem iria atrás de uma criança? Por que eles a querem?— ele exigiu saber.

Ele se moveu em direção à cama para poder garantir que ouviria cada parte da história. Ele moveu os olhos para o corpo imóvel de sua companheira. Ele lutaria até a morte se precisasse, a fim de garantir que Rina sobrevivesse. Ele esmagaria quem tentasse trazer dano a ela.

—Os necromantes. Eles querem o poder de Faery— ela murmurou, encarando amorosamente Rina. —Em seu reino, eles crescem inquietos e mais poderosos. Eles causaram tal destruição em seu próprio reino que crescem com fome para seguir em frente e tomar outros reinos. Eles não podem deixar esse reino. Se eles saírem, não há como dizer que tipo de destruição eles trariam para Faery. Se eles pusessem as mãos ...

—Não tem como os necromantes terem saído do reino dos Forjados— interrompeu Rhodack. Ele balançou a cabeça, sabendo que era o que estava escrito nos livros de história. —Todos os portais

desse reino foram selados pelo pai de Khantar. Não é possível para os necromantes serem capazes de escapar do reino dos Forjados. — Rhodack sacudiu a cabeça.

Quinhentos anos atrás, uma guerra que havia decaído nos livros de história havia ocorrido entre os Fae e os necromantes. Khantar e seu pai reuniram suas forças e invadiram o reino dos Forjados. Era um reino que abrigava o mais sinistro do mal.

O poderoso exército Fae invadiu o reino para defender não apenas seus domínios, mas toda a humanidade. Os guerreiros Fae derrotaram os necromantes em seu próprio reino. O Fae escapou do reino dos Forjados e selou todas as saídas do reino das trevas.

—Eles encontraram um jeito. É por isso que tivemos que esconder a Larina. Os necromantes cresceram em poder e números. Eles escaparam de seu reino, invadindo o país das fadas. Eles simplesmente não esperavam que Khantar fosse tão forte quanto ele, sem seu pai. Por esta altura, Khantar era o rei. Quando escapamos para o reino da Terra, eles conseguiram segurar os necromantes para nos permitir ir embora sem sermos detectadas.

Rhodack sabia que o reino dos Forjados era um lugar violento, sem leis, sem honra e abrigava a mais negra magia. Os necromantes eram seres poderosos que não tinham negócios na Terra.

Se foram os necromantes que fizeram o seu caminho para o reino da Terra, isso seria uma emergência de código vermelho entre

gárgulas em todo o mundo. Não havia como permitir que os necromantes cruzassem.

—E como Rina joga em sua busca para assumir Faery? Se ela não sabia que era de Faery, por que eles a seguiriam aqui?— ele perguntou e girou seu olhar para Rina.

Seu peito subiu e desceu lentamente enquanto respirava profundamente, ainda em um sono.

—Ela é o futuro de Faery. Ela é a Elfa mais poderosa, mais poderosa que a mãe dela. E ainda mais poderosa que o pai dela. Se os necromantes colocarem as mãos em Larina Omaris, eles vão drenar seus poderes, e Faery vai cair.

Um grunhido escapou de seu peito quando ele se moveu para o lado da cama. Solana lutou para impedi-lo de se aproximar de Rina. Seus olhos estavam arregalados e ela usou seu corpo para proteger Rina dele.

—Algo passou por cima. Uma névoa foi avistada indo atrás dela. Vikuth disse que se transformou em uma figura escura. O que é que foi isso?— Os olhos de Solana se arregalaram mais. —Espíritos demoníacos. Eles são controlados pelos necromantes. Eles provavelmente foram enviados para cá em uma missão de rastreamento. Se eles a virem, então os necromantes saberão que ela está aqui e virão buscá-la.

—Eu não iria machucá-la— disse ele, ficando chateado que ela acharia que ele faria. Ela deveria saber que, como protetor do reino, ele não machucaria uma mulher indefesa. —Ninguém vai tocá-la enquanto eu respirar.

—Por que você faria tal promessa? Nós deixaremos a Terra imediatamente. Vou entrar em contato com os pais dela e informá-los de que ela pode ter sido descoberta. Eles virão por ela ...

—Ela é minha companheira— ele retrucou. Sua gárgula se levantou. Sua pele se arrepiou quando os pequenos tentáculos de sua fera tentaram romper.

Seus olhos se arregalaram ainda mais com o anúncio.

—Ela não vai a lugar nenhum— ele disse. —Eu vou manter os necromantes longe dela.

—Não— ela sussurrou, balançando a cabeça ferozmente. —Isso não pode ser!

—Por que não?— Ele fez uma careta com a resposta dela. Ele não estava acostumado a pessoas negando-lhe qualquer coisa. Por que Rina não era sua companheira? Por que a bruxa negaria o que o destino tinha em mente?

—Porque você é o protetor desse reino. Ela é Elfa e precisará retornar a Faery em breve. Ela vai liderar o reino dos Fae. Não há nada contra você pessoalmente, gárgula, mas o futuro de Faery depende dela.

Seus olhos ardiam quando ele pensou em Rina sendo tirada dele. A bruxa observou-o cuidadosamente dar um passo para trás da cama.

—Vamos ver sobre isso. O destino tomou a decisão de nos unir, e ninguém, e eu quero dizer ninguém, vai entrar no meu caminho de reivindicar minha companheira.

—Vamos ver o que o rei Khantar tem a dizer sobre isso, gárgula.— Solana se virou de costas para ele para endireitar a capa já perfeita.

Ele olhou para as costas dela.

Ela havia dispensado ele.

Ninguém dá as costas a Rhodack Gahnoth.

—Ela é minha companheira. Fim da história — disse ele, movendo-se para o lado dela.

Seu corpo endureceu e ela pairou perto de Rina. Ela não iria mantê-lo longe de Rina. Ele romperia quaisquer barreiras que Rina tentasse colocar contra ele para fazê-la ver que ela pertencia a ele. Descobrir que ela era uma elfa poderosa tornava ainda mais óbvio por que o destino os unira.

Eles assistiram Rina dormir. Uma lágrima escorregou de sua pálpebra fechada. Seu coração batia quando a única gotícula desapareceu em suas grossas madeixas loiras.

—Quando ela vai acordar?— ele perguntou, não gostando que ela estivesse com algum tipo de dor.

—Eu vou tirá-la de seu sono agora. Eu a coloquei quando seus poderes explodiram.

—Ela terá alguma lembrança de Faery? Ela será a mesma pessoa que ela era antes de desmaiar?

—O feitiço que eu tinha colocado sobre ela agora se foi. Ela vai lembrar de tudo e ela saberá quem ela realmente é. Tenho certeza que enquanto ela está dormindo, seu cérebro está lembrando-a de tudo antes de sairmos do País das Fadas. Foi sua mente que descobriu que eu estava suprimindo suas memórias. Ela cresceu poderosamente diante de mim.— Solana olhou para ele. Ela fungou enquanto olhava para a linda mulher que criara desde criança.

—Acorde ela.



OS OLHOS DE RINA SE ABRIRAM LENTAMENTE. Ela piscou algumas vezes para clarear sua visão. Sua pele literalmente rastejou com o poder que foi envolvendo seu corpo. Fazia muito tempo desde que fluía livremente por toda ela.

Ela deu um suspiro profundo enquanto tentava controlar tudo o que sua mente lhe mostrara. Ela se concentrou em respirar para

desacelerar seu coração e as memórias de corrida que inundaram sua mente.

Ela reprimiu um soluço porque se lembrava de tudo.

Mesmo naquela noite fatídica, quando a mãe dela implorou para ela ir com a bruxa de cabelos escuros para a segurança.

—Por favor, Larina. Mamãe e papai te amam tanto — a rainha gritou, lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela deu um passo para trás de Larina, colocando a mão na frente de sua boca.

Eles estavam atrás do castelo no meio da noite. O céu escuro crepitava com a energia que inundava Faery. Um raio iluminou o céu com explosões de energia.

O mal estava chegando.

—Mas, mamãe, sou forte. Eu posso ajudar a lutar — gritou a pequena Larina, lutando contra os braços da bruxa. Ela estava desesperada para correr para a mãe. —Eu não quero ir. Mamãe! Eu quero ficar aqui com você! Eu prometo que serei uma boa menina.

Os olhos cheios de lágrimas de sua mãe voaram para a bruxa enquanto ela assentia.

—Por favor, Solana. Mantenha meu bebê seguro. Eu não posso te agradecer o suficiente.

—É uma honra, minha rainha. Eu prometo que Larina estará segura. Vou criá-la como minha própria filha— disse a bruxa, puxando Larina para mais perto de seu corpo.

Larina chorou, lutando quando a bruxa a puxou para longe de sua mãe, que fechou os olhos com os gritos de Larina por ela.

Larina procurou a mãe, sem entender por que ela estava sendo tirada de sua família, de sua casa e das pessoas que amava. Ela seria a futura rainha. Ela era poderosa. Ela poderia ajudar seu pai como quando ele tinha ajudado seu pai. Ela adorava sentar-se a seus pés enquanto ele lhe contava sobre montar em batalha com seu pai.

—Mamãe!

—Larina?— Uma voz suave rompeu suas memórias.

Ela reconheceu a voz. Era a sua protetora. Sua mãe adotiva.

Solana.

Rina virou a cabeça e encontrou os olhos escuros da mulher que a levava e a criara. A apreensão obscureceu os olhos de Solana enquanto ela claramente esperava para ver qual seria a reação de Rina.

Rina não tinha certeza se deveria chama-la de mãe, mamãe ou por seu nome. Ela sabia que Solana a amava como uma mãe.

—Eu tenho que admitir, eu não tenho certeza do como te chamar.— Rina sorriu suavemente. Ela não queria quebrar o

coração da mulher porque ela sabia que elas tinham sido próximas quando ela cresceu.

Solana sorriu, as lágrimas caindo pelo rosto. Ela agarrou a mão de Rina na dela. —Vamos começar com Solana e vamos indo.

Rina devolveu seu sorriso, mas uma presença forte na sala chamou sua atenção.

Ela virou a cabeça e seu olhar pousou na figura alta e pensativa que estava ao lado de Solana.

Rhodack. Líder do clã dos gárgulas.

A sala parecia menor com sua presença sozinha. Seus ombros largos mostraram sua força.

Ela se lembrava da infância de seu pai contando histórias sobre as fortes gárgulas. Eles eram uma raça poderosa que eram os protetores do reino da Terra.

Sua respiração ficou presa na garganta pela fome pura em seus olhos. Eles estavam concentrados nela enquanto ele esperava pela reação dela. Seus seios formigaram na intensidade do olhar dele. Ela se lembrava de estar com raiva dele por ter um harém e o beijo que eles compartilharam.

Mas essa foi a reação humana de Rina.

Ela era Larina Omaris, poderosa mulher élfica. Futura rainha do país das fadas.

—Rhodack— Ela voltou o olhar dele.

Poder irradiado de seu corpo. Ele era um gárgula forte, se não um dos mais fortes. Seu corpo chamou o dela. Ela segurou uma bufada. Ela ficou consciente por dois minutos, e seu corpo já estava despertando de outras maneiras.

—Rina, como você está se sentindo?

Ela se mexeu na cama, precisando se sentar. Solana a ajudou, ajustando os travesseiros atrás dela para que ela pudesse se sentar contra a cabeceira da cama.

—Meu cérebro está sobrecarregado agora.— Ela se virou para Solana e pegou a mão dela. —Obrigada por tudo. Sou muito grata por tudo que você fez.

O sistema hidráulico se soltou quando Solana se inclinou para frente, agarrando Rina em um abraço apertado. Ela devolveu o abraço e apertou Solana para ela. Ela devia muito a essa mulher. Ela a mantinha segura e permitira que ela tivesse uma infância e uma vida plenas. Os olhos de Rina encontraram os de Rhodack e ela sabia que precisavam conversar.

Uma apenas para eles sozinhos.

Ela se afastou e se virou para Rhodack. —Eu preciso falar com meus pais.

CAPÍTULO 9

O covil subterrâneo estava em alvoroço quando se espalhou a notícia de que Rina era a princesa das Fadas que havia desaparecido há anos atrás. Dizia a lenda que a princesa das fadas morrera fugindo durante a invasão necromante ao país das fadas.

Rhodack tocara na base de um de seus contatos fae, que revelaria que precisava falar com o rei e a rainha. Ele andou em direção à suíte de Rina para dar a notícia de que eles seriam capazes de falar com seus pais em breve.

Fazia horas desde que ele a viu. Ele estava ocupado notificando os outros clãs gárgulas da informação que ele recebeu. Agora eles sabiam quais eram as figuras enevoadas, eles saberiam como lidar com eles. Eles os caçariam, porque se eles pusessem as mãos em Rina, eles certamente a levariam para o reino dos Forjados.

Isso nunca aconteceria.

Rhodack se certificaria disso.

Ele agarrou a porta de Rina quando uma voz chamou por ele. Ele se virou para encontrar Manga se dirigindo pelo corredor em direção a ele. Manga, uma fêmea em seu harém, tinha um vislumbre de preocupação em seus olhos claros. Seu cabelo escuro estava preso em seu rosto.

—É verdade?— ela perguntou, sua voz rouca em sua aproximação.

Ele olhou para ela, não tendo certeza do que ela estava perguntando.

—O que Avalena está dizendo?— ela disse.

—O que ela está falando?— Ele fixou seu olhar nela quando ela parou na frente dele.

Ela estendeu a mão e colocou a mão no meio do peito dele. Ela olhou para ele com os olhos arregalados antes de olhar para baixo.

—Ela está dizendo que você trouxe outra mulher para o harém. Nós pensamos que você estava satisfeito com os sete de nós— ela murmurou.

—Eu nunca disse que estava insatisfeito com vocês — ele respondeu. Ele não precisava responder a elas. Se ele queria adicionar ao seu harém, então esse era o seu direito como líder do clã. Mas Rina não era para seu harém. Ela nunca seria compartilhada com seus homens ou convidados.

Ela pertencia a ele apenas.

—Mas você está adicionando outra mulher? A Fae?

Ele olhou para ela e segurou a mão dela. Ele a levou aos lábios. Ela se separou quando ele deu um pequeno beijo nas costas da mão dela. Ele sabia que Manga era a mais sensível do grupo. Ela não machucaria uma mosca, e não havia como ele estar dizendo nada a ela no momento.

Ele conversaria com todas as mulheres em seu harém quando chegasse a hora. Ele tinha certeza de que os rumores já estavam voando por aí.

—Não.— Ele soltou a mão dela para voltar para a porta. —Eu preciso falar com Rina.

—Ela não está em sua suíte.

Ele sacudiu a cabeça em torno de seu anúncio. —Onde ela está?— Ele perguntou, estreitando os olhos para ela, esperando por ela para responder.

—Ela está no telhado.— Manga ofegou quando ele passou por ela.

Ele seguiu pelo corredor em direção ao elevador que o levaria para o telhado. Quem havia lhe dado permissão para subir até lá?

O sol nasceria em breve e todas as gárgulas estariam se escondendo embaixo do chão.

Ele apertou o botão do elevador. Abriu-se imediatamente, permitindo que ele entrasse. Ele fervia de raiva por deixá-la sozinha em sua suíte. Os necromantes estavam vindo atrás dela, e alguém tinha deixado ela sair. Quem quer que fosse, responderia a ele. Ele rosnou, seu animal querendo ir adiante.

Finalmente, a porta do elevador se abriu, exibindo o teto. Ele saiu e olhou em volta. Ele se aproximou, percebendo a leveza do sol. Estaria em menos de duas horas.

Ele caminhou até onde o portal estava e congelou no lugar. Sua respiração escapou de seu peito enquanto ele tomava sua forma silenciosa em pé na base da escada. Seus longos cabelos loiros escorriam pelas costas. Ela estava vestida com um vestido dourado que ia até o chão e era distinto da realeza Fae.

Vikuth, em sua forma de gárgula, ficou de lado. Rhodack deveria saber que seu amigo estaria por trás dela indo até o telhado. Ele acenou para Rhodack antes de subir na borda. Ele mergulhou voando para o céu sem dizer uma palavra.

—É onde o ser que tentou me levar entrou?— ela perguntou, sem se virar para encará-lo.

Ele lentamente foi até ela, recusando-se a desviar o olhar dela. Suas respirações vieram rapidamente quando ele ficou diretamente atrás dela. —Sim.

Ela o encarou, e ele foi atingido em seu peito com sua beleza. Ele vagou seu olhar sobre o rosto dela e bebeu em suas feições. Ele podia ver onde o feitiço de Solana havia escondido os traços Fae dela. Ele estendeu a mão e afastou o cabelo do rosto dela, encontrando suas pequenas orelhas pontudas que denotavam seu sangue Elfo. Um pequeno sorriso enfeitou seus lábios. Ele ficou satisfeito por ela não ter fugido dele.

Antes que seus poderes explodissem, ela estava zangada com ele. Ele sabia que ela não entendia sobre o harém dele e ele planejava discutir isso com ela. Mas primeiro, ele tinha que fazê-la ver que ela pertencia a ele.

—A magia de Solana era poderosa— ela murmurou. —Sinto como se tivesse acabado de acordar de um longo sonho. Eu estava vivendo ainda não estava vivendo minha vida. Isso faz sentido?

—A magia de sua bruxa não era páreo para seus poderes— disse ele.

Ele sentiu sua energia transbordar logo abaixo da superfície. Seus olhos pareciam brilhar. Solana estava certa. Rina era um ser poderoso. Ela só não percebeu o quão poderosa ela era.

—Ela te deu uma vida para permitir que você vivesse. Você viveu uma vida plena, mas como humana. Estou surpreso que você tenha feito isso por muito tempo sem que alguém tenha percebido que você não era humana. Um segundo na sua presença e senti seus poderes.

Seu vestido apertado em sua cintura, mostrando suas curvas, antes que ela fluísse em torno de seus pés. Era decotado, mostrando o volume de seus seios. O material de seda não escondia sua figura. As mulheres élficas eram amantes de sua sensualidade. Ela se aproximou dele e seus olhos encontraram os dele.

—Eu posso sentir o seu também— ela sussurrou. Seus olhos brilharam e ela estendeu a mão e colocou a mão em seu peito.

Ele mordeu de volta um grunhido enquanto ela passava a mão ao longo de seus músculos peitorais.

—Eu nunca vi um gárgula em pessoa até agora. Quando eu era criança, meu pai me contava histórias sobre os protetores gárgulas. Ele falava sobre a forte raça de gárgulas que eram ferozes combatentes, sua pele impenetrável por qualquer arma quando em forma de gárgula. Que sua raça era praticamente impossível de matar.— Seus olhos seguiram a mão dela enquanto ela traçava seus músculos.

Ele ansiava por despi-la de suas roupas e levá-la ali mesmo no telhado. Ele agarrou a mão dela ao peito e deu um passo à frente. O grunhido arrancou de seu peito, e ele moveu-os até que ela bateu na parede de tijolos atrás do poço do elevador.

—Não me tente, princesa. Você pode ter apenas acordado de verdade, mas eu vou lhe dizer agora que eu queria você quando você pensava que você era um humana.

—E agora?

Sua voz estava quieta, mas o rodeava. Ele fechou os olhos brevemente, tentando recuperar a compostura. Ele cuidadosamente colocou as mãos na parede, prendendo-a com os braços.

Ela não vai a lugar nenhum.

Ele baixou o olhar para os lábios rosados e seu pênis empurrou suas calças, exigindo estar livre.

—Eu preciso de você— ele respirou, não é mais capaz de resistir. Ele esmagou sua boca na dela.

Seus lábios se separaram, permitindo que sua língua a invadissem, experimentando-a. Seus dedos apertaram sua camisa, e ele inclinou a cabeça para aprofundar o beijo. Sua língua encontrou a dele sem hesitação.

Ela colocou os braços ao redor do pescoço dele, puxando-o para perto dela. Ele rosnou e pressionou dentro dela, não deixando espaço entre eles.

Ele passou as mãos pelos lados dela e segurou seus montes deliciosos. Ela soltou um gemido quando ele beliscou seus mamilos duros através do material sedoso de seu vestido.

Ele a queria.

Ela pertencia a ele.

Foder Rina contra a parede não era como ele imaginou sua primeira vez.

Ele afastou a boca e encostou a testa na dela. Suas respirações vieram rapidamente enquanto ambos tentavam recuperar o controle de sua respiração.

—Você sabe que sente o que há entre nós agora. Você não fez antes por causa do feitiço.— Ele se concentrou em seus olhos. Agora que ela tinha a memória de quem ela era, ele sabia que ela sentiria a atração por ele como ele fez com ela.

A mão dela alcançou o queixo dele. Ele era como massa nas mãos dela. Qualquer coisa que essa mulher lhe pedisse, ele concederia a ela.

—Uma corrente elétrica percorre meu corpo no minuto em que você chega perto de mim— ela começou. Ela ficou na ponta dos pés e roçou os lábios na parte áspera do queixo dele. —Fui informada de histórias de algo assim entre pessoas que deveriam estar juntas...

—Companheiros— ele sussurrou através dos dentes cerrados. Suas mãos suaves correndo ao longo da sombra áspera de sua barba tinham seu pênis duro como aço.

—Quando criança, você acha que é apenas um conto de fadas que seus pais lhe dizem na hora de dormir— ela sussurrou.

Ele segurou a mão dela em seu rosto, não querendo perder seu toque.

—Mas essa coisa entre nós me assusta— ela continuou. —É tudo demais.

—Nós pertencemos um ao outro— ele murmurou. Seu coração batia quando ela procurou seus olhos. —Você sabe.

—Mas o seu harém—

—Não me peça para desistir delas. Existem muitas razões pelas quais eu não posso. Essas mulheres estão sob minha proteção — disse ele.

As gárgulas femininas receberam um status estimado como membros de seu harém. Ele apresentaria todos a Rina para que ela pudesse entender melhor a vida de um líder do clã gárgula.

—Diga-me que você pertence a mim, Rina.

Ele não pôde evitar inclinar-se e colocar um pequeno beijo em seus lábios. Ela sentiu a atração magnética entre eles, não sentiu? Ela seria incapaz de lutar contra isso. Ele sabia que estava pressionando-a muito logo depois que ela acordou do feitiço.

Eu nunca fui um lutador justo.

Quando ele queria uma coisa, ele foi atrás, e ele queria Larina Omaris.

—Mas e se o destino nos enganasse? Vou ter que voltar para o país das fadas para governar. Como podemos estar juntos, se você é o protetor desse reino?

Seus olhos procuraram a resposta dele, mas agora, ele não tinha um para ela. A única coisa que ele sabia era o que seu gárgula sabia - ela pertencia a ele.

—Você me quer, Rina?— Ele empurrou seu comprimento duro em sua barriga macia.

Ela engasgou quando ele agarrou o queixo dela com os dedos. — Sim— ela respirou.

—Então eu sou seu—, ele disse.

Ele esmagou a boca na dela para mostrar a ela o quanto eles pertenciam um ao outro. Seu gárgula era uma fera que precisava pertencer à única pessoa que o destino projetara para eles, e Rina era isso. Ele moveu a mão para a base do pescoço dela e a beijou profundamente. Ele derramou sua necessidade no beijo.

—Sua suíte ou a minha?— Seus lábios se moveram contra os dele.

—Minha— ele disse, a necessidade de tê-la construindo dentro dele.

Ela sorriu e puxou-o para perto dela enquanto o telhado desaparecia.

CAPÍTULO 10

Rina estava lembrando como usar seus poderes. Parecia muito bom ser capaz de mostrar o quão poderosa ela era. Um grunhido veio de Rhodack quando eles apareceram em sua suíte privada. Ele se afastou dela, virando-se em um círculo antes de encará-la novamente.

—Alguém lembrando seus ensinamentos desde a infância?— ele murmurou, caminhando em direção a ela.

Ela sorriu enquanto eles circulavam um ao outro. Sim, suas memórias de seus ensinamentos de infância estavam fluindo em sua mente.

—Como os humanos dizem isso? É como andar de bicicleta.— Ela sorriu quando eles mediram um ao outro. Seus dedos formigaram de poder reprimido. Ela teria sua chance de expulsá-lo em breve. Mas agora, ela sabia que o corpo dele estava chamando o dela.

Ele usou o termo —companheiro— para o que estava entre eles. Ela não sabia se seu povo em Faery tinha destinado companheiros ou não, mas ela sabia que havia uma atração magnética para ele.

Desde que despertou de seu sono, ela realmente se sentiu desperta. Ela pensou em sua vida e sabia que, para um humano, ela levava uma boa. Mas, como princesa de Faery, suas experiências de vida humana a ajudariam a liderar seu povo.

Seus olhos encontraram os de Rhodack e seus olhares se conectaram. Suas respirações vieram rapidamente quando ela percebeu o tamanho dele. Sim, ele seria um parceiro formidável. Seu tamanho e poder a atraíram para ele.

Ela sorriu, aproximando-se dele. —Você me perguntou se eu queria você.

—Eu fiz— ele murmurou. Seus olhos eram de um caçador observando sua presa.

Ela parou na frente dele. Sua mente correu querendo saber até onde ela poderia ir usando seus poderes. Ela olhou para a camisa dele e desapareceu diante de seus olhos. —Se divertindo?

A respiração ficou presa na garganta ao ver seu peito nu. Uma pitada escura de cabelo cobria seus músculos peitorais. Ela inconscientemente estendeu a mão e arrastou os dedos pela penugem, achando-a surpreendentemente suave. Sua ingestão rápida de respiração a deixou saber que ele era tão afetado por ela quanto ela por ele.

—Está voltando para mim— ela sussurrou enquanto seus dedos faziam seu caminho para as calças. Ela se concentrou e eles desapareceram como a camisa. —Sim, como andar de bicicleta.

Ela foi cativada por seu longo comprimento que pendia. Ela olhou de volta para ele e Rhodack riu.

—Onde está sua cueca?— ela perguntou, olhando de volta para o seu comprimento que agora se projetava para ela.

—Não preciso realmente dela— disse ele, estendendo a mão para ela.

Ela recuou, inclinando os lábios em um sorriso. Ela não terminou de descobrir seus poderes. Ela olhou para a cama e depois para ele.

—Eu não gosto de jogos, Rina.

—Quem está jogando?— ela perguntou.

Ela levantou uma sobrancelha e ele desapareceu de vista. A maldição encheu o ar, e ela olhou para a cama e encontrou Rhodack deitado de costas em cima dela, amarrado a ela.

—Rina!— ele disse.

Seus braços estavam estendidos, cada um preso no lugar com tiras de couro que ela sabia que ele não seria capaz de quebrar. Seus tornozelos eram os mesmos. Não havia como ele ser capaz de se libertar, graças aos poderes dela. Só ela seria capaz de deixá-lo sair.

Sim, seus poderes estavam voltando para ela. Eles cantarolaram logo abaixo da superfície de sua pele. Ela se lembrou de seus professores dizendo-lhe que seus poderes eram uma extensão dela.

Ela caminhou até a cama, fazendo suas roupas desaparecerem, deixando-a nua. Ela se aproximou e suas maldições cessaram. Seu olhar estava concentrado em seu corpo enquanto ela se aproximava dele. Seus seios doíam e seus mamilos cresciam em pequenas contas. Umidade coletada no ápice de suas coxas de seu olhar aquecido.

Ela levou tudo para ele. Seu pênis estava no ar, esperando por ela. Ela lambeu os lábios, olhando avidamente para o seu eixo liso.

—Não olhe para o meu pau assim a menos que você planeje fazer algo com ele.— Ele puxou as correias e rosnou: —Você está jogando um jogo perigoso, Rina.

—Oh, é assim?— ela perguntou, subindo na cama.

Seu poder subiu no quarto quando ela se ajoelhou entre suas pernas, seus olhos treinados em seu alvo. Seu pênis chamou por ela. Ela estendeu a mão e pegou-o, segurando o comprimento grosso, e um estrondo trovejou em seu peito. Seus olhos encontraram os dela. Ela voltou seu olhar, acariciando distraidamente o comprimento dele.

—Rina—. Seu nome saiu em um rosnado e enviou um arrepio pela espinha.

Ela adorava como ele observava cada movimento dela. Ela rodeava a ponta macia de seu pênis, as pontas dos dedos encontrando com sua viscosidade que havia vazado. Ela levou a mão a base antes de caminhar lentamente para a ponta novamente.

Ela queria torturá-lo lentamente. Ela sabia que ele estava acostumado a estar no controle e pela primeira vez ela queria que ele perdesse.

Quebrar antes dela.

Rina manteve sua atenção colada nele enquanto baixava a cabeça para seu pênis. Ela abriu a boca e levou-o entre os lábios. O gosto dele explodiu em sua língua, e ela o guiou o mais longe que podia.

Um gemido rasgou de Rhodack quando ela o chupou profundamente em sua boca e então se afastou dele. Ela repetiu os movimentos, mantendo-a lenta e firme. Enquanto ela o tinha na frente dela, ela tomaria seu tempo.

Ele a queria, ele a teria.

Ela trabalhou seu pênis em sua boca enquanto deslizando os dedos sobre o eixo.

—Rina, me deixe ir. Solte essas porra de amarras— ele resmungou.

A cama tremeu com ele tentando se libertar, mas ela não desistiu dele. Ela apertou o aperto e continuou a sugá-lo profundamente na

parte de trás de sua garganta. Ela deslizou a língua ao longo da parte inferior de seu pênis, traçando uma veia grossa que percorreu o comprimento dele, e sua respiração acelerou.

—Mas estou me acostumando com o meu poder. Eu tenho que dizer, eu sou fodidamente fabulosa—ela murmurou, em seguida, lambeu a ponta dele antes de engoli-lo novamente.

Ela acelerou o ritmo e ele soltou um grito. Ela deslizou a mão facilmente da umidade de sua saliva escorrendo pelo seu comprimento. Seu corpo se esticou contra as correias enquanto ela continuava sua doce tortura dele.

—Rina!— ele gritou. Seu peito subiu e caiu rapidamente, seus olhos arregalados com uma necessidade ardente.

Ele estava perto.

—Você quer mesmo que eu pare?— ela perguntou depois de puxá-lo da boca.

—Porra, não!— ele gritou.

Ela riu e guiou-o de volta entre os lábios. Ela o levou fundo, trazendo sua outra mão em jogo. Ela acariciou seu saco, e aproximou-se de seu corpo. Rosnados encheram o ar, então ela acelerou o passo. Ela fechou os olhos, desfrutando totalmente dele em sua boca.

—Você vai pagar por isso, Rina. Acredite, você vai pagar por isso!

Ela ignorou suas ameaças e apertou seu aperto em seu pênis. O sabor salgado dele encontrou sua língua, e ela sabia que ele estava a segundos de perder o controle.

Suas maldições ecoaram pela sala e seus músculos ficaram tensos. Ele soltou um rugido profundo, sua semente atirando de seu pênis. Ela aceitou sua liberação morna, engolindo tudo.

A cama tremeu de seu corpo tremendo. Ela ordenou o resto de sua liberação dele, em seguida, libertou seu pênis semi ereto. Ela se arrastou por cima do corpo dele, encontrando sua cabeça repousando contra os travesseiros macios. Seus olhos estavam fechados, sua respiração acelerada. Ela montou seu estômago, colocando seu núcleo em contato com os cumes de seu abdômen.

—Eu acho que eu poderia me acostumar com isso— ela murmurou, passando as mãos ao longo de seu peito, arrastando os dedos sobre os mamilos planos.

Seus olhos se abriram e se aproximaram dela.

—Você está jogando um jogo muito perigoso, princesa— ele murmurou.

Ela se inclinou e apertou os lábios contra os dele. Ela o beijou, calando-o. Ela não queria ouvir suas ameaças. Ele afirmou repetidamente como eles deveriam ficar juntos, e aqui ela estava se aproveitando dele.

Ela enfiou a língua na boca dele, lambendo e chupando a dele. Seu peito roncou e ela recuou e apimentou beijos ao longo de sua mandíbula. Ela amava a pitada de cabelo grosso que o revestia.

—Rina, me deixe ir.

—Deixe-me ter o meu caminho com você— ela sussurrou, mudando seu corpo. Ela sentiu seu pênis implorando por atenção novamente. Ele roçou a bunda dela e ela sorriu. Ele já estava pronto para ir de novo. —Você se ofereceu para mim. Deixe-me ter você.

—Você pode ter tudo de mim. Eu só preciso te tocar, Rina. Apenas deixe minhas mãos irem— ele insistiu.

Seus olhos ficaram frenéticos quando ela se apoiou sobre ele. Sua boceta pulsava, precisando senti-lo profundamente dentro dela. Ela parou sobre ele, aninhando a cabeça de seu pênis contra suas dobras, provocando uma maldição dele.

—Rhodack— ela gemeu e lentamente se empalou em seu comprimento duro. Suas paredes se estendiam para acomodar sua espessura. Ela se acomodou nele e gemeu. Eles eram um ajuste perfeito. Ela abriu os olhos e encontrou o olhar dele nela.

—Rina, deixa minhas mãos irem. Baby, por favor— ele murmurou.

Ela sorriu com a única palavra que ele deixou escapar.

Por favor.

Ela o tinha na palma da mão. Ela tinha uma sensação engraçada de que ele não dizia essa palavra com frequência.

Ela o soltou.

Seu grunhido encheu o ar, e ele empurrou seus quadris, surgindo profundamente dentro dela. Ele apertou as mãos nos quadris dela, levantando e depois deslizando as costas para baixo sobre ele.

—Rhodack!— ela gemeu.

Ele empurrou seu pênis diretamente para suas profundezas enquanto ela o montava. Ele agarrou seu seio e chupou em sua boca. Ela gritou em seu pênis continuando a esticá-la e enchê-la. Ela segurou-o quando ele virou-os com ele pousando em cima.

—Companheira— ele grunhiu, cobrindo a boca com a sua, deslizando a língua dentro dela.

Seus corpos se moviam em um movimento sincronizados enquanto ele a levava. Ele se abaixou e puxou uma das pernas dela sobre o antebraço e a empurrou para seus limites.

A nova posição permitiu que ele fosse mais fundo. Seus quadris encontravam cada um de seus impulsos. O acúmulo de sua libertação estava chegando. Sua respiração veio rápido e ele continuou a ir.

—Rhodack!— Ela gritou quando sua liberação passou por ela. Ela arqueou as costas para fora da cama e montou as ondas de seu orgasmo.

Ele gritou, enchendo-a com a sua libertação. Seus dedos cavaram nela enquanto ele derramava sua semente em seu ventre. Seu corpo pairou sobre o dela antes de cair sobre ela.

Ela colocou os braços ao redor dele, não querendo que ele separasse seus corpos. Ela amava a sensação de seu pênis dentro dela. Havia uma conexão entre eles, ela não negaria isso.

Ela o segurou para ela, desesperada por ele não se mexer. Ele murmurou algo contra o ombro dela.

—O que você disse?— ela perguntou.

—O sol está chegando. Prometa-me que você não vai sair —ele murmurou, mudando seus corpos.

Ele saiu dela e ela protestou. Ele a trouxe para o lado e puxou as cobertas sobre eles. Ela se aconchegou em seu peito, e seus olhos se fecharam quando ele caiu em um sono profundo.

CAPÍTULO 11

Rhodack abriu os olhos ao som do chuveiro em sua suíte particular correndo. Ele olhou para a cama e a encontrou vazia. O cheiro de Rina encheu o ar e ele relaxou contra a cama. Ele sorriu, pensando em seu amor. Sua companheira era uma amante inteligente. Olhando para trás, ele realmente amava como ela tinha tomado o controle de sua primeira vez.

Isso não aconteceria com frequência, mas se fosse o que sua companheira precisava, então que assim seja.

Ele jogou as pernas para o lado da cama e plantou os pés no chão. Ele olhou para o relógio na mesa de cabeceira e viu que estava ficando tarde. O sol deveria estar se pondo. Ele sabia que Vikuth e seus homens iriam caçar para encontrar a figura enevoadada.

Talvez ele devesse ir com eles.

Rina estaria segura em seu covil enquanto eles caçavam.

O comunicador na mesa lateral apitou. Ele pegou, sabendo que deve ser urgente para alguém entrar em contato com ele neste momento.

—O que?— Ele respondeu, irritação forrando sua voz. Ele sacudiu os olhos para o banheiro. Ele queria ir para Rina enquanto ela estava no chuveiro. Apenas a imagem de água escorrendo pelo seu corpo curvilíneo tinha seu comprimento endurecendo.

—Recebemos a resposta de Faery— a voz de Raseth cumprimentou-o. —O rei Khantar estará disponível para uma chamada em trinta minutos.

—Perfeito. Tenho certeza de que Rina vai querer conversar com os pais dela em breve.

—Eu não disse a ele que a princesa tem suas memórias. Acabei de informar ao contato que era da maior importância que você falasse com o rei e a rainha.

—Obrigado Raseth.— Rhodack desligou a ligação.

Rina ainda estava se ajustando à percepção de que sua vida realmente não era como ela sabia. Havia alguma incerteza em seus olhos onde ele sabia que uma conversa com seus verdadeiros pais era justificada.

O som do chuveiro desligando chamou sua atenção. Ele se levantou da cama e entrou no banheiro. A visão de Rina saindo do

chuveiro com uma toalha branca e felpuda em volta de sua barriga o cumprimentou.

—Boa noite! — ela murmurou, um pequeno sorriso persistente em seus lábios.

Sua beleza o deixou admirado quando ele se mudou para ela. Ele estendeu a mão e afastou o cabelo úmido do rosto dela. Ela ficaria em êxtase ao saber que ele havia feito contato com seus pais biológicos.

—Noite— disse ele antes de cobrir a boca com a sua. Ele segurou o rosto dela com as mãos e aprofundou o beijo. Uma agitação em seus quadris chamejou e seu pênis endureceu. Ele a queria de novo, mas agora não era a hora.

Ela protestou quando ele se afastou, quebrando o beijo.

—Rhodack— ela sussurrou, inclinando a cabeça para trás.

Agora que suas memórias haviam retornado, ele podia sentir a força total de seus poderes. Eles não estavam mais sendo empurrados pela magia de sua mãe adotiva. Esta foi a verdadeira Rina.

—Nós fizemos contato com Faery. Eu tenho uma reunião com o rei e a rainha em trinta minutos.

Seus olhos se arregalaram de surpresa. —Mesmo? Aqui?

—Não, através de um comunicador de reino. É um dispositivo de comunicação virtual onde podemos alcançar os outros reinos.

—Então, não há como usar o meu celular para ligar para Faery, hein?— Sua sobrancelha perfeita levantou-se com sua pergunta.

Ele sorriu para o humor dela. Em uma situação como a dela, ele poderia respeitá-la trazendo um pouco de brincadeira para a situação. Quem mais poderia lidar com o fato de estar vivendo uma mentira completa a vida inteira - sob um feitiço?

—Não. Sem celular. Venha, vamos prepará-la para o seu encontro virtual com seus pais. — Ele gentilmente agarrou seu braço e puxou-a para trás dele.

—Eu estou pronta—, ela anunciou.

Ele torceu a cabeça ao redor para encontrá-la vestida como uma princesa Fae seria. Seu longo vestido prateado abraçava suas curvas, e seu cabelo estava agora seco e pendurado para trás em ondas.

Ela era perfeita.

—Como eu poderia esquecer que os Fae podem se vestir magicamente?— Ele balançou sua cabeça. —Bem, nesse caso, me dê dez minutos e eu estarei pronto.



RINA reprimiu seu nervosismo enquanto olhava ao redor do escritório de Rhodack. Solana, sua mãe adotiva, estava ao lado dela enquanto esperavam para se conectar para falar com os pais de Rina. Ainda era algo difícil para engolir.

Ela se lembrou da última vez que viu sua mãe quando era criança. Na época, ela não conseguia entender por que seus pais a mandavam embora. Quando adulta, ela sabia por que a melhor opção era tirá-la do País das Fadas.

Ela era o futuro.

Ela olhou para Solana e segurou a mão dela. Solana a encarou e sorriu. Ela se inclinou e deu um beijo em sua testa como sempre fizera. Isso confortou Rina imediatamente.

—Obrigada— ela sussurrou.

—Você não precisa me agradecer, Rina— murmurou Solana. —Foi um prazer ser sua mãe adotiva.

Rina piscou as lágrimas e assentiu. Ela nunca poderia pagar essa mulher ao lado dela.

Ela voltou para o quarto enquanto esperavam que a conexão fosse feita. Rhodack e algumas de seus gárgulas mais confiáveis estavam presentes. Seus olhos se encontraram com os dele, como se ele a sentisse observando-o. Ele acenou para ela, em pé na frente do comunicador do reino.

Memórias de sua noite juntos correram para frente. Seu coração disparou em seus pensamentos da maneira como os olhos intensos dele encontraram os dela quando ambos chegaram ao clímax. Ela mordeu o lábio para impedir que seu corpo reagisse com as lembranças.

Ela estava prestes a conhecer seus pais virtualmente. Ela não podia ser liberada das lembranças de fazer sexo com o líder do clã gárgula.

—Não deve demorar muito mais— observou Vikuth e digitou algumas teclas no teclado.

Luzes brilhavam de onde estava Rhodack. Duas pessoas encheram a tela. Sua respiração ficou presa na garganta enquanto ela observava o casal real. Eles pareciam exatamente como ela se lembrava.

—Rhodack Gahnoth, você solicitou uma audiência comigo e minha esposa?— o barítono profundo do rei foi questionado.

Ela reconheceria o som da voz dele em qualquer lugar.

O pai dela.

Toda a sua vida humana ela sempre foi informada de que seu pai havia morrido quando ela era criança, deixando sua mãe, Solana, para criá-la sozinha. Ela sempre sentiu como se um pedaço dela estivesse faltando.

Agora que as vendas estavam desligadas, o pai dela estava em outro reino, mandando-a embora para protegê-la. Ela ansiava por ir até eles, mas agora sabia que precisava esperar até que Rhodack fizesse sinal para que ela viesse.

—Eu aprecio você tomando o tempo para se comunicar comigo, Sua Graça.— Rhodack acenou com a cabeça para as imagens flutuantes do casal real Fae.

—Chegou ao nosso conhecimento que seu reino pode precisar da nossa ajuda. Estamos dispostos a ajudá-lo de qualquer maneira que pudermos — anunciou uma suave voz musical.

Rina fechou os olhos com o som da voz de sua mãe flutuando no ar. Ela engoliu em seco para evitar que o soluço escapasse de seus lábios.

A mãe dela, a rainha.

—Eu aprecio a rapidez de sua resposta para ajudar. Algo do reino dos Forjados está aqui na Terra. Os olhos de Rhodack se estreitaram nas imagens virtuais.

Ele estava no modo total de líder dos clãs, e ela sabia que ele levava a proteção do reino a sério. Foi uma das suas razões para estar neste planeta.

—Você está certo?— Khantar perguntou.

—Tenho certeza. Você sabe por que algo desse reino estaria aqui?— Rhodack praticamente rosnou.

Houve uma pausa grande enquanto a sala esperava que o casal real respondesse. Eles se olharam antes que a rainha voltasse para a câmara.

—Há alguém na Terra que nossos inimigos podem estar procurando— a rainha começou.

—E você não acha que os protetores deste reino precisavam saber que você a escondeu aqui?— Rhodack cortou a rainha.

—Como você sabia?

—É da minha conta saber quando o perigo se aproxima para descobrir tudo. Mas para você esconder sua única filha aqui na Terra e não se comunicar com os gárgulas é uma violação do nosso acordo — disse Rhodack.

Rina arregalou os olhos com o anúncio.

—Você não entende. Nós tínhamos que fazer o que precisávamos para manter nossa criança segura. Faery está em guerra — disse Khantar.

Os pés de Rina a levaram para o lado de Rhodack antes que ela pudesse pensar. Ela tinha que falar com seus pais. A vista lateral de onde ela estava já não faria.

Os olhos de seus pais ficaram maiores em choque quando ela parou ao lado de Rhodack. Eles levaram tudo para dentro.

Ela ficou orgulhosa, vestida com seu traje real tradicional. Quando ela conjurou a roupa, pensou na roupa que sua mãe usara no último dia em que a vira antes de suas lembranças terem sido suprimidas.

—Você se parece com sua mãe— seu pai respirava. Seus olhos azuis, iguais aos de Rina, estudaram-na.

Sua mãe estava congelada em sua cadeira, com lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto olhava para Rina.

—Larina— sua mãe chorou e sentou-se na cadeira como se quisesse alcançar Rina.

Rina era a imagem espelhada de sua mãe. Ela sorriu suavemente e retornou seus olhares.

—Olá, mãe e pai— murmurou.

—Você se lembra de nós?— Khantar perguntou. Ele olhou para ela, seus olhos iluminados com orgulho.

—Sim. Aparentemente, o feitiço que mamãe - Solana - havia colocado em mim não podia mais manter meus poderes baixos, e eu os superei recentemente.— Ela olhou brevemente para Solana antes de devolvê-lo ao comunicador do reino.

—Por favor, nos perdoe, querida. Não houve um dia que não tenhamos pensado em você —Roshi exclamou, enxugando as lágrimas do rosto. Ela sorriu através das lágrimas.

Seus pais não envelheceram desde a última vez que os viu.

—Quando criança, não conseguia entender por que você me mandou embora. Eu te implorei para me deixar ficar ao seu lado— ela disse, se movendo na frente de Rhodack. Ela passou o cabelo atrás da ponta da orelha pontiaguda. Ela pensara muito em sua situação e sabia que precisaria voltar para o país das fadas.

—Claro que você não iria— Roshi apressou-se, sacudindo a cabeça.

—Mas, como adulta, agora com minhas memórias completas do que estava acontecendo quando fui embora, eu entendo— ela interrompeu a mãe. —Eu quero voltar para casa.

Os dois olharam para ela quando ela fez seu anúncio, basicamente perdoando-os por tê-la enganado nos últimos vinte e um anos.

—Larina, estou tão orgulhoso de você.— Os lábios de seu pai se inclinaram levemente no canto, e ela sabia que essa era a sua forma de sorriso. —Mas ainda não é seguro para você estar aqui. Se os necromantes encontraram você na Terra, então precisamos acabar com isso. Não podemos continuar escondendo você em reinos diferentes.

—Estou pronta, pai. Eu me lembro de todos os meus ensinamentos de quando era uma garotinha. Deixe-me voltar para casa— ela implorou. Ela sentiu a necessidade de ir para casa. Fazia muito tempo desde que ela estivera no país das fadas e precisava voltar. Ela sentiu isso profundamente dentro de seu peito.

—Não.— Seu pai balançou a cabeça. —Faery não é a mesma que você lembra.

—Ela estará segura aqui comigo— Rhodack a puxou de volta contra ele.

Ela olhou por cima do ombro e para ele. Esse brilho perigoso brilhou em seus olhos, e ela sabia o que ele estava fazendo.

Estacando sua reivindicação sobre ela na frente de seus pais.

—Bem, nós não esperávamos isso— Roshi murmurou, com os olhos arregalados, absorvendo os gestos possessivos de Rhodack com Rina.

Seus pais compartilharam um olhar surpreso antes de se voltarem para ela e Rhodack.

—Nós iremos para a Terra. Esta conversa será melhor pessoalmente. Estaremos ai em três dias— anunciou Khantar, depois a tela ficou preta.

CAPÍTULO 12

—EU não devo demorar muito— assegurou-lhe Rhodack enquanto se encaminhavam para o telhado.

Ela sabia que ele estava indo caçar com seus gárgulas. Ela estava animada para vê-los partir para a caça. Ela ainda tinha que vê-lo em sua forma de gárgula e não podia esperar para vê-lo.

O elevador abriu e eles saíram. Murmúrios e rosnados soavam das gárgulas no telhado. Seu poder enchendo o ar.

—Não se preocupe comigo— ela murmurou.

Sua mão apertou a dela e ele olhou para ela. —Não deixe a proteção do covil.— Ele parou e se virou para ela.

Ela sentiu os olhos de seus gárgulas sobre eles. Ela sorriu, moveu-se em direção a ele, então segurou a bochecha dele em sua mão.

—Eu não pensaria nisso— disse ela.

Dúvida rodou em seus olhos, mas desapareceu lentamente enquanto ela olhava nos olhos dele. Ele a estudou antes de se afastar dela. Algo em seus olhos deve tê-lo feito acreditar nela.

Ela conteve um sorriso, sabendo que ela não iria apenas ficar quieta e se esconder enquanto ele fosse atrás da coisa que tentou agarrá-la.

Não.

Ela tinha planos, e isso incluía ir ao apartamento dela. Ela tinha certeza de que sua companheira de quarto e amiga estava frenética, procurando por ela. Não era como eles passarem dias sem falar. Ela não sabia como explicaria seu desaparecimento para Chelsey.

—Gárgulas— disse ele.

O silêncio encheu o ar e a atenção deles se voltou para o líder deles. Ele soltou a mão dela quando um poder intenso a atingiu. Ela deu um pequeno passo para trás e observou seu gárgula se aproximar. Sua respiração ficou presa na garganta com o aparecimento de asas de couro nas costas.

O humano Rhodack desapareceu lentamente e sua gárgula emergiu completamente. Seu corpo parecia aumentar de tamanho enquanto sua fera ganhava vida. Ele se virou para ela, e ela ainda sentia Rhodack em seus olhos, mas antes dela havia um poderoso gárgula. Sua pele lisa era de cor escura. Sulcos destacaram seus músculos abdominais. Ela avançou, tomando seu outro lado.

Ela estendeu a mão, e seus poderes irradiavam dele. Seus dedos encontraram a suavidade de sua pele. Era espesso e ela sabia que

era impenetrável. Seus olhos intensos se voltaram para ela, e ela absorveu sua nova aparência.

Ele era um guerreiro.

Um protetor.

Ela tinha pena do ser que ele estaria caçando. Ela sabia que não teria chance contra Rhodack.

—Vá buscá-lo— ela murmurou, recuando.

—Nós caçaremos— afirmou.

Grunhidos ecoaram pelo ar, e gárgulas mergulharam ao lado do prédio. Ela o viu correr até a borda e mergulhar. O ar estava cheio de guerreiros alados voando para o céu.

Seu olhar seguiu Rhodack enquanto ele voava para longe. Ela caminhou até a borda e esperou que eles desaparecessem de vista. Ela assegurou que não iria embora, mas não havia como manter essa promessa.

—Você vai sair, não vai?— uma voz soou atrás dela.

Ela virou-se bruscamente e encontrou uma fêmea parada ali. Seus olhos se estreitaram em Rina. O ódio queimava deles quando ela mediu Rina.

—Você deve ser Avalena— afirmou Rina, sem medo.

A mulher era o completo oposto de Rina. Tudo que era leve em Rina estava escuro na outra fêmea. Sem a feroz carranca em seu rosto, ela poderia ser bonita, mas agora seus olhos estavam olhando para Rina.

—Rhodack falou de mim?— Avalena levantou a sobrancelha. Ela mudou seu corpo, colocando a mão no quadril.

Rina não ficou impressionada com ela. Essa era a mulher-chefe do harém de Rhodack e Rina sabia que a mulher estava ameaçada por Rina.

—Não. Nenhuma palavra.— Rina soltou uma leve risada quando as emoções cruzaram o rosto de Avalena.

—Ele é meu, elfa— a mulher zombou.

—Mesmo?— Foi a vez de Rina levantar uma sobrancelha. Ela não tinha medo de Avalena. Ela sabia que tinha aprendido a se proteger quando criança. Lembranças de seu treinamento vieram à mente e, se necessário, seus instintos se manifestariam. Ela mexeu os dedos, uma sensação de formigamento familiar nas pontas. —Engraçado você dizer isso. Você está com ele há quantos anos e ainda é apenas a cabeça do harém dele?

—É uma honra pertencer ao harém do líder do clã. Você não entenderia nosso modo de vida, crescendo fingindo ser humana— avisou Avalena.

Alguém estava falando dela. Ela arquivou essa informação para mais tarde.

—Fingindo ser humana?

—Como parte do harém, você responderá a mim. Eu comando isso.

Avalena se moveu para ficar na frente de Rina, que não recuou. Ela encontrou os olhos frios da gárgula e reprimiu a risada. Mal sabia a mulher, Rhodack não tinha intenção de acrescentar Rina ao harém. Se ele tivesse o seu caminho, eles se acasaliariam, colocando Rina como sua igual.

Ela não ia deixar essa mulher intimidá-la. Rina era muito mais poderosa do que essa gárgula poderia imaginar.

—Esta elfa não pertence a haréns de ninguém. Eu não ligo para o que isso faz por você— disse Rina —Sou realeza, gárgula e posso garantir que Rhodack não me quer em seu estábulo.

Feito com a conversa, ela se virou para se mover da fêmea, mas Avalena agarrou seu braço.

—Eu não terminei de falar com você— ela disse.

—Oh, terminou sim— Rina estalou.

Ela empurrou seus poderes para fora em Avalena, enviando seu corpo voando de volta pelo ar e caindo no chão. O vento chicoteava ao redor dela enquanto seus poderes surgiam em seu corpo. Seu

cabelo girou quando ela andou para onde Avalena estava deitada, tossindo e cuspiendo no chão.

Avalena arregalou os olhos e olhou para Rina. —Fique longe de mim. Da próxima vez, não serei tão boa.

Rina se virou e deu alguns passos. Ela imaginou seu destino e desapareceu no ar.



RINA FOI PARAR em sua casa que ela compartilhou com Chelsey. Uma luz suave que brilhava na sala de estar deixou que ela soubesse que alguém estava em casa. Ela subiu as escadas e parou na porta.

Ela não sabia como explicaria tudo a sua melhor amiga. Eles tinham sido melhores amigas por um tempo, e Rina queria garantir que Chelsey soubesse que ela estava bem. Ela olhou para o vestido e suspirou.

Ela agarrou a maçaneta e percebeu que não tinha as chaves, mas isso não a impediria de entrar no quarto. Usando suas habilidades, ela abriu a porta e entrou em sua casa. Os sons da televisão encheram o ar e ela andou mais para dentro.

Ela caminhou até a sala de estar, encontrando Chelsey encolhida no sofá enorme. Sua cabeça virou para Rina quando ela parou na beira do sofá.

—Oh meu ...— Chelsey saiu do sofá. O choque cobriu seu rosto, e ela olhou Rina de cima a baixo quando Rina ficou olhando para ela.

Rina sorriu para o rosto atônito de sua amiga. —Chelsey, tenho muito a explicar ...

—Sua Graça— Chelsey murmurou, ajoelhando-se diante de Rina.

A boca de Rina se abriu e ela olhou para sua melhor amiga ajoelhada diante dela. Nenhuma palavra apareceria, então ela limpou a garganta.

—Levante-se, Chelsey. Esse é mesmo o seu nome?

Os olhos de Chelsey encontraram os de Rina e ela se levantou. A raiva encheu o peito de Rina, e ela continuou a olhar para a pessoa que era sua melhor amiga.

—Eu sinto muito, Larina— disse Chelsey.

Rina ficou ainda mais impressionada com o uso de seu nome élfico. Quem era essa mulher na frente dela? Ela esperava ter que explicar tudo para Chelsey, mas aparentemente não precisaria.

—Mas, para responder à sua pergunta, sim, Chelsey é o meu nome verdadeiro.

—Então, eu entendo que você nem ligou para a polícia para informar meu desaparecimento?— Rina não pôde impedir que o sarcasmo entrasse em sua voz.

—Não. Solana me atualizou sobre onde você estava. No começo eu me assustei, mas quando sua mãe - Solana - me disse onde você estava, eu não fiz.

—Então você sabia o tempo todo quem eu sou e não disse nada?—

—Era proibido— Chelsey gritou com lágrimas nos olhos. —Eu jurei segredo. Acredite, eu não queria mentir para você esse tempo todo.

—Você é mesmo minha amiga, ou isso era uma fachada?— Rina colocou o cabelo atrás da orelha.

Ela tinha que saber: toda a sua vida era falsa? Ela havia perdoado Solana, mas ela também precisava saber disso: o relacionamento dela com Chelsey estava completo? Ela amava sua amiga como irmã e sabia que seu coração iria quebrar se a amizade deles tivesse sido inteiramente unilateral.

—Claro que sou sua amiga. Tudo entre nós era real. Solana pertence ao meu clã e me pediu para ajudá-la. Ela precisava de um jeito de ficar de olho em você sem parecer ser a mãe dominadora. Quando nos conhecemos, pode ter sido encenado, mas tudo depois da nossa amizade foi real. — Chelsey correu para Rina e a envolveu em seus braços.

Rina envolveu seus braços ao redor da amiga e segurou-a perto. Ela apertou-a com força e seus olhos se encheram de lágrimas.

—Eu sinto muito por duvidar de você— Rina fungou e se separou de Chelsey.

—Entendo. Eu realmente entendo. Foi tão difícil não contar tudo para você— disse Chelsey, enxugando os olhos com as costas da mão. —Só partia meu coração quando você tinha suas enxaquecas. Eu me senti impotente.

—Então, uma bruxa, hein?— Rina murmurou enquanto olhava para a amiga. Agora que ela *realmente* olhava para ela, podia ver em Chelsey.

—Sim, não uma poderosa como Solana.— Chelsey assentiu. —Eu realmente sinto muito, Rina. Eu nunca quis te machucar.

Rina sorriu e enxugou as lágrimas. Ela fez sinal para sua amiga no sofá para que eles pudessem conversar. Antes que ela soubesse, duas horas e uma garrafa e meia de vinho depois, todas eram sorrisos. Chelsey havia explicado tudo para ela. Como ela protegeu Rina todos esses anos e relatou tudo para Solana.

Rina decidiu colocar sua raiva inicial para o lado, sabendo que tudo sobre ela na Terra era para protegê-la. Ela sorriu para sua amiga enquanto colocava seu copo na mesa de café.

—Eu não posso ficar muito mais tempo. Rhodack retornará ao lar dos gárgulas em breve. Eu prometi a ele que não iria embora.— Ela riu. Durante a conversa, Rina contou a Chelsey tudo que havia acontecido desde a noite em que Vikuth a salvara.

—Você nunca foi daquelas que seguiu as regras muito bem.— Chelsey deu uma risadinha. —Você é um gárgula? Eles são criaturas tão intensas.

—Quando você encontrá-lo, você vai entender.— Rina sorriu, pensando em Rhodack. Ela se lembrou de sua reação inicial a ele e riu. Agora que seus olhos estavam oficialmente abertos, ela o queria ainda mais do que antes.

Seu intestino estava dizendo a ela que eles eram feitos um para o outro, mas ela não sabia como isso iria funcionar se ele era um protetor deste reino e ela fosse governar o País das Fadas.

Os cabelos em seu pescoço eriçaram em alerta quando um aviso saiu no fundo de sua mente. Seu sorriso escorregou de seu rosto, e ela se levantou e foi até a janela da frente.

Rina levantou a mão e sacudiu-a, usando seus poderes para apagar as luzes da sala. —Nem uma palavra— ela sussurrou. Ela sentiu o medo de Chelsey de onde ela estava.

Rina gentilmente empurrou a cortina para o lado, apenas o suficiente para ela dar uma espiada no quintal. Ela lançou uma maldição suave. A energia misturada pairou no quintal.

Ela a encontrou.

CAPÍTULO 13

Rhodack soltou um grunhido profundo quando suas asas cortaram o ar. Ele se amaldiçoou por cair na promessa de Rina de ficar onde ela estaria segura. No minuto em que ele entrou no covil, Avalena correu para ele e informou que ela tinha visto Rina desaparecer do telhado.

Ele só conseguia pensar em um lugar que ela o desafiaria a ir.

Casa.

Ele iria para a casa dela primeiro para procurar por ela.

Ela não percebia o quão perigoso era estar sem proteção? Enquanto caçavam os seres, eles se deparavam com mais seres de energia na cidade. Mais dos seres nebulosos haviam cruzado, e ele e as gárgulas não tinham ideia de como estavam entrando no reino.

Eles sabiam onde ela estava agora.

Ele apenas rezou para que não fosse tarde demais e a encontraria sã e salva.

Ele fez uma careta ao pensar que ela não o havia escutado. Ninguém ousaria ir contra a sua palavra. Ele empurrou mais forte, voando pelo ar em velocidade recorde.

Ele atravessou as nuvens e a casa de Rina apareceu. Seu coração pareceu pular em sua garganta pela visão que o encontrou. Meia dúzia de seres embaçados flutuavam no jardim da frente.

Sua gárgula libertou um rugido ensurdecido quando Rina saiu para a varanda.

Ele puxou as asas de couro perto de seu corpo e inclinou-se para o chão. Ele cortou rapidamente pelo ar, o quintal se apressando para encontrá-lo.

O leve brilho dos seres cresceu, e eles se transformaram em figuras humanoides.

Ele puxou seu corpo para cima, seus pés batendo na terra. Ele ficou em toda a sua altura e enfrentou os caçadores do necromante. Ele soltou um grunhido profundo, seu olhar encontrando os olhos sem alma dos demônios que estavam diante dele.

—Rhodack— a voz de Rina ecoou atrás dele.

Seus músculos estavam enrolados, prontos para enfrentar os demônios. Sua mente correu, e ele tentou descobrir quando os necromantes começaram a usar seus poderes para converter seus demônios guerreiros em névoa.

—Volte para a casa, Rina— ele rosnou. Ele voltou sua atenção para o primeiro demônio para dar um passo em direção a ele. Rhodack sabia quem ele estaria matando primeiro. —Não é uma escolha.

Ele sentiu uma pequena presença aparecer atrás dele e ele amaldiçoou.

Rosnados encheram o ar. Os demônios convergiram para eles. Ele moveu seu corpo na frente de Rina, pronto para protegê-la.

Eles escolheram a fêmea errada para perseguir.

—Eu posso ajudar— ela insistiu.

Uma forte onda de energia atingiu o ar atrás dele, e o primeiro demônio correu na direção dele.

Ele rugiu, se lançando em direção ao demônio. Seus corpos se chocaram em uma batalha de força. Rhodack sabia que ele era o mais poderoso dos dois. Um demônio baixo não tinha nada nele. Ele cavou suas garras na garganta do demônio, e deu um grito gargarejado. Ele balançou o corpo do demônio e bateu no chão.

Os outros correram para a frente.

Ele subiu a sua altura total, sua gárgula brandindo suas enormes presas prontas para a próxima.

Ele lutou o caminho através dos convidados indesejados, avistando Rina usando sua energia para afastar os caçadores. O

cabelo dela flutuava no ar ao redor dela, e ela estreitou os olhos nos atacantes. Energia disparou de suas mãos e bateu em um demônio carregando-a.

Rhodack pegou o que estava à sua frente, torcendo a luta que estava ao redor e estalando o pescoço.

Ele soltou um rugido ensurdecador e o corpo caiu no chão diante dele. Ele estudou o jardim, e os poucos demônios que ficaram deram um passo para trás. Seus poderes irradiavam dele enquanto ele olhava para sua companheira.

Ela certamente o surpreendeu por alguém que há uma semana pensava que ela era humana. Seus olhos se encontraram antes que ele voltasse para os demônios. Ele fechou as mãos em punhos e mostrou suas presas, seguindo em direção a Rina.

Os demônios se afastaram, seus olhares se encontraram. O peito de Rhodack subiu e desceu rapidamente da curta batalha. Ele estava pronto para defender sua companheira.

Para a morte, se for necessário.

Eles devem ter testemunhado o brilho mortal certamente em seus olhos que mostrava o quão longe ele iria, pois todos eles desapareceram em suas formas embaçadas e depois voaram para o alto.

Um grunhido vibrou em seu peito enquanto ele observava os guerreiros demoníacos desaparecerem na noite.

—Rhodack— respirou Rina atrás dele.

Ele se virou ao som da porta da casa dela abrindo. Uma pequena bruxa saiu para a varanda.

—Volte para dentro, Chelsey— disse Rina, virando-se para a porta.

—Você está bem?— a bruxa chamada Chelsey perguntou. Seus olhos se arregalaram quando seu olhar encontrou o de Rhodack. Seus passos vacilaram quando ela parou na varanda.

—Estou bem. Este é o Rhodack.— Rina fez um sinal para ele.

Ele não sentiu nenhuma ameaça da bruxa. Ele se moveu atrás de Rina e gentilmente agarrou seu braço e tentou não perfurar sua carne com suas garras.

Eles precisariam sair.

—Não será seguro para ela aqui— ele murmurou.

Mais uma vez, ele olhou em volta do quintal. Os corpos dos demônios caídos haviam desaparecido. Aqueles que haviam escapado certamente informariam os necromantes da briga, e eles subiram em suas travessuras para chegarem a Rina. Sua demonstração de poder iria atraí-los.

—Ela pode vir com a gente?— Rina perguntou com os olhos arregalados.

—Não, eu vou ficar com o meu coven. Você vai precisar de toda a ajuda que conseguir. Posso não ser uma bruxa poderosa, mas existem aqueles que ajudarão a filha adotiva de Solana— anunciou Chelsey, de pé na beira da varanda.

—Mas, Chelsey...

—Eu vou ficar bem. Vou sair agora— prometeu Chelsey, descendo as escadas.

Rina se afastou dele e encontrou sua companheira de quarto em um breve abraço.

—Prometa-me que você vai ficar bem.— Rina fungou e recuou.

—Eu prometo. Agora vá —Chelsey disse, empurrando Rina para ele.

Ele passou os braços em torno de Rina e acenou para a bruxa. Ele sabia que as bruxas ajudariam os gárgulas contra o mal que estava vindo.

—Estou pronta...

A voz de Rina foi cortada - ele saltou no ar com ela em seus braços. Ele abriu as asas de couro e as espancou. Seu grito de surpresa ecoou em seu ouvido. O vento passou por eles. Ele a agarrou com força e eles cortaram o ar em direção ao lar das gárgulas.

Eles tinham muito a discutir. Sua raiva contra ela fervia em seu peito enquanto voavam sobre a cidade.

—Oh meu! — respirou Rina.

Ela apertou o aperto em volta do pescoço dele, e ele desceu. Ele bateu as asas em uníssono enquanto voava pelo céu escuro da noite.

Ela está segura. Ela está segura, ele cantou em sua mente, o prédio de aparência abandonada se aproximando. Ele passou pelas enfermarias ao redor da estrutura, agora vendo por sua beleza.

Os humanos que passavam por ele só enxergariam uma construção decrepita, mas os do mundo paranormal veriam um lindo arranha-céu de pedra que era alto o suficiente para quase tocar os céus.

Não dizendo uma palavra, ele caiu no chão em frente à entrada principal. Ele conectou seu olhar com o de Rina e ela deslizou contra seu corpo endurecido. Um grunhido deslizou por seus lábios firmes, seu corpo reagindo à sensação de suas curvas suaves e flexíveis.

—Sinto muito— ela começou.

Ele levantou a mão, silenciando-a. Ela não percebeu a magnitude de desafiar o pedido dele. Agora, esses demônios estariam informando os necromantes de seus poderes.

Eles viriam atrás dela.

Eles precisariam preparar uma estratégia de batalha.

Mas agora, ele tinha outros planos para sua princesa das fadas.



RHODACK ROSNOU e marchou pelo covil. Ninguém se atreveria a encontrar seus olhos quando ele puxou Rina atrás dele através das multidões de gárgulas que estavam se demorando ao redor da entrada.

O covil era um labirinto de túneis subterrâneos que corriam abaixo da superfície da cidade. O edifício do Banco Steele era um ponto de entrada para a superfície de todos aqueles que viviam no subsolo.

Apenas o pensamento dele sendo alguns minutos depois sacudiu sua gárgula.

Eles poderiam ter levado Rina.

Ela pertencia a ele, e ele seria condenado se os necromantes fossem reivindicá-la.

—Rhodack. Se você apenas me deixasse explicar— ela suspirou.

Eles desceram as escadas para o nível mais baixo, onde sua suíte privada estava localizada. Ele parou para varrê-la em seus braços e continuou descendo as escadas.

—Cala a boca— ele retrucou.

Ele agarrou-a com suas garras, mas não apertado o suficiente para quebrar a pele. Ele chegou à porta de sua suíte, abriu-a e passou por ela. Ele chutou a porta e colocou Rina em pé. Ela deu alguns passos para trás, para longe dele.

Ele se concentrou em trazer seu ser humano para frente. Seu corpo começou a mudança rápida de gárgula para homem. Seus ossos crepitaram e mudaram de forma quando o outro eu emergiu. Ele abriu os olhos e encontrou Rina.

—Olha, eu sei que você está com raiva de mim, mas eu tive que ir para casa— ela começou.

Ele marchou até ela, agarrou-a pela nuca e bateu a boca na dela. Ela pressionou perto de seu corpo nu enquanto ele controlava seu beijo.

Ele tinha que saboreá-la. Ele poderia tê-la perdido esta noite, e não ficou bem com ele. Esta era sua mulher, sua companheira, e ninguém a tiraria dele.

Ela ofegou em sua língua forçando seu caminho além de seus lábios macios. Ele precisava ter o gosto dela. Suas pequenas mãos descansaram em seu peito nu. Seu pênis, grosso com a necessidade, pressionou contra seu estômago.

Ele enfiou as mãos no cabelo dela, prendendo-a no lugar. Ele recuou e apoiou a testa na dela.

—Se você precisa deixar o covil, você tem que ter um guarda com você em todos os momentos— ele murmurou. Ele abriu os olhos e encontrou o dela sobre ele.

Ela silenciosamente assentiu. Seus lábios inchados chamavam por ele.

Ele pressionou outro beijo no dela antes de se afastar. —Eu não vou te perder.

—Essa coisa entre nós me assusta— ela admitiu, seus olhos procurando os dele.

Sentiu um tremor percorrer seu corpo e ela se inclinou para ele.

—Eu pertenço a você e você pertence a mim. Não pense nisso. Apenas sinta o que há entre nós — disse ele. Ele virou-a de costas para a sua frente. Ele segurou um gemido quando seu pênis roçou o inchaço de sua bunda. Ele gentilmente a levou para seu quarto.

Rina ofegou quando passaram pelo batente da porta e pararam. Seu olhar seguiu o que ela estava olhando em sua cama.

Calista, um membro do seu harém, estava sentada no meio da cama com um pequeno sorriso no rosto. Suas feições delicadas se iluminaram ao ver Rhodack e Rina.

—Um, Rhodack ...— Os músculos de Rina ficaram tensos, e seu olhar vagou para o dele.

Ele soltou seus quadris e, lentamente, alisou as mãos até o corpo para envolver seus seios cheios.

—Como a companheira do líder do clã, o harém pertence a você também. Eles responderão a você e farão o que quiserem— disse ele, roçando os lábios no pescoço dela. Ele arrastou a língua ao longo da curva de sua garganta antes de beliscá-lo com os dentes.

Um arrepio percorreu seu corpo e ele continuou a acariciar e massagear seus seios. Seus mamilos frisados empurraram seu vestido.

—Eu nunca estive com uma mulher antes— ela sussurrou, inclinando-se contra.

Seus lábios se curvaram em um sorriso e ele levantou os olhos. Calista escorregou da cama. Ela era uma das mais novas integrantes do harém, acrescentada há cerca de vinte anos.

Ele não ligara para ninguém do harém, mas estava feliz por Calista estar lá. Ela seria a melhor pessoa para ajudar Rina a abraçar uma mulher do harém. Tudo o que ele possuía pertenceria a Rina, e isso incluía o harém.

—Essa é Calista. Ela é uma alma gentil que irá ajudá-la — disse ele.

—Sua companheira é linda.— Calista andou pelo quarto. Seu cabelo escuro caía sobre os ombros em contraste direto com o vestido branco até o chão. Seus dedos dos pés descalços espiavam

por baixo de seu vestido enquanto ela caminhava na direção deles. Ela parou a alguns centímetros deles e esperou pacientemente.

—Você também é.— Rina virou a cabeça para ele e ele acenou para ela.

A incerteza encheu seus olhos, mas seus lábios se inclinaram ligeiramente nos cantos.

—Nós vamos devagar— ele prometeu, removendo seu vestido.

Ele pressionou pequenos beijos ao longo de seu pescoço, revelando seu corpo para Calista, cujos olhos se iluminaram com a fome ao ver Rina.

—Apenas entregue-se ao prazer— ele aconselhou.

A cabeça de Rina se voltou para ele e ela olhou em seus olhos.

—Tudo bem— ela sussurrou.

Sua gárgula rosnou profundamente em sua garganta. Ele tinha certeza que ela não iria se arrepender.

CAPÍTULO 14

Rina respirou fundo, sua frequência cardíaca subindo rapidamente em antecipação ao que ela concordou. Um olhar nos olhos de Rhodack e ela estava perdida. A elfa Rina sabia que os haréns eram normais com alguns seres paranormais, mas a Rina que havia sido criada como humana deu um leve protesto.

Mas a sensação dos braços de Rhodack em torno dela, acariciando-a, assegurou que todos os pensamentos saíssem de seu cérebro. A maneira como Calista olhou para ela fez sua respiração acelerar.

O ar gentilmente acariciou sua carne nua, e seus mamilos frisaram em botões mais apertados.

—Um corpo tão bonito.— Calista aproximou-se de Rina. Ela arrastou um dedo da clavícula de Rina para o esterno e até o umbigo.

O abdômen de Rina estremeceu pelo toque gentil.

—Pare de pensar, Rina— disse Rhodack contra o pescoço. — Apenas sinta.

Um gemido escapou dos lábios de Rina enquanto os dedos de Calista se aproximavam de seus montes cheios. Os seios de Rina ficaram pesados, em concha na mão de Calista.

—Perfeito.— Calista inclinou a cabeça.

Rina ofegou, os lábios de Calista se fecharam ao redor de seu mamilo tenso. Rina arqueou o corpo contra o corpo de Rhodack e a mulher chupou o seio profundamente na boca. Umidade coletada no ápice das coxas de Rina.

Ela estava dolorosamente excitada.

Nunca antes ela sentiu uma excitação tão intensa.

As palmas ásperas e calejadas de Rhodack deslizaram pelo estômago e se conectaram com o vale abaixo. Seus dedos grossos separaram suas dobras lisas.

—Rhodack— ela gemeu, seu dedo se conectando com seu clitóris inchado. Ela jogou a cabeça para trás para descansar no peito forte dele e se deliciou com os sentimentos que a rodeavam.

A pequena boca quente de Calista abriu um rastro com a língua enquanto se movia para o outro seio. Seu peito roncou com um rosnado, e ela se agarrou ao outro mamilo de Rina.

O corpo de Rina tremeu. Desejo construído. Ela estendeu a mão por trás e agarrou o cabelo de Rhodack entre os dedos e segurou a sua vida.

—Pare de pensar com a sua mente— ele rugiu, trabalhando seu clitóris com os dedos.

Ela abriu as pernas mais largas para permitir que ele mergulhasse seus dedos mais em sua fenda. A umidade dela emanava dela, certamente cobrindo seus dedos.

Ela abriu os olhos e encontrou o olhar de Calista nela. Ela beliscou o mamilo de Rina com suas presas afiadas, depois soltou o peito de Rina e ficou em linha reta. Elas eram quase da mesma altura, com Calista sendo apenas um pouco mais alto. A respiração de Rina ficou presa na garganta, e Calista se inclinou para frente e passou os lábios sobre os dela.

Seus lábios macios pressionaram os de Rina, e Calista usou sua língua para sondar os lábios de Rina, exigindo entrar. Ela concedeu a entrada da língua da mulher. Os seios doloridos de Rina estavam ligados aos vestidos de Calista.

Ela desejou que a mulher estivesse nua como ela estava. Ela queria sentir como seria ter seios nus de outra mulher roçando os dela.

Foi a vez de Calista ofegar - Rina, por sua vez, a beijou de volta. Com apenas um pensamento, as roupas da gárgula feminina desapareceram.

Calista se afastou com uma risada. —Eu acho que alguém está se metendo nisso, Rhodack.— Ela sorriu.

—Quando em Roma— Rina murmurou.

Calista abriu um rastro de beijos no peito de Rina e no estômago, ajoelhando-se diante dela.

—Fico feliz que você esteja disposto a tentar o que os nativos fazem— disse Rhodack, separando suas dobras para a fêmea.

Rina virou a cabeça para Rhodack, encontrando seus olhos escuros. Eles queimaram com uma fome que a tirou o fôlego. Ele capturou seu gemido com seus lábios. Seus dedos espalharam seus lábios largos para permitir que os lábios de Calista se fechassem ao redor de seu inchado feixe de nervos.

Rina gritou quando Calista chupou seu clitóris em sua boca. Nunca antes ela experimentou algo como um trio. As grandes mãos de Rhodack seguravam seus seios doloridos enquanto seus dedos brincavam e rolavam seus mamilos. A língua de Calista mergulhou entre suas dobras, e ela lambeu os sucos que saíam do núcleo de Rina.

—Rina, vê-la trazer prazer para você me faz te desejar ainda mais— sussurrou Rhodack sobre os lábios, e ele se afastou dela.

Ela choramingou. Calista se agarrou ao clitóris novamente e sugou-o. Rina estendeu a mão e entrelaçou os dedos nas tranças escuras da mulher.

Ela gritou, montando a talentosa língua de Calista. As ondas de seu orgasmo se aproximaram dela. Rhodack empurrou sua grossa ereção no volume de sua bunda e seu corpo estremeceu contra o dele.

—Rhodack. Deus, eu estou perto— ela gritou e puxou seu cabelo e empurrou sua vagina mais na boca de Calista.

Seus olhos rolaram para a parte de trás de sua cabeça, ela não era mais capaz de lidar com a visão da outra mulher deleitando-se em sua boceta. Ela estava a um fio de cabelo longe do clímax. Uma necessidade urgente de atingir o orgasmo a encheu, e ela apertou o aperto no cabelo de Calista.

—Sim— ele sussurrou, arrastando suas presas ao longo de sua pele. Suas mãos agarraram seus seios apertados.

Calista passou a língua pelo clitóris de Rina. O corpo de Rina tremeu das sensações que a superaram.

—Deixe ir, Rina. Relaxe.

Seus músculos se apertaram, ela jogou a cabeça para trás e gritou, as ondas de seu orgasmo colidindo com ela. Seu corpo tremia com a força da vinda. Calista soltou um profundo gemido, bebendo a liberação de Rina.

Rina abriu os olhos quando desceu do alto do orgasmo. Calista lentamente lambeu as dobras. Rina estremeceu inconscientemente

ao ver a língua da mulher enterrada profundamente em sua boceta. Calista deu-lhe uma longa e final lambida antes de se levantar.

— O sabor dela é delicioso, Rhodack - ela respirou e parou diante deles, com o rosto coberto pela liberação de Rina.

—Minha vez— disse Rhodack.



A VISÃO DE RHODACK estava obscurecida pela pura luxúria de sua companheira. Ele precisava tê-la. Ele a jogou na cama enquanto Calista se arrastava para o colchão com Rina. Um grunhido retumbou em seu peito e ele se ajoelhou perto dos pés de Rina. Suas pernas se espalharam automaticamente por ele, e o prazer fluiu através de seu peito.

Seus lábios lisos o saudaram quando ele se ajoelhou entre as pernas dela, seu núcleo acenando para ele.

— Ela é uma mulher requintada, meu senhor — Calista murmurou, capturando um dos seios de Rina em sua boca novamente.

— Ela é— ele concordou, seu olhar em Rina.

Ela se deitou contra a cama. Ele empurrou as pernas dela e enfiou seu pênis com suas dobras molhadas. Ele separou-os com a ponta romba de seu pênis, cobrindo-a em sua excitação. Ambos

gemeram quando ele os provocou. Suas gengivas queimaram quando suas presas explodiram.

—Companheira.

Ele mergulhou seu pênis para frente, batendo totalmente nela. Seu calor quente envolveu-se em torno dele, e ele fez uma pausa, bolas profundas dentro dela.

—Rhodack— ela gritou.

Calista segurou o queixo e cobriu a boca com a dela, e ele se afastou e entrou novamente. Ele agarrou seus quadris com força em sua mão, repetidamente empurrando seu pênis para dentro, precisando reivindicá-la.

Ele pegou as duas fêmeas compartilhando um beijo significativo e apaixonado antes de se separar.

O olhar de Rina se moveu para seus olhos. Calista se inclinou e deslizou as mãos para o núcleo de Rina.

—Sim, traga-lhe quantidades infinitas de prazer— ele ordenou, seu olhar em Rina. Ele queria que ela gritasse para o céu enquanto ela gozava em seu comprimento.

—Sim, claro, meu senhor.— Calista deslizou para baixo e beliscou o seio de Rina, seus dedos enterrados profundamente nas dobras de Rina.

—Oh meu. Estou perto de novo —Rina gritou e agarrou o cabelo de Calista em suas mãos.

Ele observou com avidez. Seus olhos rolaram na parte de trás de sua cabeça. Ela era uma bela espécime, seu corpo se arqueando para fora da cama.

O sinal familiar de suas bolas se aproximando estava próximo. Ele bateu seus quadris mais rápido, empurrando profundamente dentro de seu núcleo liso.

—Rina— ele gemeu.

Ela o preenchia a cada impulso, seu núcleo se apertou ao redor de seu comprimento. Um arrepio deslizou por sua espinha e ele ofegou. A boceta de Rina era dele. Envolvendo-o, prendendo-o.

E ele não queria deixar isso.

Seu pênis latejava, e ela se contorcia debaixo dele, seu corpo tremendo quando ela alcançou outro clímax.

Rina ordenhou-o por tudo que ele tinha, e ele explodiu, enchendo-a com sua semente quente. Ele inclinou a cabeça para trás com um rugido e continuou a encher o útero dela com a sua libertação. Ele queria mordê-la, reivindicá-la, mas agora não era a hora. Quando ele a reivindicasse, seria perante o clã inteiro.

Uma reivindicação era sagrada e seria executada durante um antigo ritual tradicional.

Não esta noite.

Esta noite era sobre trazer prazer a ela.

Ele se impediu de cair em cima dela. Ele caiu na cama ao lado dela, respirando profundamente, tentando recuperar o fôlego. Abriu o braço e Rina deslizou para o lado, apoiando a cabeça na dobra do cotovelo. Ela suspirou e se aconchegou em seu lado.

O colchão mudou. Calista se moveu ao redor da cama. Ela se ajoelhou entre as pernas dele, um olhar satisfeito no rosto.

—Eu espero ter satisfeito você e sua companheira, meu senhor— ela sussurrou.

—Você certamente fez— ele murmurou, olhando para ela através das fendas de seus olhos.

Ela inclinou-se para a frente e tomou seu comprimento semi ereto em suas mãos e chupou profundamente em sua boca. Ela gemeu e limpou seu pênis. Ele endureceu novamente com cada gemido gutural que retumbou de seu peito.

Uma respiração rápida veio de Rina enquanto ela observava Calista. Ele inclinou o queixo até o dele e cobriu a boca com a dele. O beijo foi profundo e completo. Um suspiro escapou de Rina e ela o beijou de volta.

Ele se afastou dela, rangendo os dentes. Seu pênis estava totalmente ereto agora, e Calista continuou a sugá-lo profundamente na parte de trás de sua garganta.

—Diga que você será minha, Rina— ele persuadiu. Ele precisava que ela dissesse que ela pertenceria a ele. Eles descobririam o futuro. Não havia nenhuma maneira no inferno que ele estaria deixando ela ir. —Acasale comigo, Rina.

Seus olhos estavam arregalados quando ela encontrou os dele. Um sorriso se espalhou em seus lábios e ela assentiu. Um grunhido saiu dele. A mão de Calista deslizou ao longo de seu eixo. Ela chupou a cabeça de seu pênis enquanto ela brincava com ele.

Os olhos de Rina se moveram para Calista. Ele sorriu para a língua de seu companheiro deslizando para lambe seus lábios. Ele sentia sua excitação crescendo. Uma sugestão de um sorriso formou em sua boca, e ele trouxe a dela novamente.

—Vê-la chupar meu pau te excita?— ele disse contra sua boca. O cheiro de seu doce e picante calor flutuando no ar confirmou isso para ele, mas ele queria ouvi-la dizer.

Ela assentiu devagar. Ele estendeu a mão e empurrou o cabelo loiro atrás da orelha pontuda. Ele arrastou as pontas dos dedos ao longo do lado do rosto dela e de volta para os lábios dela.

—Diga isso— ele sussurrou.

—Observá-la sugá-lo em sua boca me excita— disse ela, voltando seu olhar para Calista.

—Vá e junte-se a ela. Eu adoraria ver vocês duas chuparem meu pau juntas— ele murmurou.

Ela mordeu o lábio e sentou-se. Ela encontrou Calista que, por sua vez, soltou seu pênis da boca e ofereceu a Rina. Calista gentilmente se moveu para segurar o cabelo de Rina, e Rina deslizou seu pênis entre os lábios. Ela mudou para onde seus olhos poderiam se encontrar. Sua respiração ficou presa em sua garganta quando a cabeça de seu pênis desapareceu em sua boca.

Sim, hoje à noite seria tudo sobre Rina, deixando-a explorar e se divertir um pouco.

CAPÍTULO 15

Rina caminhou em direção à entrada do covil com Vikuth ao seu lado. Ela continuou olhando para ele, vendo-o em sua forma humana.

—O que é isso?— ele perguntou, sentindo claramente a atenção dela sobre ele.

—Nada. Esta é a primeira vez que te vejo como humano— Ela sorriu enquanto eles continuavam.

Os nervos encheram sua barriga com o pensamento de que seus pais estariam aqui a qualquer momento. O covil escuro de gárgulas estava em alvoroço devido à chegada da realeza de Faery. Servos e guardas correram preparando o casal real.

Eles chegaram às escadas que levavam ao nível do térreo do prédio protegido. Rina parou no degrau inferior e tentou desacelerar seu coração acelerado.

—O que foi?— Vikuth repetiu, parando nas escadas.

Ele nivelou seus olhos azuis de gelo nela, e ela retornou seu olhar.

—Eu não vejo meus pais desde que eu tinha oito anos de idade. Eu nem sei o que dizer para eles — ela admitiu. Ela empurrou o cabelo atrás da orelha, tremores nas mãos.

Ele desceu as escadas para ficar ao lado dela. Seus olhos procuraram os dela como se ele estivesse procurando por algo. —Rho tem sido meu amigo desde que éramos jovens.

—Rho?— Ela levantou a sobrancelha para o apelido.

—Não conte a ninguém.— Ele sorriu.

Vikuth era bonito por muitos padrões, mas ele simplesmente não fazia seu coração palpitar como o olhar intenso de Rhodack fazia. Alguma mulher de sorte ganharia um prêmio com Vikuth.

—Ele me falou de você lutando contra os demônios. Você o impressionou com algo feroz, e deixe-me dizer, ele não se impressiona fácil. Ele me mantém em um padrão mais elevado do que qualquer um dos guerreiros porque treinamos juntos e lutamos juntos.

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios e ela olhou para as mãos. Ela sabia o que ele estava fazendo. Criando uma distração. Ela apertou-as, tentando acalmar o tremor nervoso. Seus pensamentos voltaram para a luta com os demônios.

—Você realmente acha que ele ficou impressionado?— Ela olhou para Vikuth a tempo de pegar seu aceno de cabeça.

—Sim. Pelo que você passou recentemente, acho que é foda. Eu não posso esperar para ver o que você fará com mais treinamento. Agora venha, o rei e a rainha devem estar aqui a qualquer momento.

Ele gentilmente segurou seu braço e guiou-a pelas escadas até o nível principal que levava ao saguão. O prédio era uma porta de entrada para o mundo subterrâneo, e o saguão principal lembrava a estação Grand Central.

O ar estava cheio de magia enquanto os habitantes do mundo iam e vinham. Ela olhou em volta. Guerreiros gárgulas espalhavam-se pelo saguão.

—Você viu Rhodack?— ela perguntou. Quando ela acordou, ele se foi. Ela ficou deitada pensando nos acontecimentos da noite anterior, e suas bochechas coraram.

—Ele está por aqui em algum lugar. Com seus pais vindo aqui, ele tem que ter certeza de que nosso reino está garantido. Ele tem trabalhado com os outros clãs gárgulas ao redor do mundo para garantir que possamos lidar com a realeza dos Fae. Faz séculos desde que os Fae pisaram neste reino.

—O que Rhodack quis dizer quando disse que meus pais haviam quebrado um tratado?— ela perguntou.

—Na época do seu desaparecimento, as gárgulas chegaram a um acordo de que nenhum Fae passaria por este reino por causa da guerra. Nós tínhamos que proteger o reino da Terra a todo custo, e a

guerra entre Fae e Necromantes não poderia se espalhar por aqui. Este mundo não foi construído para isso. Ainda não é.

—Então, esconder-me aqui na Terra quebrou esse acordo— ela murmurou.

—Venha.— Ele a guiou até onde Solana estava.

Rina sorriu para sua mãe adotiva. Ela correu para ela, tendo seus braços a esperando. Mesmo que Solana não fosse sua mãe biológica, ela sempre ocuparia um lugar especial no coração de Rina.

—Nervosa?— Solana perguntou, recuando. Ela agarrou o queixo de Rina e olhou profundamente em seus olhos. Ela sempre podia ler suas emoções.

Rina tinha imaginado que era a intuição de mãe, mas agora ela sabia que era a bruxa em Solana que lhe permitia saber as emoções de Rina.

—Um pouco— ela admitiu.

Solana a soltou. —Não se preocupe. Seus pais provavelmente estão tão nervosos quanto você.

Rina relaxou com as palavras de Solana. Ela assentiu e se virou, sentindo um olhar aquecido sob ela. Seus mamilos formigaram e ela procurou o movimentado saguão. O céu noturno era visível através das paredes de vidro.

Seu olhar finalmente encontrou o olhar intenso de Rhodack. Ele se aproximou dela. Dois enormes gárgulas flanqueavam seus lados. Ele se aproximou dela, e sua respiração ficou presa no pensamento de seu olhar quando ele se preparou para ela enquanto seu comprimento duro a penetrou naquela manhã.

Seus pés inconscientemente a moveram para ele, encontrando-o no meio do caminho.

—Você está bonita.— Ele a puxou para perto dele.

Ela sorriu e inclinou a cabeça para trás para encontrar o olhar dele. Ela assegurou que seu vestido de hoje mostrasse todas as curvas do corpo dela. Algo nela havia mudado. Ela se sentia mais sensual.

Um despertar sexual.

Seu corpo ainda cantarolava de suas escapadas sexuais antes. Era como se o corpo dela tivesse uma mente própria. Quando ela conjurou este vestido, ela imaginou uma fada sexy e sensual, e isso tinha aparecido nela. Seu vestido azul-gelo era decotado, exibindo o volume de seus seios e exibindo muita pele enquanto abraçava todos os seus atributos.

—Eu senti sua falta quando acordei.— Suas bochechas aqueceram, e ela tinha certeza de que os guardas das gárgulas estavam pendurados em cada palavra dela.

Um grunhido vibrou no peito de Rhodack e seus olhos escureceram. Ela mordeu o lábio, a evidência de seus pensamentos pressionando contra sua barriga.

Ele olhou por cima do ombro e soltou-a. —Seus pais estão aqui.

Ela virou a cabeça para ver a cena que os cumprimentou na rua.

Eles caminharam até a entrada e saíram. O céu da noite se iluminou com raios de luz seguidos de trovões. A energia no ar ficou mais espessa e ela olhou para cima. Uma nuvem enorme pairou sobre o prédio.

Qualquer humano por perto presumiria que uma forte tempestade estava entrando. Ela sorriu, observando a massa rodopiante aumentar de tamanho.

—Merda. Eles estão usando o portal no telhado— Rhodack amaldiçoou, olhando para cima. Ele olhou para os homens e gárgulas ao redor deles. —Gárgulas! Telhado.

Os guerreiros alados saltaram no ar e voaram em direção ao topo do arranha-céu.

—Quer uma carona?— ela perguntou com uma sobrancelha arqueada.

—Não. Leve Solana.— Ele acenou com a cabeça para a figura que apareceu ao lado dela.

Ela olhou para sua mãe adotiva e caminhou mais para a rua e olhou para o céu. Ela olhou para trás a tempo de vê-lo se transformar em sua gárgula. Seus olhos escuros encontraram os dela antes que ele voasse para o ar para se juntar a seus guerreiros.

—Vamos.— Rina agarrou o braço de Solana e a puxou contra seu corpo. —Agente.

Solana engasgou e abraçou Rina perto dela, e a rua da cidade ao redor deles desapareceu.



RHODACK POUSOU no telhado quando o vento começou a soprar. Sua gárgula rosnou e eles caminharam em direção à entrada do portal. A família real não tinha confirmado onde eles iriam entrar em seu reino, o que era uma precaução de segurança para eles, mas causou estragos em Rhodack tentando fornecer segurança para eles neste reino.

Preferindo ficar em sua forma de gárgula, ele foi até onde o portal deveria abrir. O vento girou em torno dele e avistou Rina aparecendo com Solana. Ele fez sinal para ela vir para o lado dele. O vento aumentou ainda mais, e a nuvem se transformou em um funil que se moveu em direção à escadaria de pedra que levava ao céu. Eles esperaram o portal se formar.

O ar estava atado com uma energia poderosa. Suas gárgulas estavam preparadas para qualquer coisa. Se não fosse o casal real Fae, eles estariam prontos para lutar com o que quer que atravessasse.

—Fique atrás de mim.— Ele treinou seus olhos no portal.

Rina deu um passo para o lado dele. Ele olhou para ela, vendo o desafio em seus olhos. Ela balançou a cabeça.

—Ao seu lado— ela respondeu com outro aceno de cabeça.

Ele assobiou com sua exibição flagrante de insubordinação. Ele teria falado com ela sobre ela desafiando-o. Seu gárgula foi construído para proteger, e proteger sua companheira, mas, por enquanto, ele voltou sua atenção para a luz brilhante que se formava quando o portal se abriu.

Dois fortes guerreiros Fae em sua vestimenta real oficial avançaram com as espadas desembainhadas. Eles pararam no topo da escada e examinaram o telhado. Rhodack manteve o foco neles e esperou.

Eles pegaram os guerreiros gárgulas que também esperavam, preparados para a ação. Eles estudaram Rina. Ela deu um passo à frente na frente dele. Ele rosnou para seu movimento tolo. Se os dois tivessem vindo para matá-la, ela teria se deixado diretamente exposta.

—Sua graça.— Ambos a cumprimentaram ajoelhando-se nas escadas.

—Bem vindos. Está seguro aqui— ela gritou. Ela se virou para Rhodack com um pequeno sorriso nos lábios.

Ele ansiava por puxá-la para trás e reivindicar aqueles lábios carnudos, mas agora não era a hora. Mais tarde, ele a esconderia por não lhe dar ouvidos. Sua segurança era a maior prioridade para ele e seu gárgula.

O som da respiração rápida de Rina teve sua atenção voltando para o portal. Mais alguns soldados reais entraram antes que um elfo alto e de ombros largos passasse pela abertura.

O rei do reino dos Fae.

O rei Khantar Omaris permaneceu régio e corajoso enquanto seu olhar penetrante percorria o telhado. Seus olhos severos se suavizaram ao ver Rina parada na base da escada. Seus lábios se transformaram em um sorriso, e ele chegou por trás dele e colocou a mão de volta no portal, guiando uma imagem espelhada de Rina.

A rainha Roshi Omaris sorriu quando seus olhos encontraram os de Rina. A rainha estava em um vestido similar ao de Rina, exibindo sua figura curvilínea.

—Larina— a rainha respirou. —Meu bebê. É realmente você.

Um soluço rompeu o ar e Rhodack olhou para o lado de Rina.

Porra.

Ele não achava que poderia tomar suas lágrimas. Seu coração de pedra rachou ainda mais com o pensamento de que ela estava com dor.

Ele não sabia o que fazer.

Ele avançou, mas ela também deu um passo à frente e sua mãe voou escada abaixo e a encontrou para um abraço apertado. As duas fêmeas choraram lágrimas do que ele esperava ser alegria.

Ele se virou para Vikuth, que deu de ombros. Gárgulas não eram uma raça que derramava lágrimas em tudo.

O rei desceu as escadas e puxou as duas mulheres para os braços. Se Rhodack não soubesse, juraria que os olhos do rei estavam embaçados.

—Está tudo bem, gárgula. Ela está bem. Este é um retorno que está muito atrasado— Solana murmurou ao seu lado.

Ele olhou para ela, e ela deve ter visto a confusão em seus olhos.

—Se eles estão felizes em ver um ao outro, por que as lágrimas?

—Você tem muito a aprender sobre Rina - inferno, as mulheres em geral, se você não entende por que elas choram.— Solana riu e se virou para testemunhar a família reunida.

Balançando a cabeça, ele deu um passo em direção à família real. Os guardas Fae se moveram para bloqueá-lo, mas seu grunhido vibrou pelo ar, empurrando-os de volta. Ele estreitou os olhos neles e mostrou suas presas.

Ninguém vai me manter longe de Rina.

—Deixe-o passar— retrucou Khantar. O rei recuou de sua esposa e filha.

Rhodack se aproximou. Ele passou pelos guardas e bufou. Eles não seriam páreo para ele juntos.

—Rhodack Gahnoth.

Rhodack segurou o forte aperto do rei com a garra, com cuidado para não arranhá-lo. —Bem vindo.— Ele desviou o olhar para a rainha e ofereceu-lhe um aceno de cabeça.

Ela sorriu para ele, segurando Rina perto dela.

—Temos muito a discutir.— O rei era todo negócio agora. A exibição emocional estava muito longe.

Aqui, antes que Rhodack estivesse o rei dos Fae.

Um aliado.

—Vamos para o meu escritório— sugeriu Rhodack. Ele se virou, pegando a felicidade que irradiava dos olhos de Rina.

A tensão no telhado era espessa quando eles caminharam até o poço do elevador, mas algo estava errado.

Rhodack olhou em volta. Rina e seus pais avançaram. Ele olhou para onde o portal havia fechado depois que o último guerreiro Fae desceu as escadas. Apenas nuvens de nuvens permaneciam onde o outrora poderoso portal de Faery estava pendurado.

—O que foi?— Vikuth perguntou, chegando a ficar ao lado dele.

—Você não sente isso?— Rhodack se voltou para onde o portal havia se formado.

A eletricidade transbordava no ar onde o portal já estivera. Rosnados encheram o ar - as outras gárgulas tinham notado. A luz cresceu e a eletricidade crepitava, iluminando o céu noturno.

—Mantenha Rina e seus pais em segurança!

—Rhodack!— Rina gritou seu nome.

Ele olhou por cima. Os guerreiros Fae arrastaram-na para seus pais. Ele se virou e deu um passo à frente, pronto para encontrar o que ousasse invadir seu reino. Seus músculos tensos, ele caminhou em direção às escadas.

Uma explosão explodiu para frente, cegando Rhodack. A força no poder da explosão enviou seu corpo voando de volta. Um grito ensurdecedor soou. Ele pousou em algumas gárgulas atrás dele,

seus corpos caindo no chão. Maldições encheram o ar quando uma massa de corpos estava espalhada por todo o telhado.

Rhodack ficou em pé e arrancou uma maldição.

O Fae trouxe a guerra com eles.

CAPÍTULO 16

—Não!— Rina gritou e lutou contra os soldados do pai. O aperto deles nos braços dela aumentou, mais ela lutou. Ela estreitou os olhos para os guardas que estavam tentando arrastá-la para longe.

—Rina, vai!— seu pai comandou, brandindo sua espada na mão.

Seus poderes irradiavam ao redor dele. Sua mãe seguiu atrás dos outros guerreiros.

—Não. Vou ficar!— ela disse.

Sua energia explodiu, derrubando os guardas no chão. Ela olhou para o novo portal que estava se abrindo.

—Eu me recuso a te perder de novo— o rei estalou, caminhando até ela. Sua expressão estava rasgada quando ele olhou para ela.

Ela se recusou a ser empurrada para um local escondido, a esquerda para se perguntar o que estava acontecendo. Ela queria fazer parte da luta.

Ela lutaria ao lado do pai.

Ela lutaria ao lado de Rhodack.

Ela balançou a cabeça e olhou nos olhos do pai que refletiam os dela. Desde que ela era uma menina, ela sonhava em lutar contra as forças do mal ao lado do pai. Ela pode não ter treinado toda a sua vida como guerreira, mas ela sabia que seus poderes eram mais fortes do que qualquer ser no telhado.

O véu estava desligado.

Ela sabia quem ela era agora.

—Você não vai, pai, eu prometo— ela pediu.

Os sons estridentes de uma criatura torturada ecoaram através do vento forte. Ela olhou para o pai e avistou o primeiro animal a atravessar.

Um cão infernal

O rosnado da fera reverberou pelo ar quando a criatura revelou suas presas afiadas. Era uma fera enorme que descia as escadas do portal. Seus olhos vermelhos sem alma varreram o telhado. Outro bruto apareceu por trás, este maior.

Ela treinou seu olhar nos animais. Mais maldições encheram o ar. Ela mudou para ficar ao lado de seu pai. As gárgulas estavam preparadas e prontas com garras brandidas. A gárgula de Rhodack deu um poderoso rugido e deu um passo em direção aos cães infernais.

Ele era o alfa.

Ele era o líder do clã.

Ele era um bravo guerreiro.

O coração de Rina pulou em seu show de bravura. Ela se dirigiu a ele com seu pai e seus guardas flanqueando seus lados.

O primeiro animal saltou no ar na direção de Rhodack com a boca aberta, pronto para o ataque. Com o coração aparentemente alojado na garganta, ela correu para Rhodack.

Ela jogou a mão para fora e enviou um raio de energia para a criatura. Seus poderes se chocaram contra o animal, e ele voltou para as escadas, atordoado. Ela desapareceu, em seguida, apareceu ao lado de Rhodack, enquanto seu pai apareceu do outro.

O rosnado de Rhodack ficou mais profundo quando ele soltou uma maldição, vendo-a lá. —Eu pensei ter dito a você para levar sua filha e se esconder?— ele estalou o rei.

—Eu tentei— disse o rei, atenção no portal. —Ela nunca me ouviu, mesmo quando criança.

Eles se voltaram para as escadas. O outro cão do inferno voou pelo ar. Seu pai saltou, balançando sua enorme espada. Ele aterrissou no chão com a cabeça do animal descendo as escadas. O outro cão infernal tentou atacar seu pai e encontrou o mesmo destino que o outro.

O barulho estridente que ecoou novamente ficou mais alto quando a fonte voou pelo ar.

Serpentes aladas.

Tinha que haver dúzias deles passando pelo portal. Ela se virou, o céu se enchendo com as grandes monstruosidades aladas. Eles lembravam pequenos dragões com asas enormes e cabeças de cobras, suas garras afiadas em exibição enquanto voavam sobre suas cabeças.

Gárgulas rugiu quando Rhodack, apontou para o céu.

Seus guerreiros não hesitaram em pular no ar e voar atrás das serpentes aladas. Eles não podiam deixá-los alcançar os humanos.

—Khantar, você trouxe esta guerra para o nosso reino e é melhor que você espere que possamos evitar muita destruição.

—Eu ajudarei. Você tem a minha palavra que Faery ajudará este reino — Khantar prometeu.

—Precisamos fechar o portal antes que algo mais apareça— anunciou Rina, seus dedos formigando enquanto se movia para frente.

A eletricidade iluminou o ar ao redor dela. O telhado tremeu com o poder de um grunhido que ecoou do portal.

O portal tinha que se fechar.

Agora.

O poder percorreu seu corpo e ela levantou as mãos, sabendo que seria capaz de forçar o portal a fechar.

Sua concentração foi interrompida por uma dor aguda que explodiu em seus ombros. Um grito irrompeu de seus lábios e ela foi arrebatada. Garras agarraram seus ombros quando ela foi levantada no ar. Ela lutou para se libertar.

—Rhodack!— Ela gritou, chutando para fora. Ela olhou freneticamente para o telhado.

Demônios emergiram do portal, e uma batalha aconteceu onde ela esteve uma vez.

Ela avistou o baixo ventre da serpente coberta de escamas levando-a para longe do prédio. Seu grito atravessou o céu escuro. Ela freneticamente pegou o espaço aéreo ao redor deles. Outras serpentes lutaram com gárgulas, movendo-se rapidamente pelo ar.

Ela sabia que, se lutasse contra a serpente que a carregava, ela cairia. Ela olhou para baixo e amaldiçoou. O prédio onde o pai e Rhodack estavam lutando contra os demônios estava longe.

Ela mordeu o lábio, olhando para baixo. A rua da cidade parecia minúscula embaixo dela. As minúsculas luzes da cidade eram cintilantes de sua altura.

Ela poderia usar seus poderes para piscar em outro lugar? Ela sabia que podia, mas desde que a serpente a carregava, se ela piscasse, levaria com ela.

Ela não podia arriscar a serpente deixá-la cair. Ela não tinha certeza se sentiria que seria capaz de desaparecer enquanto caía milhares de metros na superfície da Terra.

Não havia como ela deixar que esse demônio alado a levasse aonde quer que planejasse.

Não.

Não nesse dia.

Não esta princesa.

Ela fechou os olhos e imaginou seu destino.



—FECHE A PORRA DO PORTAL!— Rhodack ordenou ao rei.

Khantar seria poderoso o suficiente para fechar o portal. Eles tinham que garantir que o que já havia atravessado estivesse contido e nada mais aparecesse.

O telhado estava em caos absoluto com os demônios e serpentes aladas mantendo a gárgula e os guerreiros Fae ocupados.

Ele lutou contra dois grandes demônios que pensaram em fazer dupla com ele e levá-lo para fora. Ele olhou na direção que a fera alada levava Rina.

Assim que ele tirasse esses filhos da puta, iria atrás dela.

Sua gárgula deu um rugido feroz e jogou os dois demônios para fora dele. Ele atirou o braço para fora e agarrou o primeiro pela garganta, enterrando suas garras profundamente na carne de sua garganta. Um fluido escuro e grosso correu ao longo de suas garras, e ele cavou mais fundo. Ele puxou com todas as suas forças, arrancando a garganta.

O sangue jorrou pelo peito do demônio. Rhodack puxou para trás as garras cobertas de sangue, e a fera caiu de joelhos, agarrando seu pescoço e caindo no chão. Rhodack soltou um rugido, seus olhos se encontraram com os da criatura moribunda.

Rhodack se virou - o outro demônio o atacou, batendo o ombro no plexo solar de Rhodack. O ar escapou de seus pulmões e ele lutou para se libertar.

Ele mostrou suas presas. Seu atacante tentou derrubá-lo, grunhindo. Os pés de Rhodack deslizaram para trás antes de pararem para uma parada difícil. Ele lutou para permanecer de pé, sabendo que se ele caísse, o demônio e outros o seguiriam.

Com um grunhido, Rhodack envolveu seu antebraço na garganta do agressor, cortando o suprimento de ar, pressionando-o contra ele.

Ele usou sua força para arrebentar o pescoço. O corpo do demônio ficou frouxo, caindo no chão.

Rhodack lançou um rugido ensurdecador e captou o caos que consumia o telhado. Demônios, Fae, guerreiros e gárgulas tropeçaram na força de seu poder que explodiu dele.

As gárgulas e Fae lutaram ferozmente para defender o telhado. Não haveria maneira de permitir que os demônios descessem pelo prédio e entrassem no covil subterrâneo.

—Vikuth— ele chamou por seu chefe de segurança, que tinha acabado de jogar o corpo de um demônio no chão.

—Você está no comando. Vou atrás de Rina — ele disse.

Vikuth chegou ao seu lado. —Eu irei com você...

—Não. Os demônios não devem entrar no covil— respondeu Rhodack, aproximando-se de seu amigo de longa data. Ele estreitou os olhos para Vikuth. —Eu preciso de você aqui para garantir que eles não fiquem abaixo da superfície.

—Sim, meu senhor.— Vikuth assentiu antes de voltar para a luta.

Rhodack olhou para o céu, olhando na direção em que a serpente alada transportara Rina. Ele pulou na borda do prédio e mergulhou.

O vento soprava ao redor de seu rosto, e ele flexionou suas asas de couro, que o levaram para onde ele precisava ir. Não havia como

dizer onde a besta iria levá-la. Suas asas aumentaram sua velocidade. Ele tinha que chegar até ela.

Sua companheira estava em perigo.

Sua besta resmungou novamente, e ele pegou a presença de corpos perto dele. Ele sacudiu a cabeça ao redor. Três serpentes o rodearam. Ele dirigiu seu olhar para as bestas enquanto elas voavam para mais perto dele.

O primeiro mergulhou. Rhodack virou-se de costas e agarrou o pescoço da serpente. Sua boca estalou para ele, e eles caíram pelo ar. Suas asas tentaram firmá-lo, mas ele foi incapaz de empurrar o animal escorregadio dele.

Ele rosnou mais uma vez, outro pulou sobre ele. Suas asas foram imobilizadas pela segunda serpente.

Porra.

Ele estava caindo pelo ar com o chão subindo.

Rápido.

As serpentes envolveram-se em torno de seu corpo, ainda impedindo-o de bater suas asas. Seus braços estavam presos em seus lados, e seus captores o puxaram para cima, impedindo-o de bater no chão.

Ele reprimiu uma maldição.

Eles lentamente subiram mais alto. Quanto mais ele se movia, mais estreitas as suas longas caudas se tornavam. Suas asas, esmagadas contra suas costas, foram incapazes de ajudá-lo.

Eles pegaram velocidade, cortando o ar, e ele cerrou as presas. Onde quer que eles o levassem, Rina tinha que estar lá. Ele permitiria que eles o levassem.

No minuto em que ele estivesse livre, ele os mataria.

Todos os três - e quem estava no local para onde o levaram.

Nada o impediria de Rina.

CAPÍTULO 17

Rina reapareceu no telhado do edifício Steele. Ela lutou contra a serpente gritando enquanto tentava bater suas asas e decolar.

Seu pai apareceu ao seu lado com sua longa espada erguida. Ele balançou, tirando a cabeça da serpente. Seu corpo caiu no chão, suas garras a soltando.

—Larina ...— Os olhos severos de seu pai a levaram como se a avaliasse por danos.

—Estou bem.— Ela engoliu em seco, girando em círculo para tomar o telhado.

As gárgulas haviam assumido o controle e o piso de concreto estava coberto pelos corpos dos demônios mortos.

—Onde está Rhodack?— Seu coração bateu em seu peito quando notou a única pessoa desaparecida do corpo a corpo. O pânico tomou conta dela e ela se virou sem vê-lo. Ela examinou a devastação e não o viu.

Gárgulas arrastaram corpos demoníacos em pilhas com a ajuda dos guerreiros Fae.

—Ele foi atrás de você, minha querida— seu pai murmurou, tomando-a pelos ombros. —Quando a serpente saiu com você, ele decolou imediatamente depois de você.

—Mas por que ele não está de volta? Estou aqui— ela gritou. Ele não deveria ter ido atrás dela. Ela virou os olhos para o céu, que estava vazio de todos os seres. O pânico encheu seu peito, e ela olhou ao redor para o caos no telhado. —Vikuth!— ela gritou.

—Sim, minha senhora— Vikuth respondeu, indo em direção a ela, seu rosto duro de gárgula gravado com uma profunda carranca enquanto ele fazia o seu caminho até ela. Sangue escorria de suas garras, deixando uma trilha no chão. Então ele chegou ao lado dela.

—Onde está Rhodack? Por que ele iria atrás de mim?— Seus olhos procuraram as grandes gárgulas, mas ela já sabia a resposta.

—Porque você é sua companheira. Uma gárgula sempre protegerá a outra metade de sua alma— disse ele, movendo a cabeça para contemplar o céu vazio.

—Traga-o de volta para mim— ela exigiu.

Seu pai tentou puxá-la ao seu alcance, mas ela afastou a mão dele. Ela agarrou Vikuth e o virou para ela. Não havia como ela se sentar e não ir atrás dele. —Eu o quero de volta. Agora. Se você não for atrás dele, eu vou.

—Como segunda em comando, não posso deixar o covil agora. Nós vamos encontrá-lo, eu prometo— Vikuth respondeu.

Ela foi confortada um pouco por sua promessa, mas se sentiria ainda melhor quando Rodack estivesse de volta em seus braços.

Ele procurou no telhado, seu olhar parecendo pousar em duas gárgulas. Ele gritou para eles: —Mackad. Tasux.

As duas gárgulas imediatamente soltaram o corpo demoníaco que estavam arrastando e voaram para o lado deles.

—Sim, senhor— o chamado Mackad cumprimentou Vikuth.

Os dois assentiram para ela e seu pai enquanto estavam ao lado de Vikuth.

—Seu líder de clã foi capturado—, rugiu Vikuth.

Gárgulas em todo o telhado fizeram uma pausa no que estavam fazendo em seu anúncio. Carrancas ferozes alinhavam os rostos de Mackad e Tasux enquanto esperavam por ordens.

—Eu quero que você e dois dos nossos melhores gárgulas voem atrás de Rhodack.

—Sim, senhor— disse Tasux, seu peito subindo rapidamente.

Mais rosnados encheram o telhado junto com as palavras de Vikuth ecoando pelo ar. Rina observou a ferocidade das gárgulas quando seus olhos se voltaram para ela.

—Encontrem-o— ela ordenou, estreitando os olhos sobre eles. Ela sabia que eles eram leais a Rhodack e ao clã.

Eles acenaram para ela e Vikuth.

—Nós somos o clã Gahnoth— Vikuth gritou, andando para a frente. Ele bateu em seu peito, seus músculos se esforçando.

—Clã Gahnoth— foi ecoado por cada gárgula ao redor.

Ela deu um passo à frente, o ar tornando-se eletrificado pelos poderes dos membros do clã diante dela.

O líder do clã estava desaparecido e Rina sabia que eles lutariam para defender seu covil e seu líder.

—Vikuth, nós vamos com Mackad e Tasux.— Um grande gárgula com dois chifres na cabeça deu um passo à frente, junto com uma gárgula de um único chifre.

—Coplay e Stanor. Rhodack será informado de sua lealdade feroz. Vikuth acenou para as duas novas gárgulas. —Agora vá. Traga o seu líder de clã de volta para casa seguro para sua companheira.

As quatro gárgulas apontaram para Rina antes de se virar e correr para a beira do prédio. Ela moveu-se em direção a eles e fixou seu olhar nos guerreiros alados enquanto cortavam o ar, suas grandes asas de couro levando-as para longe do prédio.

—Vamos traze-lo de volta— prometeu Vikuth.

Ela se virou para ele e assentiu. O vento soprou seus longos cabelos no rosto. Ela os escovou de volta e olhou para Vikuth. Um olhar torturado vivia em seus olhos.

—Vamos voltar para dentro. Precisamos criar estratégias para os próximos passos — disse ele.

—Qualquer coisa que possamos fazer, os Fae ajudarão.

Vikuth enrijeceu com as palavras de seu pai, e seu olhar voou para o pai que veio para ficar ao lado dela. Um grunhido ressoou no peito de Vikuth, e seus olhos se estreitaram no rei.

Os guerreiros Fae agarraram suas armas e se posicionaram ao lado de seu pai. Ela se virou para Vikuth e agarrou seu braço quando ele se adiantou. Ela bloqueou seu corpo com o dela.

Ele agarrou o pai dela por cima da cabeça dela. —É por sua causa que esta guerra se espalhou pelo nosso reino. Você foi descuidado quando chegou— cuspiu ele.

—Nós tomamos grandes precauções vindo aqui— rosnou Khantar. —Eu estava vindo para minha filha. Não havia como eu ter sido descuidado. Nós. Tomamos. Precauções.

Gárgula e Fae se voltaram um para o outro. Eles, poucos minutos antes, estavam lutando lado a lado, mas agora a hostilidade aumentava entre eles.

—Bem, vemos que suas precauções não foram suficientes— replicou Vikuth.

—O suficiente!— ela gritou, colocando as palmas das mãos no peito para impedi-las de avançar.

Os músculos de Vikuth estavam tensos sob a mão dela. Ela teve que difundir a situação. —Agora não é hora de lutar uns com os outros. Nós temos problemas maiores em nossas mãos agora.

Seus olhos encontraram os de Vikuth em um olhar silencioso.

Ele relaxou sob a mão dela e acenou para ela. —Ela está certa. Nosso líder do clã foi capturado, e precisamos nos preparar para recuperá-lo e encontrar uma maneira de impedir que os necromantes dominem esse reino. — Ele passou por seu pai e se afastou.

Ela desviou os olhos para o pai para encontrá-lo olhando para as outras gárgulas que tinham feito uma pausa no que estavam fazendo durante a discussão.

—Larina— seu pai murmurou, voltando-se para ela.

Ela ergueu a mão para cortá-lo. Ele era tão culpado pelo argumento. —Ele tem razão. De alguma forma, os necromantes sabiam que você estava chegando.

—Você não pode pensar que o nosso pessoal vazou minha chegada— ele cuspiu.

—Mantenha uma mente aberta, pai. De alguma forma, eles sabiam exatamente quando você estava entrando nesse reino— ela disse baixinho.

Seus olhos encontraram os dela antes de desviar o olhar. —Não foi assim que imaginei nosso encontro— ele murmurou.

—Acredite, eu tinha cem versões diferentes do nosso encontro, mas nenhuma delas era assim.— Ela balançou a cabeça e não pôde deixar de olhar para o céu novamente, esperando ver Rhodack voando de volta para ela. Mas os céus permaneciam vazios.

—Vamos entrar. Há muito que devemos discutir.



A TERRA FRIA E dura correu para encontrar Rhodack quando ele foi jogado para baixo pelas serpentes. Ele soltou um grunhido e se ajoelhou no chão.

Ele olhou ao redor, não reconhecendo a área. Ele esticou as asas e ficou em toda a sua altura. Ele examinou seus arredores, encontrando-se no meio de uma região montanhosa.

—Onde diabos eu estou?— Ele se virou em um círculo para descobrir que as três serpentes aladas haviam desaparecido do céu.

Ele amaldiçoou, avistando o céu brilhando ao longe.

Merda.

O sol estaria nascendo em breve.

Ele se voltou para a montanha, sabendo que teria que encontrar abrigo do sol nela. Depois do anoitecer, ele voaria para casa.

Rina.

Ele mordeu outra maldição. Ele a estava seguindo, mas a perdeu de vista quando as três serpentes o atacaram. Ele tinha que encontrá-la. Os necromantes certamente a matariam em sua busca pelo poder.

O corpo dele congelou no lugar - duas figuras se aproximaram dele. Seus músculos ficaram tensos e ele olhou para as figuras. Ele respirou profundamente e sentiu a magia negra irradiando deles.

—Demônios— ele zombou em torno de suas presas.

As figuras fediam a magia necromante. Essa seria a única maneira pela qual os demônios poderiam vir a este mundo. Ele abriu as asas e preparou o corpo para a batalha.

—Rhodack Gahnoth— disse o demônio maior.

Rhodack lançou seu olhar entre os dois. Esses demônios eram diferentes das figuras fantasmas que os necromantes haviam usado. Esses eram demônios de alto nível que eram mais inteligentes do que seus colegas nebulosos. Eles foram enviados para o reino da Terra com um propósito.

Rhodack sabia que ele seria capaz de levar os dois quando se aproximassem. Ele teria que fazer isso rápido. Ele não seria de nenhuma ajuda para Rina em sua forma de pedra.

—Nós estávamos atrás da princesa, mas você vai fazer agora— disse o segundo antes de brandir um chicote eletrizante.

Rhodack notou que eles estavam atrás de Rina como todos suspeitavam. Ele rosnou, jurando nunca deixá-los alcançar Rina.

—Você não vai colocar as mãos sobre ela— ele rosnou, dando um passo em direção a eles.

O som do estalo do chicote encheu o ar enquanto o demônio menor se aproximava dele. Eles se aproximaram. O pequeno demônio era uma fêmea e, a propósito, ela estava mordendo o chicote, ela era muito experiente com a arma.

—Oh, não tenha tanta certeza— a mulher zombou. —Não vamos ter que correr atrás dela agora.— Ela estalou o chicote novamente, e desta vez uma luz brilhante brilhou, lançando uma iluminação gritante na escuridão.

Ele olhou para eles, sentindo-se crescer semana.

O chicote estava emulando a energia do sol.

—O que no...—

—Como dissemos, ela virá até nós.— O macho riu baixo e cruzou os braços grossos sobre o peito.

A fêmea circulou em volta de Rhodack. Rhodack olhou entre os dois, não confiando em virar as costas para os dois.

—Pare de brincar com ele, Geica.

—Mas onde está sua diversão, Ol'gon?— Geica estreitou os olhos em Rhodack e se aproximou dele com o braço erguido.

Rhodack se esquivou do chicote quando a fêmea se virou para ele. Ele rugiu, encarando-os. Ele era o líder do clã poderoso e não estariam brincado com ele. Ele só precisava que ela ficasse perto dele para que ele pudesse colocar as mãos nela e jogar aquele chicote longe dela.

Ela estalou novamente, e o calor do chicote alcançou-o. Ele mal perdeu desta vez, tentando lutar contra a fraqueza da luz.

—Ponha esse brinquedo no chão e venha brigar comigo.— Sua besta doeu para acabar com as duas vidas dos demônios.

—Geica!— Ol'gon estalou.

—Oh tudo bem.

Rhodack tentou se esquivar do chicote, mas desta vez, seu longo e escaldante comprimento envolveu-o. Ele mostrou suas presas, o chicote branco penetrando em sua carne coriácea, esmagando suas asas nas costas.

Ele rugiu, a sensação de escuridão subindo sobre ele. A luz brilhante do chicote estava drenando-o como se o próprio sol estivesse subindo.

—O que diabos é isso?— ele mordeu, caindo mais e mais no esquecimento. Seus joelhos se dobraram, deixando seu corpo cair no chão. Ele apertou os olhos, tentando o máximo para ver através da névoa densa que nublou sua visão. Um gemido escapou de seus lábios, e ele tentou se mover, mas o chicote apertou seu domínio sobre ele, cortando sua pele.

Impossível.

A pele de uma gárgula deveria ser impenetrável.

—Não adianta brigar, gárgula,— Geica provocou, sua voz crescendo mais perto dele. —A magia necromante é muito forte. Logo, eles vão andar neste reino.

—Eu vou ... matar ... você— ele murmurou, entrando na inconsciência.

CAPÍTULO 18

—Por enquanto— disse Vikuth, guiando Rina para sua suíte.

Ela assegurou seus pais em uma suíte com a promessa de conversarem em breve. Ela tinha muito em mente com a captura de Rhodack para se concentrar em qualquer outra coisa.

—Eu não quero ir para o meu quarto. Eu prefiro estar no de Rhodack - ela murmurou. Não havia como ela conseguir dormir sozinha em sua cama.

—Descanse um pouco. Nós nos encontraremos depois que todos nós descansarmos. Rhodack terá minha bunda se você não for cuidada.— Ele virou os olhos humanos para ela, tendo mudado uma vez que eles voltaram para o covil.

Se não fosse por Vikuth, ela teria saído para procurar por Rhodack sozinha.

—Deveria ter sido eu— ela murmurou, empurrando o cabelo atrás da orelha.

Os necromantes estavam enviando criaturas para este reino atrás dela. Se ela não tivesse deixado a serpente alada levá-la, então eles estariam juntos, lutando lado a lado. A raiva percorreu suas veias com a sensação de desamparo.

De que adiantaria aproveitar todo esse poder se alguém não pudesse usá-lo?

—E ele ainda estaria fora. Ele não teria descansado até que você fosse devolvida— disse Vikuth.

Eles pararam do lado de fora da suíte de Rhodack.

—E eu não deveria descansar.— Ela bateu os pés.

Com o sol nascendo, as gárgulas foram incapazes de continuar sua perseguição. Ela poderia suportar o sol. Seus pensamentos correram instantaneamente. Ela podia reunir os homens do pai e...

—Pare.

Seu olhar voou para os olhos de Vikuth, e o brilho de saber neles sugeriu que ele sabia o que ela estava pensando.

—Você não vai deixar a proteção do covil. Se for preciso, vou levá-lo para dentro do covil e prendê-la. Nenhum dano chegará a você enquanto eu estiver no comando.

—Mas eu posso sair no sol

—Você não vai deixar o santuário deste edifício sem um protetor de gárgula com você.— Sua voz baixou e ele encontrou seu olhar.

Ela engoliu em seco e assentiu antes de desviar o olhar.

—Agora vá, relaxe e descanse. Esta noite, notificaremos os outros clãs e, então, deveremos ouvir a palavra de meus homens.

Ela agarrou a maçaneta da porta e fez uma pausa. Ela olhou por cima do ombro para Vikuth com um sorriso triste nos lábios. — Obrigada!

—Agradeça quando ele voltar.

Ela girou a maçaneta e entrou na suíte estranhamente silenciosa. Ela fechou a porta e caiu contra ela, tentando evitar que as lágrimas caíssem. Seu mundo estava de cabeça para baixo desde que se conheceram Vikuth e Rhodack. Foi por causa deles que ela agora sabia quem ela realmente era.

Ela deveria ser uma líder para seu povo em Faery, e futuras rainhas não choraram.

Eles lutaram de volta.

Ela puxou os ombros para trás e ficou em linha reta. Ela tomaria o conselho de Vikuth e descansaria. Hoje à noite, ela seria a princesa Fae feroz que ela precisava ser.

Ela empurrou a porta e caminhou em direção ao banheiro, sua mente em um banho quente para absorver. Músculos em seu corpo que ela nem sabia que existiam doíam da batalha.

Ela olhou para o vestido e se encolheu. Estava em frangalhos, e ela ficou surpresa por isso.

Usando seus poderes, ela ligou a água do banho e piscou a roupa. Ela caminhou até o grande espelho da sala e observou seu novo olhar.

Ela podia ver as diferentes características de seu rosto que ela nunca tinha visto antes. Ela roçou o espelho com as pontas dos dedos enquanto memorizava seu novo rosto. Seus olhos azuis eram um pouco mais claros do que antes. Eles quase tiveram uma aparência translúcida para eles.

Os hematomas nos ombros de onde as garras da serpente a haviam agarrado estavam lentamente desaparecendo diante de seus olhos.

Excelente cura, ela lembrou. Memórias dela como uma menina com os joelhos ralados de seu jogo áspero vieram à mente. Sua mãe sorria enquanto lavava os joelhos de Rina e dava-lhes um beijo gentil enquanto observavam a pele se reparar. Seus joelhos ficariam bons como novos em poucos minutos.

Ela colocou o cabelo atrás da orelha e sorriu para o pequeno ponto que denotava seu sangue de elfo.

—Você pensaria que sendo um ser sobrenatural, eu poderia ser um pouco mais alta, uma vez que o feitiço terminasse— ela murmurou, afastando-se do espelho.

O vapor do banho de espuma subiu e ela escorregou na água morna. Ela não sabia como ia afastar a atenção da captura e do sono de Rhodack, mas esperava que o banho quente ajudasse. Não era justo que ela desfrutasse do luxo de um banho de espuma enquanto ele estava Deus sabia onde.

—Eu estou indo para você, Rhodack— ela sussurrou, inclinándose contra o travesseiro na borda da grande banheira. Imagens de seu forte guerreiro gárgula vieram à mente, e ela relaxou na banheira. Ela fechou os olhos e murmurou o nome dele, esperando que de alguma forma ele a ouvisse. —Agente. Estamos indo para você.

Sua voz pareceu ecoar na enorme sala. Seus músculos relaxaram. No fundo de seu coração, ela sabia que ele a ouviria. Se eles fossem verdadeiramente companheiros, teriam uma conexão mental?

Ela suspeitava que eles tinham uma ligação mental entre eles, uma vez que eles estavam destinados a ficar juntos.

Ela se concentrou muito, mas não ouviu qualquer resposta em sua cabeça. Ela bufou. A única voz que ela ouvia atualmente era dela mesma.

Ela ainda tinha muito a aprender sobre ser uma elfa que mal podia esperar para passar um tempo com seus pais. Ela forçaria seu

pai a permitir que ela fosse para o país das fadas. Era seu direito de nascimento, e se ela fosse a rainha, então ela precisaria ter um curso intensivo em ser uma elfa e ser uma princesa.



RINA ENTROU nos quartos de dormir de Rhodack e ofegou. Ela agarrou a toalha perto de seu corpo e olhou para Calista e as duas mulheres com ela.

—Minha senhora— Calista acenou para Rina.

Suas bochechas aqueceram enquanto pensava na noite cheia de paixão que passara com a gárgula feminina e com Rhodack.

—Calista. O que você está fazendo?

—Estamos aqui para cuidar de você, minha senhora— Calista respondeu com um pequeno sorriso nos lábios. —Na ausência de nosso senhor, ainda estamos obrigadas a cuidar de sua companheira.

—Eu não preciso de nada no momento.— Rina balançou a cabeça e estudou as outras três. A única mulher com cabelos ruivos flamejantes de que ela se lembrava quando chegara.

—Rhodack ficará muito aborrecido se não atendermos às suas necessidades, minha senhora— comentou Ajuki, juntando as mãos na frente dela.

—Eu sou Manga, minha senhora.— A menor do trio acenou para Rina. Esta fêmea tinha cabelos escuros com olhos claros, e ela tinha quase a mesma altura que Rina. Ela tinha um sorriso caloroso nos lábios enquanto ela olhava para Rina.

—Venha, Rina. Deite-se na cama e vamos ajudá-lo a relaxar. Vamos dar-lhe uma boa massagem e isso deve ajudá-la a dormir.— Calista avançou com os braços apontando Rina para a cama.

Rina olhou para as outras duas. Manga segurava uma pequena bolsa.

—A massagem parece boa, mas estou falando sério. Eu ficarei bem— protestou Rina.

Calista guiou Rina para a cama. Calista insistiu, colocando-a de barriga para baixo. Ela colocou a toalha sobre o traseiro de Rina para dar-lhe modéstia.

Os músculos de Rina ficaram tensos enquanto as mulheres se moviam pela sala. As luzes diminuíram e até mesmo sons suaves e calmantes flutuaram. O cheiro de incensos circulou pelo ar e Rina relaxou. O trio estava transformando a suíte em um pequeno oásis para ela. Ela suspirou, sem saber o que estava pensando tentando afastá-las.

Esta era apenas uma massagem para ajudá-la a relaxar.

—Você está tão tensa, minha senhora— murmurou Ajuki, passando as mãos pelos músculos da panturrilha de Rina.

Rina reprimiu um gemido quando a mulher espalhou óleo sobre a pele e começou uma leve massagem na perna esquerda. —Nós não vamos prejudicá-la.

—Estamos aqui para cuidar de você— falou Manga do outro lado da cama.

A cama mergulhou quando ela se ajoelhou no lado oposto de Rina. Mãos pequenas e macias esfregaram óleo no ombro direito de Rina.

—Calista, realmente, por que vocês estão aqui?— Rina perguntou, virando o rosto para a gárgula.

Calista sorriu e deu um tapinha no ombro de Rina. —Quando ouvimos como você lutou ao lado do líder do nosso clã, sabíamos que você seria uma boa companheira para ele. Rhodack precisará de alguém forte ao seu lado. O nome da família dependerá dele se acasalar com uma fêmea forte. Nós, como seu harém, nunca teremos filhos dele. O destino só permitirá que sua companheira carregue sua semente.— Calista afastou o cabelo de Rina do rosto.

—Nós não só serviremos a Rhodack, mas também a você, minha senhora— murmurou Ajuki.

Rina mordeu o lábio para não gemer sua gratidão. As mãos das mulheres estavam fazendo milagres em sua carne.

—Por sua causa, o nome de sua família continuará vivo. Clã Gahnoth é um dos clãs mais fortes neste reino, e para que continue assim, ele deve continuar seu legado — explicou Manga em sua

posição. Ela puxou o braço de Rina para endireitá-lo na cama e depois trabalhou no biceps de Rina.

—Mas Rhodack e eu não nos acasalamos— Rina gemeu, seu corpo despertando com as mãos das mulheres sobre ela. Ajuki desapareceu debaixo da toalha e segurou sua bunda, massageando a carne rechonchuda.

—Mas sua gárgula e ele a reconhecem como sua companheira. Uma vez que você concorda em acasalar com ele e aceitá-lo como sua gárgula, então o destino assumirá— Calista sussurrou, dando um beijo suave no ombro nu de Rina.

Umidade se infiltrou entre as dobras de Rina enquanto as mãos de Ajuki continuavam a acariciar e trabalhar a redondeza de sua bunda.

—Calista— Rina ofegou, sua excitação crescendo.

As mulheres continuaram sensualmente a passar as mãos pela pele. Em todos os lugares que eles tocaram, sua pele formigou. Seus mamilos ficaram sensíveis do cobertor esfregando-os. Eles ansiavam por estarem livres e tocados.

—Apenas relaxe e aproveite as sensações que lhe trazemos— Calista murmurou, passando um dedo pela espinha.

Um tremor percorreu o corpo de Rina e Calista afastou a toalha.

—Mas

Calista deu um pequeno beijo no canto dos lábios e sorriu para Rina. —Relaxe. É para isso que estamos aqui.

Lábios recolocou uma das mãos nas bochechas de Rina. Incapaz de conter seu gemido, ela soltou um profundo enquanto Ajuki arrastou sua língua ao longo da bochecha de Rina, em seguida, separou-os. Ela mergulhou a língua e girou em torno da entrada proibida de Rina.

Suas pernas se abriram inconscientemente para permitir que a mulher deslizasse seu dedo nas dobras escorregadias de Rina, onde provocou o buraco escuro de Rina. Rina se contorceu na cama, e os dedos talentosos de Ajuki mergulharam completamente em seu núcleo.

Os lábios de Manga queimaram um rastro ao longo dos braços de Rina e em direção às costas dela.

—Oh, meu...— As palavras de Rina foram cortadas de um gemido profundo que ressoou profundamente dentro de seu peito. Ela apertou os olhos com força quando as mulheres a rolaram de costas.

—É isso, minha senhora. Entregue-se a nós - disse Manga antes de fechar prontamente os lábios em torno do mamilo de Rina.

—Sim— sibilou em concordância enquanto ela também levava o outro seio de Rina para o fundo da sua boca quente.

Rina jogou a cabeça para trás em êxtase, incapaz de lutar contra as sensações que se aproximavam dela. Ela queria que Rhodack

estivesse aqui para testemunhar seu harém dando prazer a ela. Apenas o pensamento dele assistindo a deixou ainda mais excitada.

Calista e Manga ocuparam seu tempo em banhar seus seios com suas línguas. Suas respirações vieram mais rápidas com a ligeira pressão dos dentes em seus botões sensíveis.

Mãos agarraram suas pernas e as levantaram, abrindo seu núcleo bem aberto. Os olhos de Rina se abriram para ver Ajuki se ajoelhar entre as pernas dela com um sorriso sensual em seus lábios.

—O seu aroma é absolutamente divino— ela sussurrou, seus olhos verdes encontrando os de Rina. Ela deslizou um dedo profundamente dentro de Rina, girando ao redor antes de retirá-lo.

Rina ofegou e observou a mulher sugar a umidade de seus dedos.

—Até tem um gosto maravilhoso.

O olhar de Rina permaneceu ligado à gárgula de olhos verdes, que passou toda a abertura de Rina com a língua antes de chupar seu clitóris sensível em sua boca.

Rina gritou do assalto. Seus sentidos estavam sobrecarregados, mas as mulheres continuaram sua missão. Calista soltou o seio que estava amamentando e forçou o rosto de Rina ao dela. Ela esmagou sua boca para Rina, empurrando sua língua profundamente dentro.

Perdida em êxtase, Rina devolveu o beijo com uma paixão feroz enquanto enfiava os dedos no cabelo de Manga para segurá-la até os

seios. Ela empurrou a pélvis para Ajuki, garantindo que a mulher pudesse alcançar cada faceta com a língua.

Calista interrompeu o beijo e empurrou o rosto de Rina para Manga, que a encontrou com outro beijo profundo e apaixonado. Rina não tinha certeza de quem os dedos percorriam seu abdômen para separar suas dobras para Ajuki, expondo seu clitóris para o ar.

—Sim— Ajuki assobiou, deslizando seus dois dedos profundamente dentro de Rina e chupando o pacote exposto de nervos.

Os quadris de Rina se moveram ao ritmo que Ajuki definiu, exigindo que a mulher ficasse com os dedos. Seu orgasmo apareceu no horizonte, e ela queria que eles a completassem.

Precisando tocar alguma coisa, Rina deslizou a mão pelo corpo de Manga, passando por seu seio voluptuoso e descendo até o núcleo, encontrando a abertura da fêmea escorregadia de necessidade. Ela enfiou os dedos profundamente dentro de suas dobras e encontrou sua protuberância inchada.

—Minha senhora— Manga gemeu contra seus lábios e empurrou seus quadris na mão de Rina.

Era justo. Se eles lhe trouxessem esse imenso prazer, ela retornaria o favor de alguma forma.

Ela mudou o rosto para Calista, que tirou o cabelo da testa, os olhos escuros cheios de luxúria. Rina estendeu a mão e agarrou o

rosto da mulher com a dela, enfiando a língua dentro da boca enquanto continuava a ser fodida com a língua e o dedo por Ajuki. Com a outra mão, ela agarrou Calista perto dela, esmagando seus seios ao lado de Rina enquanto ainda dedilhando o clitóris de Manga.

Sentindo as ondas de sua liberação se aproximando, Rina arrancou os lábios de Calista e jogou a cabeça para trás, gritando quando as ondas de sua liberação bateram nela. Seu corpo tremeu com uma corrente elétrica correndo através de seu corpo. Seus músculos se apertaram, mas Ajuki se recusou a parar no clitóris de Rina, empurrando suas pernas abertas novamente.

Manga gritou, o som vindo como que de longe à distância. Rina relaxou de volta na cama. O corpo de Manga caiu flácido ao lado dela, e ambos ficaram imóveis, suas respirações se aproximando rapidamente.

Os olhos de Rina permaneceram fechados. Ela tentou fazer seu coração disparar. Manga se aninhou na dobra do braço de Rina enquanto Ajuki, ela assumiu, lentamente terminou de lambe sua boceta limpa.

Mãos inclinaram a cabeça para o lado e ela abriu os olhos para encontrar os olhos satisfeitos de Calista.

—Agora descanse, minha senhora.

CAPÍTULO 19

Rina abriu os olhos e não reconheceu onde estava. Ela olhou ao redor e encontrou-se em uma sala luxuosa que não era a de Rhodack. Ela se levantou da cama. Um belo vestido transparente abraçou seu corpo, escondendo suas áreas íntimas. Ouvindo vozes do lado de fora da porta, ela correu para ela.

Rina virou a maçaneta e abriu a porta ligeiramente. Espreitando através da rachadura, ela engasgou.

Ela estava no palácio real em Faery e reconheceria o corredor de sua infância em qualquer lugar. Rina abriu a porta, passou por ela e deu alguns passos e viu como as empregadas saíam de uma porta. Ela sorriu para elas, mas seus olhos nunca se conectaram com ela. Elas falaram entre si enquanto passavam por ela como se não a vissem.

Isso deve ser um sonho.

Ou foi?

Ela continuou descendo o corredor e foi até o topo da escada. Ela sabia onde isso levava, mas hesitou.

Por que ela estava aqui?

Seus pés a levaram escada abaixo no piloto automático. Ela olhou ao redor, observando o palácio. A excitação a encheu enquanto caminhava por sua casa de infância. Parecia que as coisas estavam funcionando normalmente. Guardas e funcionários se apressaram, nem mesmo a vendo.

Ela saiu por um conjunto de portas duplas francesas e sabia para onde estava indo. Ela continuou até que avistou um homem elfo alto com longos cabelos prateados. Seus pés desaceleraram quando ela atravessou os jardins em direção a ele.

Ele se virou para ela e um largo sorriso cruzou seus lábios.

—Minha criança.— Ele devolveu o sorriso dela, levando-a para dentro. —Princesa, você certamente cresceu. Você sabe quem eu sou?

—Vulen Brylee. O sábio.— Ela assentiu, parando a poucos metros dele.

Vulen foi nomeado para ela por seu pai e pelo conselho dos Fae. Ele tinha sido seu treinador quando ela era criança. Ele era um de seus professores que deveria ensiná-la a aproveitar seus poderes.

Se ela tivesse ficado e crescido em Faery, ele teria sido um de seus conselheiros a preparando para ascender ao trono.

—Então você tem sua memória completa de volta.— Ele desabou as mãos atrás dele. —Venha, ande comigo.

Ela assentiu, ansiosa para falar com seu professor de confiança.

—Por que você me trouxe aqui desse jeito?— ela perguntou, andando ao lado dele quando começaram a caminhar pelo labirinto. Ela olhou ao redor, e as memórias a inundaram quando seu lugar de infância favorito para brincar apareceu. —Estou tentando convencer meu pai a me deixar voltar para casa.

—Agora, é melhor você ficar no reino da Terra. Nosso mundo está agora apenas se recuperando da batalha com os necromantes quando você foi levada embora— Vulen murmurou.

—Isso é o que continuam dizendo, mas eu quero ajudar. Eu não quero ser tratada de forma diferente do que meu pai era pelo pai dele. É meu destino estar ao lado do meu pai— exclamou ela.

—E o que você sabe do seu destino?— Ele fez uma pausa e se virou para ela.

Ela pensou muito sobre sua pergunta. Ela sabia que, como a futura rainha do país das fadas, ela precisava aprender tudo o que pudesse, rápido.

—Meu destino é Faery—, ela sussurrou, olhando ao redor. Os belos céus de lavanda a saudaram. Seu coração inchou com o pensamento de seu reino. Ela era necessária aqui. —Esta é a minha casa.

Uma mão forte agarrou seu ombro. Ela se virou para encontrar Vulen olhando para ela.

—Tudo acontece por uma razão. Podemos não entender o porquê, mas o destino queria você no reino da Terra. Você poderia ter sido escondida em qualquer outro reino, mas a oportunidade veio para que sua mãe a colocasse com uma de suas bruxas mais confiáveis, que por acaso eram do reino da Terra. Agora, eu quero que você pense, se você deixasse o reino, qual é a coisa que se enterraria em seu coração?

Ela soube imediatamente a resposta.

Rhodack.

Ele rastejou seu caminho em seu coração, e ela sabia que iria quebrá-lo para deixá-lo.

—Eu vejo que você sabe a resposta.— Seus olhos se iluminaram quando ele leu suas emoções.

Ela piscou algumas vezes e assentiu. —Sim, mas ele é o protetor do reino.

—Os gárgulas são uma raça forte, e seria um rei forte para se sentar no trono Faery— Vulen murmurou. —Gárgulas são criaturas aladas mágicas que foram colocadas no reino da Terra para proteger as criaturas fracas que residem lá. Seus poderes são do nosso reino. Milhares de anos atrás, eles protegeram o trono do país das fadas.

—Então você me trouxe até aqui para me dizer que Rhodack pode ir para o país das fadas?— Ela ficou em êxtase ao saber que havia uma maneira de Rhodack estar com ela e colocar um pouco de informação na parte de trás de sua cabeça para pesquisar mais tarde.

Ela assumiu que tinha sido arrastada pelas dimensões para ser informada de algo épico. Algo que revelaria seu verdadeiro chamado ou como ela poderia derrotar os necromantes.

Ele suspirou e balançou a cabeça. —Não, essa não é a única razão pela qual eu te trouxe aqui. Vocês, jovens elfos, sempre foram um grupo impaciente.

Ela corou enquanto esperava que ele continuasse. —Eu sinto muito. Eu estava apenas esperando mais.

—E mais você terá.

O ar ao redor deles se tornou elétrico. Seu cabelo flutuou ao redor dela enquanto a energia roçava as pontas dos dedos. —Eu odeio fazer isso, mas não há outro jeito. Aqui está seu curso intensivo, princesa.

Ela se voltou para ele e sua mão bateu contra sua testa. Ela gritou quando uma imensa quantidade de poder apressou nela. Seu corpo tremia e a energia fluía por todo o corpo. Sua mente entrou em sobrecarga quando ele empurrou seus poderes para ela.

O corpo de Rina se tornou um recipiente, absorvendo tudo. Seus poderes aumentaram e sua mente despertou completamente.

Ele se afastou dela e a pegou quando ela cambaleou para trás. Sem palavras, ela olhou para ele antes de afastar os olhos, observando o ambiente, vendo tudo mais brilhante do que antes. Ela pensou que se sentiu poderosa quando despertou do feitiço de Solana.

Não, isso não era nada.

Agora ela sentia seus plenos poderes.

Tudo o que ela precisaria saber sobre Faery estava destrancada em sua mente.

—Agora, é por isso que eu te trouxe aqui. Agora você vai voltar para o reino da Terra com os olhos bem abertos.



OS OLHOS DE RINA SE abriram de seu sonho. Ela olhou ao redor do quarto escuro. Um corpo macio e nu pressionado contra ela, outro enfiado sob o queixo na frente dela. Ela sorriu, pensando no modo como as mulheres de harém de Rhodack cuidaram dela na sua ausência. Elas todas adormeceram na cama juntas.

Ela pensou em sua visão e entendeu que Vulen tinha despertado sua mente de uma forma que agora, sua vida humana era quase nada além de uma memória distante.

Uma mão roçou seu mamilo e ela mordeu um gemido. Ainda era sensível das mordidas e sugadas de amor de Manga, Calista e Ajuki.

Ela se sentou em um cotovelo, encontrando Calista amassando-a com Ajuki abraçada contra o traseiro de Calista, ambos emitindo roncos suaves.

Manga se mexeu e se agarrou ao mamilo de Rina que estava pendurado na frente do rosto dela. Rina olhou para baixo e pegou a pequena mulher olhando para ela com um sorriso enquanto ela chupava o seio de Rina.

—Ei.— Rina riu e sorriu para ela. Ela agarrou o seio da mulher e apertou o montinho gordo. —Eu preciso sair.

—Eu sei— Manga sussurrou contra seu monte. Sua língua banhou o mamilo antes que ela chupasse profundamente dentro de sua boca. Ela soltou o seio e subiu na cama para alinhar seu rosto com o de Rina. —Talvez mais tarde possamos voltar?

Ao acordar da visão, Rina sabia que havia muito para ela fazer. O primeiro era se encontrar com seus pais e Vikuth para que eles pudessem planejar trazer Rhodack para casa. Em segundo lugar, ir atrás de Rhodack.

—Mais tarde. Eu pretendo ir atrás de Rhodack e trazê-lo para casa— ela sussurrou nos lábios da mulher.

Depois de sua noite com as mulheres do harém, ela percebeu o quanto ele era importante para elas. Por causa dele, elas foram protegidos e receberam status no mundo das gárgulas. O harém

faria qualquer coisa por ele. Este era o mundo deles, e Rina estava agora enraizada nisso, sendo sua companheira.

Rina seguramente passou a mão pelo corpo curvilíneo de Manga. Ela rolou para Manga, que automaticamente abriu as pernas para ela. Seus seios foram esmagados um contra o outro enquanto ela olhava para Manga. Ela conteve um gemido, seu seios moendo juntos.

—Sim, traga o nosso senhor de volta para nós—, Manga engasgou.

Rina esfregou os próprios seios doloridos nos dela, provocando os dois.

—Eu vou. Você pode contar com isso— ela murmurou. Ela deu um beijo suave nos lábios de Manga antes de rolar para fora dela e se levantar da cama.

—Venha cá, Manga— a voz suave de Calista rompeu a escuridão.

Rina se virou e viu quando uma figura deslizou entre as pernas de Manga. Rina entrou no banheiro ao som dos gemidos de Manga enchendo o ar.

Ela sorriu, pensando em sua noite com as mulheres. Elas passaram horas garantindo que todas as necessidades sexuais fossem atendidas. Rina havia perdido a conta do número de orgasmos que atingira em cada uma das línguas femininas.

O acoplamento delas a tinha deixado dormir ininterruptamente, sua mente relaxando, ajudando Vulen a alcançá-la. Ela agora estava rejuvenescida em todos os sentidos e sabia que era hora de ir atrás de Rhodack.

CAPÍTULO 20

Rhodack amaldiçoou e olhou para ao seu redor. Toda sua forma de gárgula estava congelada em pedra. Os bastardos o apoiaram na borda de seu esconderijo escondido nas profundezas das montanhas.

Quando ele chegou, o sol estava alto no céu, e seu corpo de gárgula era pedra completa. Ele ficou preso inteiramente dentro de si o dia inteiro. Os dois demônios saíram para checá-lo, provocando-o, rindo dele, insultando-o.

Quando o sol se pusesse, seria ele quem iria rir em seguida.

Isso lhe dera muito tempo para planejar matar os dois demônios. Ele não sabia quantos mais estavam no prédio, mas mataria todos e os mandaria para um dos sete infernos.

Então ele iria atrás de Rina.

Ele poderia ter jurado que sua voz ecoara em sua cabeça. Horas atrás, quando o sol se iluminou, sua voz suave chamou-o.

—*Estou indo atrás de você, Rhodack. Agente. Estamos indo para você.*

Não fazia sentido. Ela tinha de alguma forma voltado para o covil do clã? Ela estava segura?

Ele soltou um grunhido, não gostando dos fatos que flutuavam em sua mente. Se ela tivesse conseguido voltar, então ele sabia que Vikuth faria o que ele precisava para garantir que ela não deixasse o lar novamente.

Ele olhou para o sol quando começou a descer no horizonte.

—Eu espero que você não tenha pensado que nós apenas deixaríamos o sol se pôr e você estaria livre?— Geica sorriu.

Ele moveu os olhos para encontrá-los indo em direção a ele. Ele rezou para que o sol se apressasse e abaixasse.

Incapaz de responder, ele olhou furiosamente para ela.

—Os mestres chegarão em breve, e nós daremos a eles sua princesa, embalada com um laço nela— Geica anunciou. Ela andou para ficar na frente dele.

Ele pegou um vislumbre de seu chicote que ela tinha em seu quadril. Ele encontrou seus olhos negros e assegurou a raiva que ele sentia era evidente.

Os demônios femininos eram diferentes das gárgulas. Os gárgulas podiam se transformar em seus corpos humanos quando decidiram.

Demônios não têm a capacidade de mudar sua aparência. Sua pele escura, olhos negros e chifre na testa era sua aparência cotidiana. Ao contrário das gárgulas, elas não tinham asas.

—Este reino será consumido pelos mestres.— Ela acenou com a mão para o céu enquanto um sorriso enfeitava seus lábios. — Imagine só, gárgula. Não olhe para mim com assassinato em seus olhos. Somos iguais.

Besteira, ele queria rosnar. Gárgulas não eram nada como demônios. Foi um insulto direto ao seu povo para ser confundido com os gostos de um demônio.

—Você não quer salvar seu povo? Dá-nos a princesa e os mestres pouparão as gárgulas. Você pode ter um lugar em seus exércitos ao lado de nós demônios.

Um grunhido ressoou na garganta de Rhodack quando ele olhou para ela. Ela estava diante dele, arrastando as pontas dos dedos no seu peito de pedra.

—Você aproveita esse poder. Seria desperdiçado com aquele pequeno elfo.

Rhodack imaginou seus braços se libertando de sua prisão de pedra e envolvendo as mãos em volta do pescoço dela. Ele teria muito prazer em espremer a vida dela.

Ele olhou por cima do ombro para ver o sol se aproximando do horizonte.

—Eu posso sentir seu poder e sei que seríamos bons juntos.—

Nunca, ele disse em sua cabeça, a mão dela traçando seus músculos peitorais. A única fêmea para ele era uma pequena elfa loira com um coração tão puro quanto ouro. Apenas o pensamento de Rina o fez se esforçar para libertar seu corpo.

Ele tinha que chegar até ela.

—Geica!— A voz de Ol'gon apareceu no ponto cego de Rhodack.

A fêmea se afastou dele, o sorriso ainda persistente em seus lábios. Ela nem tentou esconder sua atração por ele. —Estou tentando convencer Rhodack a nos entregar a princesa para facilitar a vida dele e de seu povo.—

—Foi mesmo?— Ol'gon chegou ao lado dela, a dúvida gravada em seu rosto. —Não parece que você foi bem sucedida em convencê-lo. Ele ainda parece querer matá-la.

Rhodack grunhiu de acordo.

—Bem, vamos ver como ele age quando os mestres chegarem. Eles vão acabar com esse reino, e ele estará implorando para aceitar minha oferta.— Geica encolheu os ombros e se moveu para permitir que Ol'gon se levantasse diante dele.

Rhodack olhou para o grande demônio e desejou que uma garra se movesse.

O som de raspagem de pedra encheu o ar. Rhodack sorriu internamente - o feitiço do sol estava saindo de seu corpo. Logo, ele se libertaria de sua prisão de pedra e mataria esses dois demônios.

—Você acha que uma vez que você estiver livre, nós vamos deixar você voar? Não estará acontecendo.— Ol'gon abriu o punho na frente do rosto de Rhodack e soprou uma substância em pó.

Rhodack tossiu de inalar a substância. Seu corpo se transformou de pedra em sua carne gárgula. Ele caiu de joelhos, seu corpo acumulado com mais tosse.

—O que diabos você fez comigo?— ele perguntou entre tosses. O ar ofegou através de seus pulmões enquanto lutava contra a tosse. Um aperto apertou seu peito e ele cuspiu catarro escuro.

—Fiz de você um guerreiro melhor. Agora fique de pé— ordenou Ol'gon, afastando os pés.

Rhodack rugiu, lutando contra o comando, seu corpo no piloto automático. Ele se levantou do chão.

—O que você fez comigo?— Ele repetiu, rosnando enquanto se endireitava, mas seu corpo não seguiria nenhum de seus comandos. Ele tentou levantar o braço para agarrar Ol'gon pelo pescoço, mas não conseguiu. Seu braço ficou ao seu lado.

Era como se ele fosse uma marionete e Olgon controlasse as cordas.

—Magia necromante é incrível. A partir deste momento, seu corpo estará sob nosso controle.



RINA CAMINHOU ao lado de Vikuth e seus homens. Eles a acompanharam pelo covil. Eles haviam entrado em uma parte dos canais subterrâneos que ela nunca tinha visto antes.

—Onde estamos indo?— ela perguntou, mantendo o ritmo acelerado que as gárgulas maiores tinham definido. Como se sentisse que suas pernas não eram tão compridas quanto as deles, Vikuth abrandou e olhou para ela.

—Nós estamos indo para o banco de comunicações. Conosco, sem saber como os necromantes sabiam que seus pais iriam chegar aqui no reino, precisamos usar as comunicações mais seguras para alcançar os outros clãs.

—Quantos outros clãs existem?— ela perguntou.

—Há seis outros espalhados pelo mundo. Quando esses seres nebulosos começaram a aparecer, três outras cidades relataram o mesmo tipo de violação em seus portais.

—Eles vão nos ajudar na luta contra os necromantes?— Sua pergunta foi recebida com rosnados das outras gárgulas atrás dela. Ela fez uma pausa e se virou para Vikuth.

Seus olhos se fecharam para seus homens. Mesmo que eles estivessem todos em suas formas humanas, seus poderes transbordavam logo abaixo da superfície.

Ela não viu o problema com sua pergunta. —É uma consulta válida. Alguém está vazando informações para os necromantes. —

—Gárgulas há muito protegem esse reino. Desde sempre— Vikuth sibilou entre os dentes cerrados.

—Não desde sempre.— Ela balançou a cabeça e olhou para ele e os dois homens com eles.

Choque registrou em seus rostos, e eles olharam para ela como se ela tivesse crescido outra cabeça.

—O que você quer dizer?— ele perguntou, seu corpo ficando parado. Seus olhos procuraram os dela.

—Houve uma época em que gárgulas viviam em Faery. Eles eram os protetores da coroa. Foi a decisão do Rei das Fadas de colocar gárgulas aqui na Terra. Este mundo não era forte o suficiente para se proteger e precisava de uma raça de guardiões que fosse forte o suficiente para ser sua proteção —.

—Os protetores gárgulas— Vikuth murmurou.

Ela assentiu com a cabeça, aliviada por ele ter entendido o propósito que sua raça havia desempenhado na história da Terra.

—Como você sabe disso?— um dos homens perguntou.

Vikuth levantou a mão para o guarda. —Rina, onde você ouviu isso?— Ele demandou.

Ela procurou seus olhos e sabia que seria capaz de confiar nele com sua vida se fosse necessário. Ele era amigo de Rhodack e era seu segundo em comando. Inferno, ele a salvou.

Vikuth podia ser confiável.

—Ontem à noite, tive uma visão. Eu estava no país das fadas e falava com quem chamamos o sábio ...

—Vulen— Vikuth respirou, interrompendo-a.

Ela assentiu, aliviada por não ter que explicar quem era Vulen. — Sim, ele estendeu a mão para mim e trouxe minha mente para encontrá-lo em Faery—.

—Mas por que ele escolheria você? Como ele fez isso? Você não saiu do quarto. Eu assegurei que ... —ele parou abruptamente e franziu os lábios.

Ela soube imediatamente que era ele quem mandou Calista, Ajuki e Manga para ela.

—Meu período de descanso que você me designou fez minha mente cair em um estado tão pacífico, onde ele foi capaz de me alcançar através dos meus sonhos.—

Vikuth assentiu e acenou para ela enquanto eles caminhavam pela passagem escura. As arandelas se alinhavam na parede,

fornecendo luz enquanto continuavam sua jornada. Eles seguiram o labirinto de passagens até que se abriram em um grande corredor enorme.

Ela girou, olhando ao redor da área. Um burburinho de criaturas de todos os tipos passou correndo. Paranormais de muitos tipos abertamente se moveram. Stands foram criados como se estivessem em um mercado.

—Onde estamos?

—Esta é a parte central do covil. Este é o mercado, os paranormais podem vir vender, comprar e negociar. Somos um povo que não pode sair à luz do dia. Basicamente, criamos cidades abaixo da superfície da Terra - observou Vikuth, olhando ao redor do mercado com orgulho.

—Isso é incrível — ela respirou quando ela tomou em todos os fornecedores e fez uma nota mental para retornar.

Cheiros deliciosos encheram o ar, e seu estômago roncou, lembrando que ela tinha pulado o café da manhã. Os sons da música e do riso tilintaram. Era uma área onde os paranormais podiam se reunir e ser eles mesmos. Não há necessidade de se esconder dos humanos.

—Vamos.— Vikuth agarrou-a pelo cotovelo e levou-a para um túnel longe do mercado.

Eles correram de vendedores, que gritaram, tentando ganhar sua atenção.

Ela foi levada pelas mesas e parou na entrada do corredor, seu nome sendo gritado.

—Princesa!— Uma voz familiar.

Ela virou. Avalena se aproximou dela com outras três mulheres que Rina não tinha visto antes.

Ela se preparou para ver a fúria no rosto da fêmea quando ela se aproximou dela. Rina levantou a mão, impedindo Vikuth de se mover na frente dela.

Não, ela poderia lutar suas próprias batalhas.

—O que foi, Avalena?— ela exigiu com uma voz calma. Ela se recusou a descer ao nível da gárgula feminina.

—É sua culpa que ele foi capturado!— Ela gritou, jogando-se em Rina.

As outras duas mulheres agarraram-na pelos braços e ela lutou contra elas. —Rhodack estaria aqui se não fosse por você.

A área perto deles se acalmou, as atenções se voltaram para eles. Rina encontrou os olhos curiosos daqueles que pararam para ver o que era o grito.

—Eu vou trazê-lo de volta— jurou Rina, encontrando os olhos daqueles que a encaravam com uma natureza curiosa. Ela se recusou a recuar da mulher cujos olhos tinham ódio por ela.

—Você não pertence aqui, princesa.— Avalena ainda lutava contra as garras das outras mulheres. —Você vai sair se eu tiver que...

—Escolha suas palavras com muita sabedoria.— Vikuth passou por Rina e se plantou na frente dela.

—Mas ela...

—É a companheira do seu senhor— ele sussurrou, agarrando a mulher agitando pelo pescoço. Seu corpo instantaneamente endureceu. —Você ameaça a princesa, você ameaça Rhodack e o clã Gahnoth.

Avalena fez uma pausa e encontrou seus olhos antes de desviar o olhar. Seu aperto no pescoço dela estava apertado quando os olhos da mulher enlouquecida se voltaram para ela. O ódio ainda brilhava neles enquanto ela olhava para ela.

—Dese, Manea e Cyan, você tem certeza de que quer seguir essa estrada?— ele perguntou às outras mulheres, enquanto Avalena pendia do braço estendido.

—Nós não sabíamos que ela era a companheira de Rhodack.— A primeira fêmea pendurou a cabeça e se afastou de Avalena.

Os outros dois balançaram a cabeça com os olhos arregalados e também se distanciaram dela.

—Avalena acabou de nos dizer que ela era uma nova adição ao harém— gritou a segunda, com os olhos estreitos se defendendo para Vikuth. —Eu juro que não sabíamos que ela era companheira de Rhodack.

—Por favor, perdoe-nos.— A terceira olhou diretamente para Rina. —Nós não queríamos causar nenhum mal. Nós nunca machucariamos a companheira de Rhodack.

—Vocês três, saiam— Vikuth gritou antes que Rina pudesse responder.

Eles pularam e se afastaram. Eles desapareceram na multidão sem olhar de volta para eles.

—Princesa, o que você quer que eu faça com ela?

Rina teve que evitar que sua boca batesse no chão. Ela ficou congelada. Ele queria que ela tomasse uma decisão sobre o que fazer com Avalena?

—Como a companheira de nosso senhor, será sua decisão sobre sua punição— um dos homens de Vikuth murmurou atrás dela.

—Banindo-a seria a derradeira desgraça— disse o outro. —Ela não seria mais bem-vinda no clã. Ela seria expulsa para viver entre as gárgulas comuns e perder sua posição.

—Isso seria muito indulgente para Rhodack— o primeiro riu.

Rina olhou para Vikuth enquanto ele esperava por sua decisão. Ela sabia que como uma futura rainha, ela teria que tomar decisões como essa e algumas muito mais difíceis.

—Bani ela. Ela não será mais membro do harém de Rhodack Gahnoth— anunciou ela, caminhando na direção de Vikuth. Sua voz ficou forte e ecoou ao redor deles. —Ou do clã Gahnoth—.

Suspiros encheram o ar dos observadores. Não havia como ela ordenar a morte da fêmea. Não por ser apaixonado pelo bem-estar de Rhodack.

Não, mas ela a exilaria de Rhodack e do covil. Ela olhou para a mulher e sabia que nunca estaria segura com ela por perto.

—Nielsen, leve-a e leve-a para longe da minha vista— Vikuth rosnou, jogando a mulher no chão.

O primeiro guarda passou por Rina e marchou até Avalena.

—Você não pode mantê-lo longe de mim!— Avalena gritou, lutando contra Nielsen quando ele a pegou pelo braço. —Quando ele voltar, ele virá para mim e você vai se arrepender!

Rina sentiu pena em seu peito vendo Nielsen arrastá-la. Ela balançou a cabeça e pegou o olhar de Vikuth.

Ele andou até ela. —Vamos lá.

CAPÍTULO 21

—UMA palavra dos seus homens?— uma voz perguntou através do comunicador.

Vikuth falou com os líderes dos outros clãs gárgulas. Na tela grande, seis rostos olhavam para eles, alguns em forma de gárgula, alguns em humanos.

—Ainda não.

—Quem é a elfa ao seu lado?

Rina endureceu - o movimento dos olhos na tela pousou sobre ela. Desde que ele começou a teleconferência, ela permaneceu quieta, deixando Vikuth falar com os outros líderes.

A sala em que estavam reunidos era mais segura do que qualquer centro militar de operações secretas. Estava cheio de equipamentos de informática de alta tecnologia que, com certeza, deixariam o governo humano verde de inveja.

Ao entrar na sala, Vikuth tinha limpado, deixando apenas eles e o guarda restante. As informações que seriam compartilhadas nesta

sala eram confidenciais, e ele disse que não queria arriscar que alguém vazasse informações.

—Sou Larina Omaris, filha de Khantar e Roshi Omaris, o rei e rainha do país das fadas.— Ela ergueu o queixo.

Choque registrado em seus rostos. Orgulho extremo a encheu enquanto ela estava diante deles, finalmente revelando quem ela era. Pode não ter sido há muito tempo que ela pensava em si mesma como uma humana, mas agora ela sabia a verdade de quem ela era, ela não se conteve. —E a companheira de Rhodack Gahnoth, líder do clã Gahnoth.

Suspiros encheram o ar. Os homens olharam para ela. Seu peito se encheu de felicidade para poder reivindicar Rhodack. Ela era dele, como ele era dela.

—Eu pensei que seu filho morreu na guerra?— uma voz disse.

Mais perguntas explodiram.

Vikuth se virou para ela para permitir que ela desse um passo à frente. Ela rapidamente trouxe os líderes do clã atualizados sobre os recentes acontecimentos e a história de como ela veio a ser na Terra.

—O rei e a rainha estão aqui no reino da Terra?— uma voz perguntou. —Bem, isso explica por que os necromantes estão tentando chegar aqui. Eles querem você, princesa.

—Bem, como companheira de Rhodack, você tem nossa lealdade jurada. Faremos o que pudermos para encontrá-lo — prometeu Namoth, o líder do clã de Las Vegas.

—Obrigado...— Suas palavras foram cortadas por uma dor extrema que bateu em seu abdômen. Ela gritou e se inclinou, segurando seu estômago.

—Princesa, o que foi?— Vikuth gritou, agarrando-a pelos ombros.

Ela apertou os olhos e ofegou.

—Dor— ela gritou. Agarrou-a, quase trazendo-a de joelhos. — Como se algo tivesse me batido.

Ele a abraçou e ela tentou respirar com a dor.

—O laço de acasalamento— anunciou uma voz na tela. — Princesa, com seus poderes, mesmo que você e Rhodack não tenham completado o vínculo de união, vocês estão conectados. Você deve estar experimentando o que ele está sentindo.

Vikuth rosnou ao lado dela, e ele segurou-a. Ela levantou a cabeça e gritou novamente. Ela sabia que o que eles falavam era a verdade.

O elo se encaixou entre ela e Rhodack. A conexão se fortaleceu, e ela se concentrou na única coisa que a amarrava ao seu companheiro. Experimentando sua dor, ela sabia que o vínculo havia começado. Era isso que ela precisava para localizá-lo.

Ela endireitou-se a toda a sua altura, empurrando as mãos de Vikuth para que ela pudesse tentar. Ela lutaria através da dor apenas para poder se conectar a ele. Os sons da sala desapareceram e ela se concentrou em alcançar Rhodack.

—Rhodack— ela sussurrou, mantendo os olhos fechados para que ela pudesse se concentrar. Ela aceitou a dor, sabendo que era seu único elo com ele. Sua frequência cardíaca aumentou com o conhecimento de que eles estavam conectados. —Rhodack—

Ela chamou o nome dele novamente, sua voz crescendo forte, e ela imaginou a ligação entre eles. A eletricidade pulsou através do vínculo e bateu nela, uma visão invisível.

—*Rina?*— Sua voz soou em sua cabeça tão clara como se ele estivesse na frente dela.

—Eu estou ouvindo-o— ela gritou, animada que ela chegou a ele em sua primeira tentativa.

Baixos murmúrios encheram a sala ao redor dela. Ela ficou parada e afastou os sons para poder ouvir Rhodack. —Você está bem?

—*Onde está voce?*— ele perguntou através de sua gravata mental.

—Eu estou no covil com Vikuth. Estamos tentando localizar você. Nós enviamos ...

—*Mas você está ilesa?*— ele perguntou, interrompendo-a. Mesmo enfrentando perigo e possível morte, ele estaria preocupado com seu bem-estar.

—Peça-lhe para lhe dizer onde ele está—a voz de Vikuth penetrou sua concentração.

Ela sentiu ele se aproximar dela. Ela assentiu para confirmar que o ouvira. Ela não queria arriscar perder o vínculo que construiu com Rhodack.

—Sim, estou ilesa. Onde você está?— ela perguntou. Ela rezou para que eles chegassem rápido a ele. A dor que rodeava sua cintura estava se intensificando quanto mais tempo eles permanecessem unidos assim.

—Nas montanhas. Eu não tenho certeza onde —ele disse.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ela suportava sua dor.

—Estamos indo até você— ela sussurrou, tentando esconder que ela estava passando pela dor junto com ele, mas falhou.

—*O que foi?*— Ele estalou, imediatamente sentindo sua angústia.

Ela ignorou a pergunta dele. Ela sabia que, uma vez que o destino os destinara a ficar juntos, ela poderia usar seus poderes para localizá-lo. Sua pequena viagem para Faery em seus sonhos despertou totalmente seus sentidos e poderes.

Seu curso intensivo de seus verdadeiros poderes ainda era esmagador, mas agora, ela estava feliz por ter conseguido salvar seu companheiro. Ela sentiu que a conexão deles estava enfraquecendo e o pânico encheu seu peito.

—Quem está com ele?— Vikuth e os outros líderes lançaram perguntas para ela perguntar a ele.

—Quem está com você?

—Dois demônios. Um nome feminino Geica e um homem chamado Ol'gon. Eles estão esperando por seus mestres. Faça o que fizer, Rina, não venha. Envie Vikuth e meus homens. Não venha!

—Rhodack!

—Prometa-me, Rina. Não venha!

Como ele ficou mais irritado, ela foi capaz de se focar em sua localização antes que a ligação entre eles quebrasse.

—Rhodack?— ela gritou. Seus olhos se abriram e se encheram de lágrimas. Ela se virou para Vikuth. —Eu não consegui dizer a ele que o amo.

—Ele sabe — Vikuth assegurou a ela. Ele agarrou-a pelos ombros e forçou-a a olhar para ele.

Ela se recusou a deixar suas lágrimas caírem. Ela caçaria seu companheiro e o levaria para casa. Não importa o que os demônios fizessem com ele, ela os mataria. —Ele sabe.

—O que ele disse?— Wulfir, o líder do clã em Sydney, perguntou.

Respirando fundo, ela se recompôs. Caindo aos pedaços não ajudaria a trazer Rhodack para casa em segurança.

—Eu sei onde ele está.— Ela virou-se para a tela e começou a dizer a sala tudo o que sabia.



RHODACK ROSNOU. Ele sentiu que Rina estava escondendo alguma coisa dele. Ele não tinha certeza de como ela tinha vindo a saber como se conectar mentalmente com ele, mas ele estava feliz por sua pequena elfa estar abraçando seus poderes rapidamente. Ele apenas rezou para que ela atendesse a sua advertência.

—Venha agora, animal de estimação, é hora de saudar os mestres— a voz de Geica cumprimentou-o.

Ele fez uma careta, seu corpo se movendo para o comando dela. Qualquer que seja a magia do mal que ela usou nele, ele obedeceu suas ordens. Ele permaneceu em sua forma de gárgula, incapaz de voltar à sua forma humana, graças à magia. Não que ele quisesse voltar antes. Estar em sua forma de gárgula oferecia-lhe proteção.

Ele a seguiu pelo corredor na fortaleza escondida do demônio na montanha e saiu do prédio. Ele olhou para o céu e observou a lua

que estava alta. Levaria horas até o sol nascer e, no momento, ele não precisava se preocupar em virar pedra.

—Coloque a gárgula ali— a voz profunda de Ol'gon cortou o ar da noite.

—Mas eu gosto de ter meu animal de estimação perto de mim— Geica fez beicinho, batendo a mão no peito de Rhodack.

Ele rosnou por ela ter tomando a liberdade de tocá-lo.

—Você pode fazer o que quiser com ele depois que os senhores chegarem— disse Ol'gon.

Um sorriso sinistro se espalhou pelo rosto demoníaco de Geica com as palavras de Ol'gon. —Bem, já que você colocou assim— ela murmurou, dirigindo Rhodack para ficar onde Ol'gon havia instruído.

Ele ficou em exibição enquanto os dois demônios esperavam. Saiu um pouco mais do covil do demônio enquanto o tempo passava. Rhodack examinou a área, tentando aprender tudo o que podia sobre isso.

Se Rina fosse capaz de alcançá-lo novamente, ele queria poder lhe dar todas as informações que pudesse para que ela pudesse ter Vikuth vindo em seu socorro.

Quando seus homens chegassem, eles destruiriam este demônio e todos os demônios localizados aqui.

Trovão encheu o ar, chamando sua atenção. Ele soltou uma maldição e olhou para o céu. Nuvens escuras começaram a aparecer.

—Você tem que estar brincando comigo— disse ele como um portal formado.

Relâmpagos atravessaram o céu escuro e as nuvens desceram em direção ao chão. Os demônios esperaram pacientemente que as nuvens pousassem. Um estrondo alto ecoou pelo ar e o portal se abriu. Os ventos subiram, passando por Rhodack. Folhas, pedras e sujeira giravam ao redor, e os ventos corriam.

A luz brilhante iluminou a noite e o portal abriu oficialmente.

Figuras vestidas surgiram da luz, e os demônios se ajoelharam diante das figuras.

Os mestres estavam aqui.

Rhodack grunhiu, sua gárgula pronta para atacar, mas seu corpo não era seu para controlar no momento, e ele congelou. Três figuras estavam diante dos demônios ajoelhados.

Necromantes.

—Levante-se—uma voz profunda ordenou.

Os demônios imediatamente obedeceram. O ar se acalmou e o portal ficou menor antes de se fechar. As rochas flutuantes e a terra flutuando caíram no chão e o ar ficou parado.

Os olhos de Rhodack encontraram os do líder, o necromante que estava na frente dos demônios com a aparência de uma pessoa no comando. Ele sabia quem era o necromante.

Chukai

O braço direito do rei necromante. Só faria sentido que, em vez de o próprio rei vir para a Terra, ele enviasse seu homem de confiança para ganhar controle sobre um reino.

Os lábios de Chukai se transformaram em um sorriso sinistro quando ele percebeu que Rhodack era um prisioneiro.

—Todos vocês se deram bem— anunciou ele aos demônios. —Seu rei ficará satisfeito com o presente que você deu a ele. Esta não é a princesa, mas o líder do clã Gahnoth, e será bem recebido —.

—Obrigado, senhor.— Olgon assentiu e se virou para Rhodack também. —A princesa cresceu em seus poderes e conseguiu escapar. Ele a seguiu e fomos capazes de capturá-lo.

—Ele a seguiu, hein?— Chukai passou por Ol'gon e os demônios e caminhou em direção a Rhodack. —Agora, por que um guerreiro gárgula se apressaria atrás da princesa das fadas?—

Um grunhido escapou do peito de Rhodack. Ele segurou o olhar do necromante. Chukai parecia um humano, mas a cor de sua pele denotava a diferença entre necromantes e humanos.

O reino do Forjados era um reino de escuridão que não tinha sol para oferecer qualquer luz. A pele do necromante estava pálida com um toque de cinza. Suas íris eram negras da meia-noite e sua magia fervilhava no ar ao redor dele.

Necromantes eram fortes, soldados de magia negra e não eram os melhores no combate corpo-a-corpo, por isso eles usavam demônios para fazer seu trabalho sujo. Sua força estava em sua magia.

- Não é da sua conta, necromante - respondeu ele em resposta à pergunta de Chukai.

—Não há necessidade de você confessar. Eu já posso ver o porquê.— Chukai riu. Ele cruzou os braços na frente dele e levantou uma sobrancelha para Rhodack. —Imagine que, o destino iria alinhar um elfo com uma gárgula.

Rhodack olhou para o necromante, recusando-se a admitir a verdade para ele. Ele se esforçou contra seus laços invisíveis, incapaz de se libertar da magia necromante.

—Não há necessidade de você responder.— Chukai sacudiu a cabeça. Um brilho apareceu em seus olhos.

O estômago de Rhodack se apertou de medo. Ele mostrou suas presas, a única parte de seu corpo que ele podia controlar. Ele mataria esse necromante. Não havia como ele permitir que eles tocassem Rina.

—Ela vai vir para você, e quando colocarmos as mãos nela, teremos muito prazer em drenar o poder dela— rosnou Chukai. —Vou me certificar de que você estará lá para o evento espetacular. Meu rei irá destruí-la e o reino dos Fae.

CAPÍTULO 22

—Eu a proíbo de ir com eles— Khantar rugiu, andando de um lado para o outro diante dela.

Ela convocou uma reunião com seus pais no pequeno escritório do covil. Guardas Fae e gárgulas permaneciam do lado de fora enquanto ela e seus pais se encontravam. Vikuth se recusou a deixá-la atravessar o covil sem que um de seus homens estivesse preso ao quadril dela.

Há muito em jogo, ele alegou.

Rina olhou para o pai, recusando-se a desistir de seus planos de ir atrás de Rhodack. Sua mãe permaneceu quieta em seu poleiro no sofá enquanto Rina se levantava e encarava o pai.

Isso certamente não era o jeito que ela imaginou passar seus primeiros dias conhecendo seus pais.

—Eu irei com eles. Se eu for liderar Faery, eu deveria pelo menos ser capaz de salvar meu próprio companheiro— ela exclamou.

—Sei que você tem sentimentos por Rhodack, mas seus homens são feitos para a guerra. É por isso que eles foram enviados para proteger esse reino. Seu lugar é em Faery. Vamos sair imediatamente— ele retrucou. Ele se virou para ela. A semelhança entre os dois era impressionante.

Tudo sobre sua aparência refletia sua mãe, mas olhando nos olhos do pai cheios de raiva e uma pitada de medo, ela se viu nele.

Tal pai, tal Filha.

—Eu não vou deixar Rhodack.— Ela balançou a cabeça. Não havia como ela deixar Rhodack para trás. Ele voou atrás dela sem consideração pela própria vida para salvá-la. Foi por causa dela que ele foi capturado.

Seu pai cuspiu no lugar enquanto ela permanecia firme em sua decisão.

—Agora, escute aqui, Larina. Eu sou seu pai—

—Eu sei disso, mas eu cresci e tomo minhas próprias decisões— ela o interrompeu, segurando uma mão no ar.

Este era um assunto delicado para eles discutirem, mas precisava ser dito. Por causa da guerra e do perigo contra o trono das Fadas, suas vidas foram separadas. Ela cresceu como humana, não como uma princesa das fadas com seus pais reais.

Não, Solana a havia criado para ser uma mulher independente que poderia tomar suas próprias decisões. Mal sabia ela que essas habilidades que estavam enraizadas em sua cabeça ficariam assim que suas memórias retornassem. Ela teria que lembrar a seu pai que ela não era mais aquela pequena princesa Fae inocente de oito anos que se sentou a seus pés, perdida em suas histórias de guerra.

Agora, ela era uma elfa crescida e lutaria pelo que acreditava.

Ela tinha suas memórias.

Ela tinha seus poderes.

Agora era hora de ela utilizá-los.

—Rhodack Gahnoth é meu, pai.— Ela fez uma pausa, olhando para a mãe, que permaneceu quieta o tempo todo. Rina trocou a linha de pensamento e encarou a mãe. —Mãe, se meu pai foi levado por nosso inimigo para um lugar desconhecido e torturado, você apenas ficaria quieta? Você se recostaria e esperaria que os exércitos o perseguissem e o trouxessem de volta?

A sala ficou em silêncio. Seu pai se virou para a rainha. O desafio irradiou dos olhos de Roshi, e ela olhou para o marido. Sua mãe se levantou e se aproximou do rei. Ela parou diretamente na frente dele e inclinou a cabeça para trás.

—Eu lutaria com cada respiração deixada em meu corpo para trazer meu rei de volta para mim.

O alívio encheu Rina enquanto ela observava seus pais. Sua mãe estendeu a mão e colocou a mão no peito do marido.

—Roshi— ele respirou, mas a rainha colocou um dedo sobre os lábios, silenciando-o.

—Se você fosse tirado de mim, eu lideraria os exércitos. Não há como, nos sete infernos, eu sentar e esperar você voltar para mim— disse Roshi.

Os olhos de Rina encontraram os de sua mãe e ela sabia que tinha um aliado nela.

—Ajude nossa filha a ir atrás de seu companheiro. Vamos nos preocupar com os detalhes de ela ser a futura governante do país das fadas e o protetor guardião mais tarde. Por enquanto, os Fae ficarão com as gárgulas como fizemos desde o começo dos tempos.

Rina poderia ter chorado de alívio ao ver as paredes do pai se quebrarem. Apenas algumas palavras de sua mãe e o rei estava em suas mãos. Seu olhar voou para ela, e ela esperou, com o coração acelerado, mas ele permaneceu em silêncio.

Então... —Vamos apoiar o clã Gahnoth— ele começou. Ele olhou de volta para a mãe, trazendo-a para perto dele, antes que sua atenção voltasse para Rina.

Ela foi tocada por tal amor que fervilhava em torno de seus pais. Como ela desejou ter sido capaz de crescer com eles como seus pais. Ela não se arrependia de nada de sua infância e Solana, mas um

pequeno pedaço dela sabia que tinha perdido algo sendo levantado longe deles.

Foi preciso uma quantidade imensurável de amor para mandar seu único filho para um reino diferente.

—E vamos apoiar você, minha filha— ele murmurou.

Ele abriu os braços para ela e ela voou para dentro deles. O pai dela desabou os braços em volta dela e da mãe dela.

Ela mordeu as lágrimas que ameaçavam cair.

Ela sentiu como se já estivesse em casa.

—Eu esperei pelo dia para poder segurar minha menina em meus braços novamente com minha rainha— sussurrou Khantar.

A barragem de lágrimas quebrou.

Seu aperto aumentou ao redor dela e de sua mãe enquanto suas lágrimas corriam. Seu corpo tremeu enquanto ela chorava por todos os anos em que foram privados.

Estas não eram lágrimas de tristeza.

Não, eles eram lágrimas de alegria.

O destino viu sua pequena família se reunir.

Agora ela tinha o apoio de seu pai, era hora de ir atrás da gárgula que havia roubado seu coração.

Ela se afastou de seus pais, um pequeno sorriso nos lábios e limpou a evidência de seu ligeiro colapso de suas bochechas. Quer tivesse ou não tido a bênção dos pais, planejava ir atrás de Rhodack.

—Partimos assim que o sol se pôr.



O COVIL ESTAVA em alvoroço enquanto Fae e gárgulas se preparavam para ir atrás de Rhodack. Tomar o líder do clã como refém foi um ato direto de guerra contra a nação das gárgulas.

Rina seguiu o elevador, indo em direção ao telhado onde as gárgulas se reuniam antes de sair. Nielsen ficou na frente dela como se bloqueasse qualquer ataque assim que as portas se abrissem. Seu enorme tamanho ocupava grande parte do elevador e impediria que qualquer coisa a atingisse. Ela o deixou fazer o que ele queria, sabendo que isso apenas levaria a uma discussão enquanto ele estava cumprindo ordens para protegê-la.

Ela respirou profundamente, empurrando seu nervosismo, e olhou para seu traje. Ela estava pronta para a batalha. Suas calças e túnica lembravam a de um guerreiro Fae, mas ao contrário delas, ela não precisaria de armas. Botas de combate cobriam seus pequenos pés, amarrados a seus músculos da panturrilha.

Ela confiaria em seus poderes.

Ela não usava nenhuma forma de espada desde que era mais nova, e aquelas eram pequenas e feitas de plástico.

Essa situação exigiria que ela usasse seus poderes dados pelo destino.

E usá-los ela faria.

—*Prometa-me, Rina. Não venha!*— A voz de Rhodack ecoou em sua cabeça. Claro que ele não iria querer que ela fosse lutar por ele. Como seu pai, ele preferiria que ela se sentasse no covil e esperasse que Vikuth e seus homens o resgassem.

Mas ela se recusou a sentar-se quando soube que seria melhor ajudando na luta entre gárgulas e necromantes.

Fae havia lutado contra necromantes e as gárgulas precisavam deles.

As portas do elevador se abriram. Uma ligeira brisa encheu o carro, e ela seguiu atrás de Nielsen depois que ele saiu. Ela se moveu atrás dele e caminhou em direção a Vikuth que estava em sua gárgula. Todos os guerreiros gárgulas estavam em sua forma animal. Ela se virou e descobriu que Nielsen havia se juntado ao membro do clã e mudado de posição.

—Vikuth— ela murmurou e veio para ficar diante dele.

As gárgulas em volta dele assentiram para ela.

Eles a respeitavam.

—Minha senhora, eu ainda acho que isso é uma má ideia. Rhodack terá minhas bolas se algo acontecer com você — afirmou.

—Bem, considere suas bolas seguras, Vikuth, porque eu posso me proteger.— Ela levantou uma sobrancelha para ele.

Risadinhas encheram o ar. Seus olhos afiados giraram em torno de seus homens, que rapidamente ficaram em silêncio.

—Seja como for, quando aterrissarmos lá, você não irá a lugar algum sem um guarda gárgula. Prometa-me — disse ele.

—Eu prometo.— Ela segurou a mão sobre o coração. Ela só esperava que a gárgula designada fosse capaz de acompanhá-la.

—Ouvi dizer que lhe devemos agradecer pelo apoio dos guerreiros Fae.— Vikuth ficou alto.

Ela sabia que era um assunto delicado, gárgulas precisando de ajuda.

—Sim. Esta é uma luta que abrange mais do que apenas invadir o reino da Terra. Sempre foi o trabalho da família real de Faery para proteger os reinos que não podem lutar por si mesmos. Daí o motivo dos gárgulas, nossos guardiões, fossem enviados para a Terra. Juntos, vamos derrotar os necromantes. — Suas palavras atravessaram o ar e cativaram todas as gárgulas ao redor do telhado.

—Eu não poderia ter dito melhor— disse Kantar atrás dela.

Ela se virou para encontrar seu pai e seus guerreiros se aproximando. O mar de guerreiros gárgulas se separaram quando seu pai se adiantou.

—Nós nunca voltariamos as costas para as gárgulas. O clã Gahnoth não precisa pedir ajuda. Nós damos isso livremente — a voz de Khantar explodiu. Ele também estava vestido para a guerra, com a espada amarrada ao quadril. O brilho nos olhos do rei revelou que ele seria um grande inimigo em batalha. Ele veio para ficar ao lado dela. —Mas antes de irmos, há uma coisa que devemos fazer.—

A curiosidade se preparou em seu peito e se voltou para o pai. —O que foi?— ela perguntou, sem saber o que diabos estava acontecendo.

Um guerreiro Fae se aproximou com um grande travesseiro de veludo nas mãos. Sua mãe andou atrás do guerreiro com leve sorriso nos lábios.

Rina estava realmente confusa.

—Por mais que eu tenha tentado impedir esse dia, ele chegou— ele murmurou, fazendo sinal para o guerreiro vir até ele.

Ela finalmente viu o que estava no travesseiro, e um suspiro escapou de seus lábios.

—Hoje é o dia em que minha filha irá lutar comigo como fiz com meu pai. Larina, este é o seu direito de primogenita, e é hora de apresentá-lo a você.

Ele levantou um pequeno e fino adereço de ouro no travesseiro. Era a coroa de um guerreiro, um apto para uma princesa. Seu coração bateu contra o peito com o significado deste momento.

—Pai— ela engasgou, sem saber o que dizer.

Um sorriso se prolongou em sua boca, e ele segurou a coroa de ouro para todos verem. Os guerreiros Fae se abaixaram sobre um joelho. Os gárgulas seguiram o exemplo e o pai voltou-se para ela.

—Larina Omaris, como herdeira oficial do trono, eu lhe dou a coroa do guerreiro. Sua mãe fez isso quando você era criança. Esta coroa foi feita do mais puro ouro colhido das montanhas do País das Fadas. — Ele se aproximou dela.

Ela inclinou a cabeça para ele enquanto ele colocava a coroa em sua cabeça. Ela ergueu os olhos cheios de lágrimas para o pai. Ele enfiou a coroa atrás das orelhas, a frente repousando ao longo de sua testa.

—Você promete proteger Faery e todos os reinos como um membro da família real?

—Eu prometo— sua voz soou forte.

Ele se voltou para o guerreiro e segurou uma pequena adaga de prata. Ele estendeu a mão para ela, e ela não hesitou em tirar isso dele. O cabo estava decorado com fios de ouro, com as iniciais gravadas nele.

—Agora você está oficialmente pronta para ir para a batalha—seu pai murmurou.

Ela sorriu brilhantemente e ele abriu os braços. Ela correu para frente em seu forte abraço. Ela esperou por este momento toda a sua vida.

—Vamos pegar seu companheiro— disse ele.

—Vikuth— ela chamou e se afastou de seu pai. Ela se virou e encontrou os olhos do melhor amigo de Rhodack.

Todos se levantaram da posição de joelhos.

—Clã Gahnoth!— ela gritou, empurrando a adaga para o alto.

—Clã Gahnoth!— O grito de guerra encheu o ar.

Sim, era hora de eles recuperarem seu líder de clã e seu companheiro.

CAPÍTULO 23

—EU posso sentir o poder no ar. Seus guerreiros alados estão a caminho, —Geica murmurou, de pé ao lado dele.

Seu corpo ainda estava sob o feitiço que eles colocaram sobre ele. Ela se aproximou dele, passando a mão pelo estômago dele e depois indo mais para o sul. Ele ficou nauseado.

Ela agarrou-o em suas mãos, deixando um rosnado escapar dela. —Os mestres me darão você depois que matarem sua preciosa princesa.

Ele cortou os olhos para ela, rezando para ser liberado do feitiço. Um sorriso agradável agraciou seus lábios quando ela sentiu o tamanho dele debaixo de suas calças.

Ele. Seria. Companheiro. Dela.

Com as mãos nuas, ele ia sufocar a vida de seu corpo.

—Tire suas mãos de mim—ele reclamou.

—Você estará mudando sua música em breve.— Ela deu um tapinha no seu pênis uma última vez, depois se afastou dele.

Os malditos demônios o amarraram a um espesso mastro de metal, literalmente usando-o como isca. Ele sabia que Vikuth seria cuidadoso quando chegassem. Ele não tinha certeza de como eles o encontraram. Ele imaginou que tinha algo a ver com Rina sendo capaz de contatá-lo.

O estratagema dos demônios era quase cômico. Se ele não estivesse amarrado e amarrado ao maldito mastro, ele teria rido da armadilha grosseira. Ele mordeu de volta um grunhido. Os demônios se reuniram em volta, esperando as gárgulas chegarem. Uma sensação de formigamento borbulhou nas pontas dos dedos e ele congelou.

Ele mexeu o dedo mindinho.

Ele sorriu.

Ele estava recuperando o controle de seu corpo. Ele tentou de novo e, desta vez, toda a sua mão se moveu. Seus músculos ficaram tensos, e ele tentou permanecer estóico apenas no caso de um demônio olhar em sua direção. Ele não queria deixar transparecer que estava recuperando o uso de seus membros. No instante em que ele fosse libertado, ele teria grande prazer em matar todos os demônios em que ele pudesse colocar suas garras.

Seu olhar varreu a terra, não encontrando nenhum dos necromantes à vista. Ele não ficou surpreso. Eles provavelmente estavam dentro do covil do demônio, indo deixar sua horda de demônios fazer toda a luta por eles contra as gárgulas.

Os sons de asas de couro bateram à distância. Ele se preparou, sabendo que seu clã tinha vindo para ele. Eles não estavam tentando esconder sua chegada. Gritos de guerra ecoaram pelo ar.

—Clã Gahnoth!— ecoou, anunciando a chegada de suas gárgulas.

O orgulho encheu seu peito com a visão que os gárgulas fizeram contra o céu estrelado. Feras aladas cortavam os céus e se dirigiam para os demônios. A visão de gárgulas pousando no chão e instantaneamente se envolvendo em batalha com os demônios aqueceu sua alma. Grunhidos e gritos o rodearam quando a luta realmente começou.

Gárgulas versus demônios.

Não há seres enevoados. Verdadeiros demônios que poderiam ser tocados, cortados e mortos. Mais demônios saíram das montanhas e convergiram para as gárgulas.

—Merda— ele sussurrou, vendo que seus homens estavam em desvantagem. —Vikuth! Atrás de você!— Ele gritou quando outro demônio tentou se esgueirar atrás de seu segundo em comando.

Vikuth se virou, trazendo suas garras para baixo e afundando-as no pescoço do demônio.

—Clã Sukazz!— ecoou dos combatentes opostos.

Rhodack lançou seu olhar para o céu. Mais feras aladas atravessaram rapidamente a escuridão.

O clã de Las Vegas chegou para ajudar.

Vikuth deve ter estado em contato com os líderes do clã. Rhodack estava orgulhoso de seus amigos por intensificarem sua ausência, mas se um de seus homens não fizesse o seu caminho para libertá-lo em breve, eles responderiam a ele no minuto em que ele fosse libertado.

Com o canto dos olhos, ele viu quando Chukai e seus necromantes saíram dos portões que levavam ao lar dos demônios. Eles se levantaram, observando a batalha.

Claro que eles não gostariam de sujar suas vestes.

Seus olhos foram atraídos para cima. Ele lentamente se virou para onde eles estavam olhando e caiu de volta contra o poste de aço em estado de choque.

Os Fae chegando em grande estilo entre pequenos dragões voando pelo céu. Cada um dos guerreiros Fae seguiu em frente, e os dragões dispararam e aterrissaram no chão bem no meio do corpo a corpo. Suas espadas brilhavam na noite escura e eles cortavam os corpos dos demônios.

Ele amaldiçoou.

É melhor que ela não tenha vindo.

Ela não iria.

—Rhodack!— uma fêmea familiar gritou.

Ele amaldiçoou e fechou os olhos, rezando para imaginar a voz de Rina. Ele abriu os olhos e encontrou-a correndo em direção a ele.

Ela parecia diferente.

Determinação foi evidente em seus olhos quando ela chegou a ele.

—Eu lhe disse para não vir— disse ele.

Ela parou na frente dele. —Você tem uma maneira engraçada de dizer obrigado—.ela retrucou. Seus olhos brilharam e ela tirou uma pequena adaga de uma bainha no quadril.

—O inimigo está aqui e está atrás de você. Por que você acha que eu ordenei que você não viesse?— Ele ia curtir a pele dela. Ele prometeu a si mesmo que iria fazer isso quando ela o desafiou antes.

Agora ele ia ter muito prazer em dobrá-la sobre o joelho.

Seu pênis endureceu com o pensamento dela naquela posição.

—Mantenha as mãos afastadas— ela ordenou.

Ele fez uma oração para que ele pudesse fazer o que ela pediu.

Ele afastou os braços quando ela balançou a adaga. Seus braços cederam e seu corpo voou para frente, seus joelhos pegando o peso da queda. Ele ficou no lugar.

—O que há de errado?— ela chorou, ajoelhando-se ao lado dele.

Ele sentiu seus poderes se formando quando ela colocou a mão em seu ombro. Sua força estava retornando rapidamente, o resto da magia necromante escapando de seu corpo.

—O que temos aqui?— A voz de Geica disparou.

Rhodack olhou para o demônio feminino que caminhava na direção deles.

—Você deveria ter prestado atenção a sua advertência, princesa.

Um grunhido liberado de Rina quando ela ficou de pé, segurando sua adaga de prata em sua mão. Ela lentamente deslizou para dentro da bainha em seu quadril.

—Através do nosso elo, senti Rhodack sentir nojo e agora eu sei o porquê— Rina murmurou, concentrada em Geica, ignorando a batalha em torno deles.

Rhodack fixou seu olhar em Rina, incapaz de acreditar que ela experimentou suas emoções.

Como ela sabia disso?

O que mais ela experimentou comigo?

—Oh, não se preocupe. Uma vez que meus mestres drenarem seu poder, eu cuidarei do seu amante gárgula —Geica ameaçou. —Traga sua pequena arma de volta, princesa. Você vai precisar disso.

—Não, eu não vou.



RINA SENTIU Rhodack ganhar força. Ela não sabia que magia os necromantes haviam usado contra ele, mas estava desaparecendo. Quando ela colocou os dedos no ombro dele, sentiu o poder necromante nele. Ela rapidamente enviou um pulso de seus poderes para ele para empurrar o necromante para fora de seu sistema.

—Eu vou ser bem recompensada, levando você para meus mestres— o demônio feminino assobiou, brandindo suas garras.

Rina não estava preocupada com esta pequena fêmea. Ela precisava que Rhodack se curasse rapidamente. Ela podia sentir sua raiva e raiva surgindo, o que ajudaria sua força a retornar.

—Rhodack— ela retrucou, sentindo outros demônios perseguindo em direção a eles. Ela perdeu o rastro de seu pai no corpo a corpo. As gárgulas e guerreiros Fae estavam no meio da batalha, e ela se recusou a gritar por ajuda.

Ela lutaria até a morte para proteger Rhodack.

A gárgula fêmea atacou, cortando o ar com suas garras. Rina se esquivou do gesto e estreitou os olhos para o demônio. Ela continuou a ultrapassá-la, enquanto os outros demônios se aproximavam.

Ela teve que esperar pelo momento perfeito.

—Lute comigo!— A fêmea gritou, frustração evidente em seu rosto quando Rina continuou a piscar em volta dela.

Ela piscou novamente, chegando por trás dela. Ela girou e chutou o abdômen da mulher-besta, fazendo-a voar na direção de três demônios que corriam na direção deles.

Agora.

Ela puxou seus poderes de dentro e jogou as mãos para as criaturas. Uma luz brilhante brilhou de suas mãos, enviando os demônios voando de volta algumas centenas de pés.

O chão retumbou quando Rhodack se levantou. Seu rugido ecoou pelo ar e suas asas brilharam atrás dele. Seus olhos se arregalaram com a visão magnífica da cabeça de seu companheiro jogada para trás enquanto ele rugia seu poderoso grito de guerra.

Seu peito subiu e caiu com força, e ela tinha certeza de que ele estava agora cem por cento de volta ao seu estado normal.

—Fique atrás de mim— ele exigiu.

Seus inimigos se levantaram do chão e foram em direção a eles. Ele agarrou o braço dela e a empurrou para trás.

—Não, ao seu lado— ela retrucou, soltando o braço e indo para o lado dele. Ela ignorou seu olhar e encarou os demônios que o atacavam, seu olhar fixo na fêmea enquanto ela se aproximava.

Esta mulher pensava que ela tiraria Rhodack dela?

Não existia uma chance.

Ele pertencia a ela.

A mulher não percebeu o quão poderosa era Rina. Seu corpo bateu em Rina. Seus pés deslizaram para trás, mas ela não perdeu o equilíbrio. Rina agarrou os ombros da fêmea e usou sua força para virar a criatura e jogá-la no chão.

Rhodack lutou contra os outros três demônios. Seu rosto estava focado na luta, e Rina sabia que teria que lidar com essa mulher de uma vez por todas.

—Você acha que meus mestres vão deixar você ir?— a fêmea sibilou e rolou de joelhos e pulou de volta em seus pés.

—Eu pretendo partir de livre e espontânea vontade— disse Rina.

A fêmea atacou novamente.

Desta vez, Rina acabaria com essa luta.

Ela pegou a mulher e colocou o braço em volta do pescoço, apertando ainda mais o aperto do oponente. Seu olhar se conectou com um dragão que voava em cima, e ela mostrou a ela e ao demônio.

A fêmea gritou quando apareceram nas costas do dragão.

—Para onde você está me levando?— a mulher gritou e lutou contra Rina.

Rina murmurou na antiga língua dos elfos e guiou o dragão mais alto no céu, suas escamas lisas e coriáceas sob as pontas dos dedos.

—Para um pequeno passeio— disse Rina.

O dragão rasgou a escuridão, subindo pelas nuvens onde os corpos no chão pareciam minúsculas formigas. A fêmea parou suas lutas, talvez percebendo a altitude que estavam alcançando.

—Eu me rendo. Por favor, não me mate —ela implorou. Suas garras cravaram na pele de Rina enquanto ela tentava segurá-la.

—Ah não. Você não mudará a sua música — disse Rina. O dragão desceu e se nivelou. —Você tem sido tão fiel aos seus mestres, veja se eles vão te salvar agora!

Rina empurrou a mulher do dragão. Seu corpo caiu, seus gritos cortados pelo vento. O olhar de Rina seguiu o corpo do demônio quando ele despencou para a Terra.

Rina não sentiu nenhum remorso por ela. O corpo bateu no chão. Uma nuvem de sujeira encheu o ar, mascarando o cadáver da vista de Rina.

Ela guiou o dragão de volta ao chão, determinada a acabar com essa batalha agora. Quando ela se aproximou, um bando de demônios cercou Vikuth e algumas das gárgulas.

—Queimem— ela disse em sua língua nativa.

Uma linha de fogo saiu da boca do dragão, pousando nos demônios que ameaçavam Vikuth e seus homens.

Seus gritos ecoaram pelo ar e seus corpos se contorceram, cobertos de chamas. Ela pegou no campo de batalha, não encontrando nenhum sinal de seu pai. Ela avistou Rhodack quando o último demônio caiu a seus pés. Ela se concentrou nele e disparou do dragão e apareceu a poucos metros de distância de Rhodack.

—Rina—ele exclamou, abrindo os braços para ela.

Ela não hesitou em correr em seu abraço. Ele apertou-a contra o peito e ela deu as boas vindas.

Ele se afastou um pouco, tomando cuidado para usar suas garras para inclinar o rosto dela para o dele. —Nunca mais desapareça assim novamente.

—Eu posso me proteger— ela murmurou. Seus lábios se curvaram em um leve sorriso. —Não me diga que você estava com medo.

—Assustado? De te perder? Porra, sim, eu estava— admitiu ele.

Ela arregalou os olhos para a admissão dele. Ela colocou a mão sobre o coração dele, sabendo que estava apaixonada pelo feroz guardião protetor.

—Você não vai me perder— ela prometeu.

Seus olhos se conectaram e seu coração se derreteu com o amor feroz que saía de seus olhos. Ela se virou em seus braços, sentindo

uma presença atrás dela. Ela encontrou Vikuth e outras gárgulas a postos.

Mais uma vez, seu olhar varreu o terreno, e ela não conseguiu encontrar seu pai. Ele tinha montado no mesmo dragão que ela tinha, e ela não o viu desde que ambos tinham disparado da fera voadora.

—Onde está o meu pai?

—Ele e alguns de seus homens correram para o covil dos demônios depois dos necromantes— relatou Vikuth.

Seus músculos ficaram tensos enquanto sua imaginação corria selvagememente com o que poderia ter acontecido com seu pai.

—Vikuth, junte os demônios que ainda podem estar vivos

—Eu vou lidar com isso aqui. Vá atrás do rei.— Vikuth acenou para eles. —Seja cuidadoso.—

—Sempre. Vamos lá.— Rhodack agarrou o braço dela. Ele puxou-a para trás em direção à boca do covil. Uma vez lá dentro, não havia como dizer o que eles encontrariam.

CAPÍTULO 24

Rhodack se recusou a soltar Rina. Ele não a queria puxando um de seus pequenos atos de desaparecimento novamente.

Ele se lembrava dessa parte do covil dos demônios e quase podia sentir o cheiro da magia negra no ar. Sua gárgula estava em alerta máximo. As gárgulas podem ter exterminado a maioria dos demônios, mas isso não significava que não havia armadilhas para eles.

—Você sabe onde você está indo?— Rina sussurrou atrás dele.

O túnel escuro que levava ao covil das profundezas da montanha era provido de pouca luz pelos bolinhos de fogo pendurados nas paredes. Ele cresceu mais estreito e mais profundo que eles foram. O ar úmido continha uma pitada de magia e engano.

Eles estavam crescendo mais perto dos necromantes.

Ele grunhiu, tendo memorizado cada lugar que os demônios o arrastaram. Ele teria amado ser a pessoa que matou Geica, mas ele tinha ficado satisfeito vendo Rina jogá-la do dragão. Era quase tão

agradável quanto quando ele tirou a vida dos três demônios que pensaram que seriam capazes de derrubá-lo.

Vozes ecoaram pelas cavernas. Ele diminuiu a velocidade, sentindo os músculos do braço de Rina tensos. Ele se esforçou para ouvir as palavras que estavam flutuando no ar, mas ele foi incapaz de entendê-las.

Eles chegaram a uma bifurcação na caverna e instantaneamente ele sabia qual caminho seguir. Geica o fez segui-la para fora do covil como se ele fosse um filhote apaixonado.

—Por aqui—ele murmurou.

As vozes ficaram mais altas à medida que avançavam pela caverna escura. Que pouca luz eles haviam começado a dissipar quando se aproximaram do covil escondido dos demônios. O edifício projetado dentro das montanhas teria sido quase impossível de encontrar sem instruções claras.

O caminho estreito abriu-se para uma grande caverna e ele congelou no lugar. Rina bateu em suas asas de couro com uma maldição.

—O que— ela exclamou, mas ficou em silêncio enquanto ela espiava em torno dele.

Antes deles, seu pai estava congelado no ar, sendo controlado por Chukai. Os outros guerreiros Fae estavam petrificados no chão.

—Pai!— ela gritou.

Ela tentou passar rapidamente, mas Rhodack a agarrou, pressionando as costas contra o peito dele. Ele a segurou no lugar e ela lutou para se libertar.

—Me deixar ir!

—Ah, você está a tempo de me ver drenar o poder do rei das fadas— Chukai rosnou, sua força leve segurando o rei acima deles.

Os outros dois necromantes estavam atrás de Chukai.

—Corra, Larina!— O rei gritou, lutando contra seus laços invisíveis.

—Não há necessidade de ela correr. Ela será a próxima. Meu rei ficará satisfeito. Não só vamos trazer-lhe os poderes do rei das fadas, mas também da princesa — disse Chukai.

—Você não vai tocá-la.— Os músculos de Rhodack se apertaram.

—Oh? E quem vai me impedir?— Chukai provocou, seus olhos se estreitando em Rhodack. —Se você acha que a princesa empurrou o resto da magia necromante de você, então pense novamente.—

—Você não pode me controlar por mais tempo.— A respiração de Rhodack ficou presa na garganta; a sensação de ter controle de seu próprio corpo começou a desaparecer. O pânico encheu seu peito.

De novo não.

Ele soltou uma maldição e tentou mover os dedos, mas eles apertaram Rina.

Ela gritou da força de seu aperto.

—O que é que você fez?— ele rugiu. Ele a segurou para ele, levantando-a do chão.

—Eu deixo você pensar que a magia que os demônios colocaram sobre você foi embora. Você realmente acha que isso simplesmente desapareceria do jeito que aconteceu? — Chukai se gabou.

O rei rugiu.

Rina gritou em seus braços, dor evidente quando ela tentou se libertar de seu abraço.

O som quebrou seu coração de pedra.

Ele nunca machucaria conscientemente sua companheira. Sua gárgula a protegeria para sempre se não fosse pela maldita magia necromante. Sua besta rosnou, sentindo-se impotente pela primeira vez em sua longa vida.

—Eu sinto muito, Rina. Eu não posso me controlar —ele sussurrou contra seu ouvido, cheirando a sugestão de suas lágrimas. Ele queria rugir para o céu por ser a causa de sua dor, das lágrimas e de quaisquer cicatrizes de suas garras afiadas.

Como um protetor guardião, havia uma coisa que ele sabia que não hesitaria em fazer por ela.

Dê sua vida por ela.

—Eu sei— ela choramingou.

—Você tem que pará-lo— ele engasgou, tentando lutar contra o necromante sobre ele, mas ele estava perdendo a batalha.

—Mas eu não quero te machucar— ela gemeu.

—Traga-a para mim, gárgula— Chukai ordenou. —Eu acho que só por diversão, eu vou drená-la bem na sua frente, Khantar.—

—Eu vou vê-lo no inferno, Chukai— o rei estalou, com os olhos cheios de distancia como eles foram treinados sobre o necromante que estava diante dele.

Rhodack sabia que teria que se sacrificar para salvar Rina.

—Faça. Use qualquer magia que você tenha para tirá-lo— Rhodack arrastou lentamente os pés na direção do necromante. — Eu me recuso a entregá-la para ele.

Chukai moveu a cabeça e deixou um sorriso diabólico se espalhar por seu rosto enquanto observava Rhodack vir em sua direção. Um gemido escorregou dos lábios de Rina quando os braços de Rhodack se apertaram mais uma vez. Ele tinha certeza de que ele estava cortando seu suprimento de ar lentamente.

—Rina! Faça. Isto. Agora!— ele pediu.

Seu corpo endureceu e um grito saiu dela. Uma luz brilhante encheu a caverna. A energia quente chamuscou sua carne com o aumento de seu poder. A força de sua explosão de energia sacudiu o chão, enviando seu corpo voando pelo ar.

O chão era implacável quando ele caiu com um baque. Ele rolou no chão rochoso, as pedras e terra caindo ao redor dele. A dor o agarrou enquanto ele estava lá, sentindo-se se desvanecendo na escuridão.

—Rina— ele engasgou, então a escuridão reivindicou-o.



OS OLHOS DE RINA SE ABRIRAM. Dor infundiu seu corpo, e por apenas um segundo ela estava confusa.

Onde ela estava?

Ela gemeu e tentou se mover, mas encontrou-se enterrada debaixo de pedras e escombros. Ela ouviu seu nome sendo chamado e estremeceu com algo afiado cavando em seu lado. Algo quente escorria pelo seu flanco perto do que quer que estivesse cutucando sua pele.

—Rina!— A voz frenética de seu pai encheu o ar.

—Estou aqui—, ela respondeu fracamente.

Memórias a inundaram.

—Rhodack!— ela gritou, empurrando pedras e sujeira para longe dela, em seguida, se levantando para uma posição de pé.

Rhodack exigiu que ela usasse seus poderes para eliminar os necromantes. Ela hesitou no começo, não querendo machucá-lo.

Mas ele era uma gárgula.

Ele era praticamente indestrutível.

—Rina!— o pai dela gritou.

Ela apertou os olhos no escuro, vendo seu pai escalando grandes pedras, tentando chegar até ela. —Você está bem?

—Sim, você está bem?— ela perguntou. Seu olhar percorreu seu pai, encontrando-o imundo, coberto de hematomas, mas sem qualquer dano.

Ele estendeu a mão para ela, ajudando-a a descer de onde ela tinha sido enterrada.

—Estou bem.— Ele agarrou-a a ele em um abraço apertado.

Ela retornou, mas imediatamente ficou preocupada.

Onde estava Rhodack?

—O que aconteceu?— ela sussurrou, olhando em volta para a caverna aberta uma vez.

—Você quase explodiu a todos nós em pedacinhos— respondeu o pai enquanto eles examinavam os escombros.

—Rhodack!

— Rina! — uma voz ecoou com flashes de luz, proporcionando alguma iluminação.

Ela olhou para onde a abertura da caverna que levava ao exterior era pouco acessível. Os gárgulas trabalhavam freneticamente para mover as grandes pedras que enchiam a área.

—Estou aqui!— ela gritou.

A voz de Vikuth ficou mais perto. Seu pai e ela correram para onde Vikuth e seus homens estavam.

—O que aconteceu aqui? Ouvimos uma grande explosão e toda a montanha tremeu. Uma bomba explodiu aqui?— ele perguntou.

Rina e seu pai tropeçaram para ele.

Ela fez uma pausa e olhou em volta, tentando encontrar algum sinal de Rhodack.

Mas ela também percebeu que esqueceu algo.

—Onde estão os necromantes?— Ela agarrou o braço do pai.

Ele se virou para ela com uma expressão sombria no rosto. Ele balançou a cabeça em direção ao outro canto e levantou a mão, emitindo uma luz brilhante. Ela seguiu seu raio de iluminação e

engasgou, quase perdendo o equilíbrio com a visão que saudou seus olhos.

Os três necromantes foram empalados por longos fragmentos de rochas, seus corpos mortalmente imóveis. Eles caíram sobre as varas de pedra embutidas na parede da terra.

—Oh ... meu ...— Ela foi incapaz de formar uma sentença sólida enquanto olhava para sua obra. Ela engoliu em seco e balançou a cabeça.

Santa mãe de ...

—Eu tenho que encontrar Rhodack— ela murmurou, pânico subindo em seu peito.

Ela se virou e olhou ao redor da caverna e soube que Rhodack estava em algum lugar entre a destruição que ela causou.

—Espere, princesa— Vikuth gritou.

Eles continuaram trabalhando em mover as pedras para fora do caminho. Seu pai começou a ajudar a deslocar os escombros para permitir que as outras gárgulas os alcançassem.

Ela levantou a mão, sabendo que com o elo que eles já tinham compartilhado, ela deveria ser capaz de localizar Rhodack na caverna. Fechando os olhos, concentrou-se na imagem do rosto de Rhodack em sua mente.

—Rhodack. Onde está voce?— ela sussurrou. Lágrimas queimavam as pálpebras com a sensação de vazio no peito. —Não, não pode ser.

Ela se recusou a acreditar que o coração de Rhodack não estava mais batendo. Ele era um gárgula forte, praticamente indestrutível.

Ela entrou mais na caverna, tropeçando no escuro e sobre as pedras. Ela empurrou seus poderes ao redor dos escombros, tentando encontrar Rhodack.

Ela ignorou seu pai chamando seu nome enquanto continuava mais longe.

Não havia nenhuma maneira no inferno que ela estaria deixando ele enterrado nesta montanha.

Ela ofegou.

Um batimento cardíaco

Ela correu até uma pilha espessa de pedras, e a batida se fortaleceu. Ela caiu de joelhos, ignorando o ardor e se ajoelhou nos escombros. Ela começou a levantar algumas das pedras e uma mão caiu debaixo de uma delas.

Rhodack.

—Eu o encontrei!— Ela gritou, freneticamente tentando remover as pedras para que ela pudesse alcançá-lo. Ela se esforçou para

empurrar a rocha, com medo de usar seus poderes novamente. Não havia como dizer o que aconteceria se ela fizesse.

Vikuth gritou ordens quando eles conseguiram finalmente entrar na caverna.

—Mova-se, princesa. Vamos pegá-lo - disse Vikuth, correndo para o lado dela.

Mãos gentis a afastaram quando ele e algumas gárgulas começaram a arrancar o corpo de Rhodack.

—Volte, Larina. Deixe-os pegá-lo.— Vikuth envolveu-a em seus braços, uma vez que os colocou em segurança.

Seu olhar ficou colado onde as gárgulas estavam trabalhando.

—Ele é um guerreiro forte. Ele vai conseguir— disse Vikuth.

—Ele seria melhor. Eu preciso dele.

CAPÍTULO 25

Ela ficou de pé ao lado da suíte de Rhodack enquanto Vikuth e Nielsen colocavam o corpo de Rhodack na cama. Ela se recusou a derramar uma lágrima na frente do clã. Os olhos estavam sobre eles enquanto eles espreitavam pelo covil.

—O curador deve estar aqui em breve— Vikuth murmurou, chegando a ficar na frente dela.

Ela sacudiu a cabeça em um aceno de cabeça, seu olhar permanecendo na estrutura imóvel de Rhodack. Ela estava com muito medo de falar por medo de perdê-lo completamente.

O corpo machucado e ferido de Rhodack estava mortalmente parado. Seu peito subia levemente, o único sinal de vida a vista.

Mas Rina sentiu o coração bater devagar e com firmeza.

—Obrigada! — disse ela.

Uma batida soou na porta. Nielsen olhou para Vikuth, que sacudiu a cabeça em direção a ele.

—Deve ser o curador. Fique de guarda do lado de fora. Ninguém deve entrar sem a permissão de Rina— ordenou Vikuth.

—Sim senhor.— Nielsen acenou para ela antes de se dirigir para a saída.

—Ele vai superar isso. Ele estava em sua forma de gárgula, e foi isso que o salvou.

—*Faça. Use qualquer magia que você tenha para tirá-lo.* A voz de Rhodack ecoou em sua cabeça.

—Ele me disse para fazer isso.— Ela colocou o cabelo atrás da orelha e olhou de volta para ele.

—Porque, ao fazer isso, ele salvou você.

—Como ele está?

Os dois se viraram para ver um homem mais velho, com cabelos platinados passando por seus ombros, atravessando a porta. Seu corpo estava debruçado e ele caminhou lentamente em direção à cama. —É bom que ele estava em sua forma de gárgula— o curandeiro murmurou.

Ela caminhou até a beira da cama, mas o braço firme de Vikuth a impediu.

—Achmu vai curá-lo— Vikuth murmurou.

—Ele vai ficar bem?— Ela precisava ouvir alguém dizer isso.

O curador deu a volta na cama, avaliando Rhodack. Ele parou no lado da cama e levantou as mãos no ar. Ela assistiu com a respiração presa enquanto ele murmurava palavras em um idioma que ela não conhecia.

—O que ele está fazendo?— ela sussurrou, não querendo interromper seu canto.

—Uma antiga oração de cura. O corpo de Rhodack vai se curar antes que sua mente o faça— disse Vikuth.

Horas pareciam passar enquanto o curandeiro continuava seus cantos de cura. Rina sentou-se e esperou que o homenzinho terminasse seu ritual. Vikuth saíra com a promessa de voltar para verificar Rhodack.

Então Rina esperou.

Finalmente, o homenzinho se virou para ela, parecendo satisfeito com seu canto. Ele se arrastou na direção de Rina com um pequeno sorriso no rosto.

—Nosso líder de clã vai passar. Eu fiz o que podia por seu corpo. Será a sua mente que determinará quando é hora de despertar.— Achmu estava diante dela e se curvou profundamente.

—Mas espere...— ela exclamou quando ele caminhou em direção à porta.

Ele fez uma pausa e se virou para ela.

Ela se levantou da cadeira e caminhou até ele, parando na frente dele. —É isso aí? Nós apenas temos que esperar que ele acorde?

Achmu sorriu, as rugas em seu rosto se aprofundaram. —Sim, minha senhora. Eu entoei nossas orações rituais de cura, e teremos que esperar que sua mente determine quando está pronto para ele. Ele está em um sono reparador. Ele despertará quando estiver totalmente curado por dentro.

—Quanto tempo isso vai levar?— Ela deslizou o olhar para a cama. Ela não gostou de como ainda era sua forma.

—Só o tempo dirá, milady.— Ele se curvou novamente e desapareceu pela porta antes de se fechar, deixando-a sozinha na suíte de Rhodack.

Ela soltou um suspiro profundo e caminhou até a cama. Ela sentou na beirada e passou um dedo pelo rosto de gárgula dele. Lágrimas queimavam seus olhos porque ela sabia que isso era culpa dela.

Seus poderes eram tão fortes que poderiam tê-lo matado.

—Você é tão corajoso— ela sussurrou, ainda correndo a ponta do dedo ao longo de seu rosto endurecido. Ela estava sempre impressionada com a sensação de couro de sua pele de gárgula. — Mesmo sabendo que eu poderia te matar com meus poderes, você se recusou a me entregar a eles.

Ela sabia, sem sombra de dúvida, que o amava. Tudo sobre ele o fazia perfeito para ela. Ela se enrolou ao lado dele, não querendo deixá-lo. Ela ficaria ao seu lado e cuidaria dele até que sua mente determinasse que era hora de ele acordar.

Agora, seus olhos caíram quando o sono lentamente a reivindicou.



—MINHA SENHORA— uma voz sussurrou, rompendo o sonho nebuloso de Rina.

Ela choramingou, não querendo liberar o corpo de Rhodack. Subconscientemente, ela sabia que estava sonhando, mas era muito real. Ela estava puxando Rhodack dos escombros. Os necromantes estavam avançando sobre ela e ela se recusou a deixá-lo ir.

—Minha dama. Você está sonhando. Acorde.

O corpo de Rina se ergueu para a posição sentada. Ela estava no modo de ataque, pronta para proteger Rhodack. Seu olhar voou pela sala, encontrando Calista em pé ao lado da cama. Sentindo o movimento, Rina olhou ao redor. Outros membros do harém de Rhodack estavam na sala. Cada uma das mulheres tinha suprimentos em suas mãos.

—Eu estou ... me desculpe— ela murmurou, empurrando o cabelo do rosto. Ela olhou para o ainda inconsciente Rhodack.

—Não precisa se desculpar, minha senhora— respondeu Calista.

—O que você está fazendo aqui?— Rina perguntou, voltando-se para Calista.

—Por que, estamos aqui para cuidar do líder do clã e de sua companheira— Ajuki respondeu de sua posição ao pé da cama.

—Já lhe dissemos antes, minha senhora, que você e Rhodack são nossa preocupação. Temos de atender a todas as suas necessidades e, neste momento, perdoe-me por dizer, mas você precisa de um banho. — Manga acenou para ela.

Rina não tinha pensado em si mesma desde que chegaram ao covil. Ela olhou para baixo e encolheu-se.

—Há quanto tempo eu estou dormindo?— ela murmurou.

—Cerca de dez horas, minha senhora. Você deve ter sido drenada — disse uma das recém-chegadas.

Rina se lembrou das três como as que originalmente tinham ficado do lado de Avalena.

Dese, Manea e Cyan.

Ela pegou os três recém-chegados, sem saber se eles eram confiáveis.

—Eu sou Manea e sei o que você está pensando. Você tem que acreditar em nós quando dissermos que nunca machucariamos o cônjuge do nosso senhor— anunciou a segunda fêmea.

—Não, nós não iríamos. Avalena nos fez acreditar que você era apenas uma nova mulher tentando fazer mal ao nosso grupo. Nós levamos a sério pertencer a Rhodack e só queríamos protegê-lo — falou a terceira.

O olhar de Rina voou para Calista.

Ela poderia confiar neles?

—Sim minha senhora, elas são de bem, e eu acredito que elas estão arrependidos. Você só tem que conhecê-las como conheceu Manga, Ajuki e eu— assegurou Calista. —Agora, vamos limpar você.

—E quanto a Rhodack?— Perguntou Rina.

Ajuki veio e ajudou-a a sair da cama. Manga e Manea desapareceram no banheiro.

—Vamos dar-lhe um banho na cama e garantir que ele está confortável enquanto ele está no sono de cura— disse Cyan, dando um passo em direção à cama.

Os sons da água correndo ecoaram do banheiro. Rina olhou ansiosamente para os salpicos, sabendo que precisava ser limpa, mas não queria ficar longe por muito tempo do lado de Rhodack.

—Venha, minha senhora. Vamos deixar você apresentável para quando o nosso senhor despertar— Ajuki murmurou. Entrelaçando seus dedos, ela a levou do quarto.

Os cheiros de lavanda encheram as narinas de Rina quando ela entrou no banheiro. Manea e Manga prepararam grandes bacias de água quente e as levaram da sala.

—Obrigada! — ela disse para Ajuki.

—Não há necessidade de nos agradecer. Este é o nosso propósito.— Ajuki sorriu suavemente.

Rina saltou ligeiramente; mãos pequenas se aproximaram por trás dela e começaram a despi-la. Ela se virou para encontrar Dese e Calista no banco traseiro.

Dormir por dez horas deveria tê-la feito se sentir energizada, mas isso não aconteceu. Ela não tinha força de vontade para discutir contra as mulheres enquanto preparavam o banho e a ajudavam a entrar.

Ela gemeu e se acomodou na água morna. Seu corpo estava completamente curado e a água a ajudou a relaxar. Ela endureceu, sentindo duas outras figuras na água com ela.

Ela abriu os olhos e encontrou Calista e Ajuki, nus no banho.

—Não se preocupe. Estamos apenas aqui para ajudar a banhá-lo. Você passou por tanto.— Calista revelou a grande esponja de banho nas mãos.

—Venha, deixe-nos refrescá-lo.— Ajuki deslizou atrás dela.

Rina suspirou e flutuou no meio da banheira e permitiu que as duas mulheres a banhassem e lavassem o cabelo. Ela não podia segurar os gemidos de prazer da sensação de Ajuki esfregando seu couro cabeludo. Dese preparou roupas limpas e as deixou no balcão.

—Vocês todas são boas demais para mim— disse Rina.

Ajuki derramou água sobre o cabelo para enxaguá-lo. Foi por causa de Rina que seu senhor estava deitado inconsciente na cama.

—Não diga isso. A notícia se espalhou pelo covil sobre o que você fez para salvar Rhodack— ajuki repreendeu-a, alisando o cabelo molhado para trás, para longe do rosto.

—Mas meus poderes eram fortes demais. Ele me disse para fazer isso, mas ...

—E por causa do que você fez, ele está agora deitado no próximo quarto em um sono reparador. Nosso senhor vive por sua causa. Se você não tivesse feito o que fez, os necromantes certamente o teriam tirado de nós.— Calista segurou seus ombros.

Rina olhou em seus olhos e assentiu. No fundo, ela sabia que o que elas falavam era a verdade.

—Agora vamos terminar para que possamos prepará-la para quando ele acordar— instruiu Ajuki.

Elas terminaram de lavá-la, e Dese esperou com uma toalha grande e felpuda. Elas a ajudaram no banho, e Dese a envolveu na toalha. Ajuki e Calista saíram da banheira e cobriram seus corpos com mantos.

Dese ajudou a secá-la antes de lhe oferecer um roupão.

—Deixe-me pentear seu cabelo, minha senhora.— Dese a guiou até a penteadeira.

Rina mordeu a língua para não mencionar que, como uma elfa poderosa, podia piscar e se consertar. Mas ela manteria a boca fechada e os deixaria mima-la para ajudar a matar o tempo até que Rhodack abrisse os olhos.

CAPÍTULO 26

—NADA?

Khantar perguntou de sua posição ao pé da cama.

Fazia quatro dias desde a explosão. Rina acampou no quarto com Rhodack, recusando-se a sair do seu lado. Ela arrastou uma poltrona reclinável ao lado da cama na esperança de que quando ele abrisse os olhos, ela seria a primeira coisa que ele veria.

—O curandeiro disse que sua mente iria acordá-lo quando estivesse pronto e curado— ela sussurrou, desdobrando as pernas debaixo dela. Ela sentou-se na beira da cadeira e olhou para Rhodack.

—Você não pode ficar aqui o tempo todo— seu pai enfatizou.

Seu olhar voou para ele, seus ombros caídos. Ela não queria sair do quarto para encarar os olhos do pessoal de Rhodack. Ela não sabia se seria capaz de enfrentá-los sabendo que ela era a razão pela qual ele estava em coma.

—O que eu diria ou faria?— ela perguntou.

—Se você vai ser a companheira de Rhodack Gahnoth, você precisará adquirir o hábito de liderar seu povo.— Seu pai levantou uma sobrancelha para ela.

Sua respiração ficou presa quando ela se levantou lentamente da cadeira. Seu coração bateu em seu peito e seu pai lhe ofereceu um pequeno sorriso.

—Eu vejo o jeito que você olha para ele.— Ele acenou com a cabeça para a forma imóvel de Rhodack.

Ela se aproximou dele. —Mas eu pensei que você disse que meu lugar era em Faery.— Ela entrou no forte abraço de seu pai.

Seu peito vibrou com sua risada profunda. —O país das fadas sempre será sua casa, mas, por enquanto, ainda não é seguro. O que aconteceu, se voltar para caverna, só irá alimentar os necromantes. Faery terá que se preparar para o que eu tenho certeza que está chegando.

—Eu posso ajudar, pai— ela ofereceu, puxando para trás de seu abraço.

—Não, Larina. Eu sei que você sonhou com o dia em que você me ajudaria a proteger Faery, mas por enquanto, seu lugar é aqui com seu companheiro.— Ele sorriu e gentilmente segurou o rosto dela em suas mãos.

Ela ansiava pelo dia em que seria capaz de ser segurada por seu pai. Crescendo como um humana, ela estava sob a ilusão de que seu pai estava morto.

Mas ele não estava.

Ele estava diante dela e estava encorajando-a a ficar aqui na Terra. Seu olhar se moveu para Rhodack e ela sabia que seu pai estava certo.

Seu lugar era aqui ao lado de Rhodack.

—Mas e o meu lugar no trono?—

—Seu dia chegará e, quando acontecer, descobriremos isso. Mas, por enquanto, seu clã precisa de você.

Seus olhos encontraram os do pai e ela sorriu.

Seu clã.

Ela assentiu e soube que seu pai estava correto. —Obrigada pai!

Ele se inclinou e deu um beijo na testa dela e retribuiu o sorriso. —Enquanto a respiração estiver no meu corpo, Faery permanecerá. Sua mãe e eu vamos voltar lá para nos prepararmos.

—Quando você vai sair?

Eles não tiveram a chance de realmente se conhecerem. Seu coração doía que seu tempo estava chegando ao fim.

—Não pareça que você nunca mais vai me ver. O país das fadas sempre será sua casa.

—Eu quero ir, só para visitar. Ainda tenho muito a aprender — admitiu ela. Seu lugar era aqui com Rhodack, seu coração, mas Faery estava em seu sangue.

—Que podemos providenciar, mas por enquanto você deve permanecer aqui. Sua mãe e eu vamos embora à primeira luz.

Ela ficou congelada e viu o pai sair do quarto, deixando-a sozinha com Rhodack.

Seus dedos formigaram e emitiram um brilho suave.

Acorde ele.

Ela poderia?

Faça.

Ela confiantemente fez seu caminho para a cama e subiu. Ela montou o sono de Rhodack e olhou para ele. Mesmo em sua forma de gárgula, ele era a coisa mais linda que ela já tinha visto. O brilho de seus dedos cresceu quando ela os colocou em seu peito largo e coriácea.

—Acorde, meu amor— ela sussurrou, seus poderes vazando de seus dedos.

Ela procurou pelo link, o vínculo que os mantinha juntos. Aquele que, sem dúvida, os conectaria por toda a eternidade.

Aí está.

Seu batimento cardíaco.

Ela podia sentir a batida como se fosse dela mesma.

Seus poderes pulsavam, crescendo quando ela o empurrou mais para dentro dele.

— Acorde, Rhodack Gahnoth— ela ordenou, sua voz ficando mais poderosa.

Um vento suave passou no quarto, eriçando o cabelo do pescoço dela. Ela se concentrou em empurrar sua energia para seu companheiro.

Ela se conectaria com ele.

Force-o a voltar para ela.

Seu povo precisava dele.

Ela precisava dele.

Seu coração disparou e ela sabia que o tinha. Ela fechou os olhos e jogou a cabeça para trás, uma força inexplicável tomando conta dela. Ela gritou, e a energia irrompeu dela, fluindo através dela e entrando em Rhodack.

Seu corpo tremeu e o poder se desvaneceu. Seu corpo caiu para frente e apenas as mãos apoiadas no corpo de Rodack a impediram de cair sobre ele.

Suas respirações estavam chegando rápido, e ela respirou fundo, tentando controlar seu corpo. Seus olhos se abriram com o toque de uma mão suave e forte afastando a cortina de cabelo de seu rosto. Ela foi recebida com os olhos fortes e escuros de seu companheiro.

Ela fez isso!

—Rhodack— ela gritou. Ela não sabia se ria ou chorava. Em algum momento durante a transferência de energia, sem que ela soubesse, ele havia mudado de volta para sua forma humana.

—Rina— ele respirou, levando-a.

Ela se inclinou para frente e esmagou a boca na dele. A grande mão de Rhodack segurou seu rosto e ele assumiu o beijo. Seus lábios quentes dançaram sobre os dela, sua língua empurrando em sua boca. Ela automaticamente abriu a boca para cumprimentar sua língua com a dela.

Um grunhido escapou dele, e ele agarrou seu corpo e os virou com ele se estabelecendo no vale de suas coxas.

—Eu sinto muito— ela gritou, lágrimas escapando. Suas mãos voaram para o rosto dele enquanto ela o estudava. Ela se desculpava um milhão de vezes pelo que fizera.

—Não há nada para se desculpar, Rina. Eu teria dado a minha vida por você —ele admitiu, limpando suavemente as lágrimas do rosto com o polegar. Seu rosto suavizou e seus lábios se curvaram ligeiramente no canto. —Você é a coisa mais importante da minha vida.

—Por favor, nunca faça isso de novo— ela murmurou, puxando a cabeça para baixo e colocando um pequeno beijo em seu queixo coberto de barba por fazer. —Seu clã precisa de você. Eu preciso de você.

Ele entrelaçou os dedos e levantou as mãos sobre a cabeça dela. Ele empurrou a pélvis para ela, mostrando-lhe o quanto ele precisava dela. Ela engasgou, amando a sensação de sua nudez e querendo senti-lo contra sua carne nua.

Ela piscou e desejou que suas roupas desaparecessem.

—Eu sempre amarei esse truque.— Ele riu, colocando um beijo em seus lábios.

Seu pênis roçou suas dobras, e ela gemeu. Ela empurrou seus quadris para frente, exigindo que ele a tirasse de sua miséria.

—Eu sempre vou amar você— ela admitiu.

Seus olhos escureceram com a admissão dela. Ele estendeu a mão entre eles e alinhou a ponta do pênis com a sua entrada escorregadia.

—Eu também te amo.

Empurrou com força e os dois gritaram em êxtase. Seu pênis estava aninhado dentro dela, e ela nunca o deixaria ir novamente.

Ela virou seu corpo para seu companheiro, sabendo que ele estava prestes a mostrar o quanto ele a amava.

EPÍLOGO

—Clã Gahnoth!— Rhodack rugiu. Seu peito se encheu de orgulho quando seus gárgulas ecoaram o grito do clã. Em sua forma de gárgula, ele esperou impacientemente que sua companheira fosse até ele. Era hora de eles completarem o vínculo de acasalamento para que sua besta pudesse reivindicar sua companheira.

Ele examinou o mar de gárgulas. Milhares foram embalados na grande câmara. Alguns estavam em sua forma animal enquanto outros permaneciam humanos. Nas profundezas do seu mundo subterrâneo, ele estava diante de seu povo, pronto para reivindicar sua companheira.

O mercado segurava uma enorme câmara de reuniões que tinha um palco para ele ficar na frente dos deuses e de seu povo. Foi construído perto do nível mais baixo do covil, proporcionando uma área segura para todos os membros do clã convocarem. Neste estágio, ele selaria o vínculo entre ele e Rina.

Vikuth estava ao seu lado. O mar de gárgulas se separou. A respiração de Rhodack ficou presa quando sua companheira se aproximou dele.

Murmúrios encheram o ar. A multidão de pessoas avistaram a futura companheira do líder do seu clã.

Rina, vestida com um vestido azul translúcido, andou pelo corredor criado pelo mar de pessoas. Seu cabelo cor de sol caiu em ondas pelas costas. Sua coroa dourada de guerreira descansava em sua testa, denotando suas linhas de sangue reais. Ele segurou um rosnado e se maravilhou com todas as suas curvas que estavam em exibição em seu vestido sexy inspirado em Faery.

Os seis membros restantes do harém andaram atrás de Rina em uma demonstração de aceitação da companheira de seu líder de clã. Elas apoiariam e serviriam não só a ele, mas também a sua companheira. Em sua sociedade, ter o apoio do harém do líder do clã era vital.

Não havia nada que o harém não fizesse por Rina. Ela as tinha na palma da mão junto com ele e todos que a conheciam.

Ela era amada por todos e era a companheira perfeita para ele.

A companheira perfeita para liderar seu povo.

O povo deles.

Ele moveu-se para caminhar em direção à borda do palco, mas foi retido. Ele se virou para encontrar Vikuth com um sorriso nos lábios de gárgula.

—Tradição— Vikuth murmurou.

Rhodack rosnou baixo, ansioso por sua companheira vir até ele. Calista e Ajuki flanquearam seus lados, pegando suas mãos e ajudando-a a subir as escadas. Manga e Dese pegaram o seu manto e subiram as escadas enquanto Cyan e Manea caminhavam atrás delas.

O harém deveria apresentar a sua companheira para ele na frente de todo o clã. Ele avidamente olhou para ela enquanto se moviam pelo palco.

Elas a guiaram até ele. Os murmúrios diminuíram, a multidão cativada pela visão de seu senhor prestes a tomar sua companheira.

—Meu senhor— ela cumprimentou-o com um sorriso nos lábios. Ela parou na frente dele e esperou.

Calista, agora a cabeça do harém, virou-se para a multidão. Seu olhar segurou o de Rina, e ele se recusou a interromper sua conexão.

—Nós, o harém do senhor, estamos aqui para dar bênçãos à união entre Rhodack Gahnoth e a Princesa Larina Omaris, do país das fadas. A união entre esses dois é mais forte do que eu já vi antes — anunciou Calista. Ela deu um passo para trás e se virou para Rhodack.

Ele desviou sua atenção de Rina e encontrou o olhar de Calista.

—Você honrará a Rina e se comprometerá com ela como você fez comigo?— ele perguntou.

—Eu farei, meu senhor.— Calista fez uma reverência e foi até o lado de Rina.

Ajuki avançou com um arco.

—E você, Ajuki? Você honrará Rina e se comprometerá com ela como você fez comigo? ele perguntou.

—Eu farei, meu senhor— respondeu ela.

Cada membro do harém deu um passo à frente, comprometendo-se com Rina perante o clã. Depois da última mulher, a multidão gritou sua aprovação. Rina sorriu para os convidados reunidos e voltou-se para ele.

Seu harém se comprometera com ela.

O clã a amava.

Já era tempo.

—E você, Rhodack Gahnoth, líder do Clã Gahnoth — a voz de Vikuth ecoou pela câmara.

A platéia se acalmou, cativada pelo ritual.

O peito de Rhodack retumbou. Ele deu um passo adiante, suas presas doendo, e ele alcançou Rina. Ele puxou-a contra seu corpo. Seus olhos confiantes se fecharam e ela se inclinou para trás, apresentando o pescoço para ele.

Antecipação encheu o ar enquanto a multidão esperava.

Ele se inclinou e colocou o rosto na curva do pescoço dela, respirando seu delicioso aroma.

—Você vai pertencer a mim para sempre— ele murmurou contra sua pele.

—Então me reivindique, Rhodack— ela sussurrou de volta, colocando sua confiança apenas nele. —Sou sua.

Um grunhido subiu de seu peito, e ele afundou suas presas em sua carne macia, selando seu destino juntos. No segundo em que seu sangue encheu sua boca, ele sentiu o elo final entre eles forjar juntos, selando-os como parceiros para toda a eternidade.

Ele se afastou, jogando a cabeça para trás, um poderoso rugido escapando de sua boca.

Aplausos subiram e ecoaram ao redor deles. Ele olhou para Rina, com medo de que ele pudesse tê-la machucado, mas encontrou seu grande sorriso.

A pedra ao redor de seu coração não existia mais. Em vez disso, uma elfa segurava-o na palma da mão dela.

FIM

CARTA AO LEITOR

Caro leitor,

Muito obrigado por baixar o programa Stone Heart! Espero que você tenha gostado de ler. Não se esqueça de deixar um comentário depois de ler! Eu adoraria ver o que você achou da história de Rhodack e Rina! Eu me diverti muito escrevendo este livro e mal posso esperar para te trazer mais!

Leitura feliz,

Ariel Marie

SOBRE O AUTOR

Ariel Marie é uma autora que ama o paranormal, ação e romance quente e quente. Ela combina todos os três em cada uma das suas histórias. Por enquanto ela pode se lembrar, ela amou vampiros, shifters e todas as criaturas que você pode imaginar. Isso até passa para os filmes favoritos dela. Ela adora uma boa ação repleta de thriller! Jogue um toque do mundo sobrenatural nele e ela está viciada!

Ela cresceu em Cleveland, Ohio, onde atualmente reside com o marido e três filhos lindos.